

Escolinha de Arte do Brasil

CURSO INTENSIVO: A CRIANÇA DISLÉXICA E AS ATIVIDADES ARTÍSTICAS BÁSICAS À SUA REEDUCAÇÃO

LÓCAL : Escolinha de Arte do Brasil
Av. Marechal Câmara, 314-4º andar
DURAÇÃO : de 8 a 31 de julho de 1963
HORÁRIO : das segundas às sextas-feiras,
das 9,00 às 13,00 horas

A Escolinha de Arte do Brasil, com êste curso inicia campanha, visando dar, ao educador, atitudes, técnicas e conhecimentos necessários à reeducação da criança disléxica.

Aspectos psicopedagógicos e atividades artísticas fundamentais à reeducação da criança disléxica, são de grande importância para o professor interessado no processo da aprendizagem da leitura e da escrita.

A Escolinha, destacando os fundamentos psicológicos e a experiência criadora básicos ao estudo da Dislexia, procura principalmente mostrar, ao educador, quanto significa a educação através da arte em sua função integradora na escola, dando à criança maior sensibilidade perceptiva, capacidade de uso diferenciado de seus sentidos, ajudando-a em seu desenvolvimento total.

Procura, também, a Escolinha de Arte do Brasil, através dessa campanha, estimular iniciativas, possibilitando pesquisa e integração de novos métodos e processos na escola onde a função de simbolização venha a ser melhor compreendida e motivada criativamente, desde a aprendizagem da leitura, da escrita, da mímica, do desenho, etc, até as atitudes psíquicas próprias a problemas de nível mais elevado.

PROGRAMA :

- 1 - Aspectos psicopedagógicos fundamentais à reeducação da criança disléxica

Prof. Maria Helena Novaes (10 aulas)

Aulas:

- o estudo da dislexia - definições- concepção moderna, causas da dislexia - características da criança disléxica
- a avaliação psicológica da dislexia - técnicas empregadas - plano de estudo psicológico
- condições que favorecem a aprendizagem da leitura e da escrita e dificuldades mais frequentes da aprendizagem da leitura e da ortografia
- o problema da lateralidade na criança disléxica
- plano de reeducação das dislexias e principais objetivos da reeducação sensorio e psicomotora
- o estudo da organização espaço-temporal, da percepção, da coordenação visuo-motora do sentido do ritmo, da organização do esquema corporal, da capacidade de simbolização da criança disléxica
- apresentação de casos práticos e acompanhamento das fases de tratamento da criança disléxica.

2 - As atividades artísticas básicas à reeducação da criança disléxica:

2.1 - Música: ritmo e movimento

Aulas teóricas e práticas

Prof. Cecília Conde (6 aulas)

2.2 - Artes Plásticas - desenho, pintura, colagem, modelagem

Aulas práticas

Professôres: Augusto Rodrigues, Jorge Santos, Ilo Krugli, Noemia Varela (8 aulas)

2.3 - Expressão Corporal

Aulas teórico-práticas

Prof. Luís de Lima (4 aulas)

2.4 - Trabalhos Espontâneos em Madeira

Aulas práticas

Professôres: Ilo Krugli e Pedro Touron (4 aulas)

2.5 - Mão-Personagem

- plástica do gesto expressivo
- exercícios rítmicos
- humanização do movimento
- síntese e expressão - interpretação
- dramatização

Aulas práticas

Professôres: Ilo Krugli e Pedro Touron (5 aulas)

Palestras:

Arte na Educação - prof. Augusto Rodrigues

Arte e Reabilitação - dra, Nise da Silveira

DA MATRÍCULA :

- ser professor, psicólogo, educador especiali
zado, médico, orientador educacional;
- para a ficha de inscrição trazer uma fotografi
a no tamanho 3 x 4;
- sendo bolsista, apresentar credenciais da
instituição ou do responsável pela bolsa;
- a taxa única deverá ser paga no ato de ins-
crição: R\$ 12 000,00

A Escolinha fornecerá todo material

DA FREQUÊNCIA :

o certificado de conclusão do curso será da-
do ao aluno que tiver 75% de frequência, no
mínimo.

Escolinha de Arte do Brasil

CURSOS-ESTÁGIOS-EXPOSIÇÕES DE ARTE INFANTIL
programados para o 1º semestre de 1964

CURSO INTENSIVO DE ARTE NA
EDUCAÇÃO

de abril a julho
professôres dos cursos primário e de nível médio, artistas e educadores terão através dêste curso treinamento e aperfeiçoamento - atitudes básicas à integração de experiências criadoras no currículo da escola

CURSO INTENSIVO : "A CRIANÇA
DISLÉXICA E AS ATIVIDADES ARTÍSTICAS BÁSICAS À SUA RE -
EDUCAÇÃO"

A Escolinha, organizando êste curso, promove campanha com objetivo de dar ao professor, especialmente da escola primária, conhecimentos e técnicas básicos à reeducação da criança disléxica

curso também para todo educador interessado no processo da aprendizagem da leitura e da escrita, destacando em seu currículo, não somente os aspectos psicopedagógicos fundamentais ao estudo da dislexia como também a dinâmica das atividades artísticas no processo da reeducação

duração : de abril a maio

- CURSO DE FANTOCHES a cargo dos artistas Pedro Tournon e Ilo Krugli
período: março a novembro
- A EXPRESSÃO CORPORAL NO TEATRO E NA EDUCAÇÃO a cargo do artista Luís de Lima, para artistas e educadores
duração : março-abril
- CURSO DE ESMALTAÇÃO EM COBRE a cargo do artista Pedro Correia de Araújo
duração: fevereiro-março
- CURSO DE ESTAMPAGEM EM TECIDO a cargo do artista Pedro Correia de Araújo
duração: junho-julho
- CURSO DE GRAVURA EM METAL a cargo do artista Orlando da Silva
aulas em regime de atelier livre
curso regular, de janeiro a dezembro
- CURSO DE XILOGRAVURA a cargo da artista Laís Aderne
aulas em regime de atelier livre
curso regular, de janeiro a dezembro
- CURSO DE DESENHO E PINTURA PARA JOVENS a cargo da prof. Laís Aderne
curso regular, de janeiro a dezembro

CURSO DE ATIVIDADES ARTÍSTICAS PARA CRIANÇAS

contando com 4 classes para crianças de 4 a 12 anos curso regular, de janeiro a dezembro

ESTÁGIO PARA PROFESSORES

período mínimo de 3 meses, recebendo a Escolinha de Arte do Brasil, professores do Brasil e do exterior

EXPOSIÇÕES DE ARTE INFANTIL

Intercâmbio cultural, visando difusão de experiências no campo da arte na educação

- desenho, pintura, colagem, gravura de alunos das Escolas de Arte do Brasil

mostra a ser feita como parte do programa de inauguração do " Colégio Experimental Paraguai-Brasil, em Assunção, Paraguai, em março, sob os auspícios do Ministério das Relações Exteriores do Brasil

- desenho, pintura, colagem, gravura de crianças e jovens japoneses

mostra a ser realizada com a colaboração da Embaixada do Japão, na Escolinha de Arte do Brasil, em maio

Escolinha de Arte do Brasil, Av. Marechal Câmara, 314-4º and.
Rio de Janeiro - Guanabara - fevereiro 1964

A ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL é uma sociedade civil com sede e fôro no Estado da Guanabara. Tem como finalidade desenvolver a capacidade criadora da criança visando ao seu desenvolvimento estético, assim como ao seu ajustamento emocional e social. Lidera no país amplo movimento pela integração das atividades criadoras em todo processo educativo. Estimulou e criou em vários Estados do Brasil, 25 Escolas congêneres, servindo de campo de observação, experiência e treinamento de todos os professores do país e do exterior. Desde a sua fundação em 1948, vem desenvolvendo intenso trabalho de difusão através de exposições, cursos e conferências, obtendo mediante êste trabalho o reconhecimento de suas qualidades, tanto no âmbito nacional como internacional. Em colaboração com o Ministério das Relações Exteriores criou 2 Escolinhas no exterior - no Paraguai e na Argentina, estando dentro do seu plano, criar novas Escolas em todos os países da América Latina no prazo de 5 anos.

CRIANÇAS E JOVENS
DA
ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL



EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA DO 60.º ANIVERSÁRIO
DA
ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS

JULHO

1953

APRESENTAÇÃO

Prestigiando os grandes movimentos de arte e cultura no Brasil como uma das partes essenciais de seu programa, a Associação Cristã de Moços não poderia ficar indiferente à obra da Escolinha de Arte, instituição criada por Augusto Rodrigues pioneira e inspiradora de idênticos movimentos em todo o país. Esta mostra de arte infantil e juvenil que hoje apresentamos como valiosa contribuição aos festejos comemorativos do 60.º aniversário da A. C. M. é menos uma homenagem ao pintor laureado com o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro no Salão de Arte Moderna, do que ao artista que lançou os fundamentos de uma autêntica escola de artes plásticas destinadas às crianças brasileiras. Sobre a importância desse trabalho e de seus resultados julgamos oportuno transcrever as palavras de um crítico como Antonio Bento, referindo-se à II Exposição Nacional de Arte Infantil: "Uma exposição, que suplanta em interesse e importância o próprio Salão Nacional de Belas Artes". A seleção dos presentes trabalhos, organizada por Lucia Alencastro, atual diretora da Escolinha de Arte reúne trabalhos de criação original, que não obedecem a modelos impostos aos artistas infantis. São desenhos, recortes, pinturas, gravuras em metal e xilogravuras, enfim, trabalhos que desvendam o maravilhoso mundo criado pela prodigiosa imaginação dos pequenos artistas, que se exprimem com inteira liberdade e transmitem suas emoções em toda a sua plenitude criadora. Crianças, assim, em estado de graça, fazem-nos pensar no conceito de Anatole France definindo as manifestações infantis: "as crianças são pequenos gênios". Num mundo conturbado por tremendas crises políticas e desajustamentos sociais essa mostra de arte, pela sua expressão de poesia e lirismo, candura e emotividade encerra uma mensagem de amor e honestidade aos adultos, políticos, homens do povo e mesmo aos velhos pintores que não deverão ser insensíveis a esta lição de pureza.

A ESCOLINHA

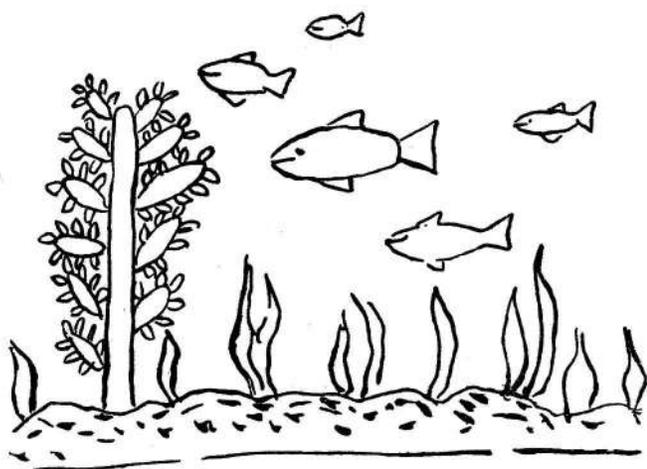
A verdade da arte não está na realidade visual, mas na dos sonhos, esperanças e aspirações que vivem no fundo de cada ser humano.

Sem a técnica que a experiência traz ao adulto, a manifestação artística infantil se compensa amplamente pela vivacidade de imaginação, que nem sempre procura o desconhecido e surpreendente mundo dos grandes e gosta de passear, liberta, nos domínios da fantasia e do maravilhoso. Esta imaginação, feita de necessidades inexprimidas, de esperanças e de surpresas. é parte de sua consciência, e quase toda a inconsciência.

Desconhecendo teorias de "Arte", snobismo ou pretensões artísticas — brincando apenas, — o trabalho destas crianças é expressão pura, um tesouro desejado em vão por muitos grandes artistas e encontrado por alguns dos maiores,

Às vezes, ao longo da adolescência, certas crianças parecem perder sua facilidade para exprimir-se livremente. Autocrítica? Sobrecarga de obrigações escolares? Crise provocada pelo encontro dos padrões do mundo adulto? Escolas de psicologia gastam com o problema apreciável porção do seu interesse, e professores sensíveis veem observando com surpresa e prazer que a capacidade criadora da criança não se frustra necessariamente nestas primeiras fases, se no momento crítico encontrar um novo centro de interesse. Assim a gravura, o desenho do natural, a cerâmica, etc. são fontes preciosas de emoção estética e oportunidade para aplicação interessante de experiências anteriormente adquiridas.

Mostramos aos nossos visitantes alguns trabalhos realizados na Escolinha de Arte. E esperamos encontrar compreensão e solidariedade no coração de todos eles. Esperamos dividir com eles o nosso sonho de oferecer a um número cada vez maior de crianças e adolescentes a oportunidade rara de desenvolvimento estético e ajustamento emocional e social que o exercício constante das técnicas de arte proporciona.



DA IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES ARTÍSTICAS NA REEDUCAÇÃO DOS DISLÉXICOS

Impressão Escolinha de Arte do Brasil, Avenida Marechal Câmara, 314-4º andar - Rio - Gb - Jan. 64

DA IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES ARTÍSTICAS NA REEDUCAÇÃO DOS DISLÉXICOS

MARIA HELENA NOVAES

professôra de Psicologia Educacional da Pontifícia Universidade Católica-PUC, professôra de Psicologia do Instituto Social - PUC , e da Escolinha de Arte do Brasil, Psicóloga do Instituto de Seleção e Orientação Profissional-ISOP-da Fundação Getúlio Vargas, e do Serviço de Orientação Psico-Pedagógica da Escola Guatemala - INEP - MEC.

Os aspectos psicopedagógicos e as atividades artísticas fundamentais à reeducação da criança disléxica são de grande importância para o professor interessado no processo da aprendizagem da leitura e da escrita, no ensino criador pelo qual a função de simbolização possa ser melhor compreendida e motivada criativamente.

A Escolinha de Arte do Brasil, dando destaque aos fundamentos psicológicos e à experiência criadora básicos ao estudo da dislexia, através do curso intensivo "A criança disléxica e as atividades artísticas básicas à sua reeducação" - dado no período de 8 a 31 de julho de 1963, procurou principalmente mostrar, ao educador, quanto significa a educação através da arte em sua função integradora na escola, dando à criança maior sensibilidade perceptiva, capacidade de uso diferenciado de seus sentidos, ajudando-a em seu desenvolvimento total.

Esta publicação, englobando programa do curso e resumo das aulas da professora Maria Helena Novaes, representa nossa contribuição não somente para incentivar o interessado nesse campo da educação, como também visando a oferecer ao educador elementos para que possa dar maior ajuda às crianças.

DA IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES ARTÍSTICAS NA REEDUCAÇÃO DOS DISLÉXICOS

As atividades artísticas desempenham, na reeducação dos disléxicos, papel de relevante importância, uma vez que favorecem a livre expressão criadora das crianças, propiciando condições favoráveis à ação espontânea que descondiciona bloqueios emocionais, sentimentos de minusvalias e de insatisfação, muito peculiares à criança disléxica e resultantes dos contínuos insucessos na aprendizagem da leitura, e posteriormente, da escrita. Por outro lado, seja através da música, da pintura, da modelagem, a criança é levada a uma disciplina significativa no domínio da percepção do espaço e do tempo, integrando os seus movimentos a diferentes estruturas rítmicas, conseguindo uma melhor orientação espaço-temporal.

A coordenação psicomotora, um dos pontos básicos da reeducação dos disléxicos pode ser também muito explorada na aprendizagem das atividades artísticas, pois constatamos que método, sistematização, harmonia de gestos estão presentes tanto na execução de um exercício específico de ginás-

tica, como numa dança rítmica e expressiva, bem como na manipulação de fantoches ou numa atividade de pintura com os dedos.

O sentido da proporção, do equilíbrio, da noção de intervalo, de posição podem igualmente ser explorados na reeducação da criança disléxica através das atividades artísticas, ao mesmo tempo que o problema do domínio do esquema corporal e da lateralidade podem encontrar soluções práticas e oportunas que visem o reforço de uma lateralidade unilateral adequada a um bom domínio do corpo.

A capacidade de simbolização da criança disléxica, muitas vezes comprometida, pode ser devidamente explorada e incentivada através da arte dramática, da arte literária, da verbalização das demais atividades e da associação da expressão verbal à expressão gráfico-plástica.

A introdução sistematizada da criança no mundo das formas, das cores, das linhas e volumes, em suas infinitas combinações, le-

vando-a a uma atividade contínua de discriminação, planejamento e organização destes elementos, favorecerá a aprendizagem dos símbolos gráficos impressos e manipulação exata dos mesmos. Sabemos que a assimilação sensorio-motora faz com que a criança estruture o meio e organize a sua atividade, assim como, a assimilação racional faz com que elabore o universo da ação em termos de pensamento e organize a sua razão, aspectos estes, integrantes das atividades artísticas.

Atualmente, grande ênfase é dada à educação da sensibilidade da criança porque está diretamente ligada ao desenvolvimento da afetividade e ao desenvolvimento intelectual, ora, as atividades artísticas em muito favorecem esta educação levando o indivíduo a encontrar um equilíbrio destes setores e um índice de ajustamento mais expressivo, tanto em relação a si mesmo, como em relação ao meio ambiente. Assim sendo, a criança disléxica se beneficia duplamente da dinâmica das atividades artísticas, pois é

favorecida na sua linha de desenvolvimento pluridimensional e, ao mesmo tempo, tem oportunidade de automatizar certos mecanismos que estavam deficitários e comprometiam o processo da aprendizagem escolar.

A reeducação dos disléxicos, através das atividades complementares artísticas tem a vantagem de criar novos estímulos para motivar a criança porque oferece uma pluralidade grande de situações, de material, de recursos, seja através das atividades de desenho, de colagem, do recorte, da gravura, do desenho bordado, do desenho com os dedos, da modelagem, da dança, da banda rítmica, das histórias dramatizadas, do teatro de fantoches, da expressão dramática, do canto, das atividades artísticas individuais ou em grupo.

Naturalmente, certa adaptação das técnicas, muitas vezes se faz necessária, a fim de serem obtidos resultados mais concretos e objetivos, além de um controle maior dos progressos das crianças, entretanto, isto não se tor-

na problema no ensino das atividades artísticas, dada a enorme variedade de técnicas que podem ser utilizadas, bem como a riqueza de recursos e de material de que dispõem. O que é importante é a atitude da orientadora destas atividades que deve controlar os resultados e adaptar o ensino e as atividades ao nível intelectual, de escolaridade e da dislexia da criança, conservando porém o clima de espontaneidade e de livre criação das crianças.

Concluindo, podemos afirmar que um plano de reeducação dos disléxicos ficará mais rico e amplo se contar com a contribuição das atividades artísticas nas suas múltiplas formas.

O ESTUDO DA DISLEXIA

DEFINIÇÕES :

O termo geral de dislexia aplica-se a toda dificuldade de aprendizagem da leitura que apresenta a criança, ou seja, a toda dificuldade em identificar, compreender e interpretar os símbolos gráficos da leitura, desencadeando por sua vez dificuldades na escrita.

Muitas vezes classifica-se como dislexia dificuldades de leitura que são resultantes de uma iniciação deficiente, exercícios inadequados, métodos precários de alfabetização, motivação fraca para a leitura etc. Assim, a noção de dislexia específica é muito mais restrita, trata-se de dificuldades na aprendizagem da leitura em crianças normalmente desenvolvidas nos demais setores onde não intervém a linguagem e cujos distúrbios não possam ser explicados por condições sociais e familiares não satisfatórias, déficits visuais ou auditivos, frequência escolar irregular, nível intelectual deficitário, que condicionam as dislexias aparentes.

André Rey afirma : as verdadeiras dislexias são distúrbios circunscritos que resultam de limitações sensoriais diretas ou de anomalias na organização dinâmica dos circuitos cerebrais responsáveis pela coordenação visuo-auditivo-verbal que asseguram o complexo ato da percepção e compreensão da linguagem escrita. A criança, portanto, não pode realizar um comportamento léxico eficaz partindo das formas e do esquema de exercícios que, habitualmente, levam o aluno a adquirir o mecanismo da leitura.

Francis Kocher diz que o termo de dislexia de evolução, que designa os mesmos distúrbios da dislexia específica, é mais utilizado para insistir no fato que esta dificuldade de aprendizagem da leitura, desaparece, totalmente ou parcialmente, ao longo da evolução do indivíduo. Esta constatação faz com que se compreenda com mais facilidade a variedade das manifestações da dislexia diretamente ligada ao grau de gravidade do distúrbio e à idade do indivíduo. Portanto, identificar a tempo uma dislexia

de evolução é prestar à criança, aos pais, e aos professôres um serviço inestimável.

A ORIGEM DA DISLEXIA ainda não foi devidamente elucidada sendo provável que as pesquisas modernas no terreno da fisiologia do sistema nervoso venham a clarificar melhor o problema. Por outro lado, as manifestações da dislexia e a sua evolução têm sido amplamente divulgadas e estudadas.

O que é importante elucidar é que muitas manifestações da dislexia aparecem em várias crianças antes da aprendizagem da leitura ou no princípio da mesma, entretanto, na criança disléxica elas subsistem por mais tempo do que na criança normal.

As estatísticas realizadas em diversos países demonstram que a dislexia é, na maioria dos casos, hereditária e que 5% a 10% das crianças apresentam êste distúrbio, diminuindo a percentagem com a idade e que é mais freqüente no sexo masculino do que no feminino. Especificamente as estatísticas americanas registram uma percentagem

de 10% a 15% da população escolar com dificuldades de leitura, sendo que o número de meninos incluídos é três vêzes maior do que o das meninas.

FAZENDO UM BREVE HISTÓRICO dos estudos da dislexia, foi focalizada por Kussmaul, em 1877, como cegueira visual e como uma deficiência da evolução. Em 1929, Orton classificou a dislexia específica como algo que não poderia ser enquadrado no termo cegueira visual e qualificou-a "strephosimbolia" (torsão de símbolos), declarando que a criança, teoricamente inteligente e bem adaptada, não começa a ter dificuldades senão quando depara com a palavra impressa.

É preciso focalizar no estudo da dislexia dois pontos importantes: é síndrome quando se trata da dislexia de evolução ou específica e é sintoma quando decorre de outro quadro patológico, como por exemplo nos casos de oligofrenias, perturbações mentais ou neurológicas.

CAUSAS DA DISLEXIA :

Como muitas atividades, normais ou patológicas do homem, a dislexia é geralmente um distúrbio de origem fisiológica. Sabemos que é da atividade nervosa superior, da qual o centro é a córtex cerebral, que depende grande parte das atividades do indivíduo. O hemisfério esquerdo do cérebro tem sob a sua dependência o lado direito do corpo e o hemisfério direito o lado esquerdo do corpo. Em cada indivíduo constatamos uma predominância normal de um hemisfério sobre o outro, assim o indivíduo dextro tem como predominante o hemisfério esquerdo e vice-versa. Geralmente, é no hemisfério esquerdo que se encontra o centro da linguagem. Esta lateralização efetua-se progressivamente durante o período da infância, contudo, em certos indivíduos o processo é mais lento, fica incompleto ou toma formas variadas (por ex.: a criança é simultaneamente dextro da mão e sinistro do pé etc.. apresentando os quadros típicos da lateralização cruzada). Assim, o contróle cortical é desde logo perturbado, o que justifica vá-

rios distúrbios da linguagem e da dislexia.

Muitos estudos estatísticos evidenciaram a presença freqüente de uma má lateralização e de distúrbios de linguagem nos casos de disléxicos, numa população normal. Em 1950, B. Halgreen constata distúrbios de linguagem falada em 23% dos disléxicos e casos de canhotismo em 18%. Kagen em 1943 encontrou um atraso na evolução da linguagem em 30% de disléxicos. Mme. Roudinesco observa que 50% dos disléxicos são canhotos (indicações registradas no nº 7, 8, 1955, da revista *Enfance*). J. Ajuriaguerra e N. Granjon constata uma freqüente ambidextria nos disléxicos, sobretudo até a idade de 10 anos, salientando que a desorganização das funções simbólicas está ligada à dominância hemisférica (revista "*Encéphale*", nº 5, 1953). Por conseguinte, os distúrbios da lateralização estariam em relação direta com os distúrbios espaço-temporais que são freqüentemente encontrados nos casos de dislexia, uma vez que: " A criança bem lateralizada apresen-

ta na sua dextridade ou na sua sinistridade pontos de referência direcionais precisos e a criança mal lateralizada, ou que apresenta a lateralidade contrariada, perde os pontos de referência importantes para as suas condutas construtivas e organizadoras. Entretanto, a experiência demonstra que é impossível aplicar esta regra a todos os casos de dislexia, pois encontramos disléticos com ou sem distúrbios de lateralização, com ou sem maiores distúrbios de linguagem, com ou sem distúrbios afetivos e mesmo com ou sem desorganização temporo-espacial. Contudo, cada um destes tipos de disfunção pode desempenhar um papel muito importante na desorganização léxica e na maioria das vezes encontramos disfunções conjuntas" (J. Ajuriaguerra, L'Apprentissage de la lecture et ses troubles, P.U.F.).

Enfim, Cl. Launay e M. Soulé resumem numa teoria os elementos destacados por Ajuriaguerra, Zazzo, Mme. Granjon e Mme Borel Maisonnay que são os seguintes :

- 1 - Os distúrbios gnósticos do ritmo (no tempo e no espaço) que explicam os distúrbios da palavra, ligados à dificuldades que integram o simbolismo dos conjuntos de letras e desenhos (assimbolia);
- 2 - Os distúrbios práticos do ritmo que explicam a apraxia ocular, os distúrbios do esquema corporal e a má lateralização.

CARACTERÍSTICAS GERAIS DA CRIANÇA DISLÉTICA :

- De modo geral os disléticos apresentam certos déficits no domínio da percepção, da motricidade, da organização temporo-espacial.

cial, da capacidade de globalização, no domínio do esquema corporal, na dominância lateral, podendo ser acrescentados distúrbios da atenção, da memória e outros déficits sensoriais.

Convém deixar bem claro que quando estamos falando de crianças disléxicas eliminamos naturalmente aquelas que apresentam enfermidades graves neurológicas e déficits sensoriais intensos. O que se observa é que o disléxico embora tenha uma acuidade auditiva normal tem dificuldade de distinguir sons parecidos como por ex: p, b; d, t; f, v; m, n etc. Esta dificuldade específica de perceber os excitantes auditivos mais complexos torna-se patente quando se pede ao disléxico de reproduzir exatamente uma rítmica dada pelo examinador. Na repetição dos grupos de sons registramos: generalizações, inversões, omissões ou então uma incapacidade de reproduzir aproximadamente a palavra. Estes distúrbios da percepção auditiva podem levar a criança a um atraso no desenvolvimento da linguagem e como, em geral, apresentam também dificul-

dade de análise dos elementos, a percepção de palavras e frases fica prejudicada. Como a linguagem falada e escrita têm muita relação entre si, a criança disléxica começa a apresentar dificuldades de ortografia.

Mira Stambach no seu estudo sobre o problema do ritmo nas dislexias de evolução chegou a conclusão que os disléxicos tinham dificuldades na percepção e na reprodução de estruturas rítmicas.

Quando se fala em percepção deve-se sempre levar em conta o fator motricidade, uma vez que estas duas atividades são mutuamente condicionadas: a qualidade da percepção é efetivamente função da atividade do indivíduo, portanto da motricidade e vice-versa.

Assim, a percepção visual de um contorno depende no seu estágio inicial, dos movimentos dos olhos, condicionados êles mesmos, entre outras, pelas experiências sensorio-motoras anteriores do indivíduo. Estes distúrbios dos

dislêxicos consistem em dificuldades de análise e de síntese sobretudo dos excitantes auditivos e visuais. Exemplificando: dificuldades para perceber fonemas isolados ou sucessão de fonemas, símbolos gráficos isolados ou sucessão de símbolos, donde resulta uma memorização deficiente de correspondência entre um som e outro, ou sucessão de sons.

No domínio da leitura é sobre a palavra que o olhar do indivíduo tende a se fixar, porque a criança procura sempre introduzir novas palavras no seu vocabulário, portanto, a linguagem falada desenvolve-se a partir de uma percepção auditiva global. Aprender a ler consiste essencialmente em estabelecer ligações novas entre a letra impressa e o som que ela representa. A criança deve portanto responder de maneira organizada aos sinais visuais, devendo traduzir uma seqüência no tempo e no espaço. A inaptidão para formar tais associações ou o bloqueio destas associações são a origem de tôdas as dificuldades de leitura. Com efeito, não podemos assimilar a noção do espaço

independentemente da noção do tempo, ora o dislético apresenta dificuldades de análise e de síntese do que êle percebe auditivamente, ou seja, no tempo, por conseguinte, encontra dificuldades de organizar um sentido preciso a análise e a síntese daquilo que êle percebe pela vista, isto é, no espaço. Contudo, as dificuldades de orientação espacial que aparecem nos disléticos não devem ser consideradas apenas como conseqüências das dificuldades de orientação temporal, uma vez que os dois aspectos temporal e espacial a rigor não devem ser dissociados, visto que o movimento se produz ao mesmo tempo no espaço e no tempo.

A má estruturação do espaço no dislético manifesta-se no princípio por uma dificuldade em situar as diversas partes do seu corpo, umas em relação às outras; as noções de alto, baixo, em frente, atrás e, sobretudo, direita e esquerda são confundidas, o que no domínio da leitura conduz à confusão entre certas letras como p, q; d, b; u, n; p, b etc. Cada elemento da letra é percebido

isoladamente e corretamente, mas as relações que a criança estabelece entre eles não são estáveis pois dependem sobretudo do sentido de deslocamento do seu olhar (esquerda-direita ou direita-esquerda) e na criança disléxica o olhar não segue forçosamente a direção esquerda-direita, mudando em apenas alguns segundos, várias vezes de direção. Por outro lado, a criança não se situando de maneira precisa no que diz respeito ao seu corpo no espaço bi-dimensional, é normal que encontre dificuldades e faça confusão na análise da direita e esquerda do mundo exterior. É este o mesmo processo que explica as inversões cinéticas (ex.: a criança lê pa por ap). As omissões de letras e de palavras podem também ser consequência do defeito de organização da percepção visual. Os disléxicos saltam frequentemente de uma linha para outra no decorrer da leitura, enganam-se de linha, quando devem voltar à extrema esquerda da página porque isto representa um trabalho prolongado de organização do que ele percebe e da canalização do seu olhar. Assim, é

comum o disléxico seguir a leitura com o dedo, adotar como defesa um sistema de leitura silábica, precipitada que é entravada a todo instante pelas dificuldades que encontra, inventando palavras. Ora, encontrando tanta dificuldade na decifração da leitura é lógico que o disléxico preste pouca atenção ao que lê o que impede que conte o que leu, mesmo se aparentemente não cometeu muitos erros, acrescentando o fato que conhece mal o valor dos sinais de pontuação que aliás, são pouco respeitados.

Quando se trata da leitura de números não apresenta tantas dificuldades, isto porque o excitante visual é menos complexo (só 10 sinais a aprender), a quantidade de elementos a analisar é pequena e na leitura de números não existem tantos problemas de fonética.

Com a finalidade de diagnosticar uma dislexia específica é preciso proceder a uma análise quantitativa e qualitativa das suas "performances", pois os disléxicos apresentam por vezes atrasos no

desenvolvimento motor e, em muitas ocasiões, obtém bons resultados nas provas de atividades musculares mas falham nas provas de coordenação motora. Orton demonstra que é freqüente encontrar-se nas crianças disléxicas, além das características da disgrafia, as da dispraxia.

O teste de Bender-Gestalt avalia bem as "performances" visuo-motoras da criança disléxica. Em pesquisa realizada no Bellevue Hospital de Nova York, (destacada por Katrina de Hirsh na Revista "Enfance" nº 2, 1954), verificou-se que as crianças disléxicas apresentavam não somente uma tendência à verticalização e dificuldades de angulação, mas de modo geral, uma grande insuficiência na sua percepção global. Mesmo em crianças de maior idade foram registradas dificuldades em copiar figuras entrelaçadas e apresentavam o que Goldstein chama de "caráter concreto das performances motoras." Já o teste de Goodenough serve para determinar a aptidão da criança em trabalhar com o espaço na sua tridimensionalidade, tendo Gallifret-

Granjon realizado interessante pesquisa para determinar a aptidão da criança disléxica na sua organização espacial. Além disso, este teste também serve para verificar o desenvolvimento da noção do esquema corporal, pois registra-se quase sempre um atraso no desenvolvimento da configuração da imagem corporal.

A criança disléxica caracteriza-se pela contradição entre a capacidade de raciocínio e nível intelectual que apresenta e os péssimos resultados na aprendizagem da leitura e, muitas vezes, na ortografia e redação. Geralmente não tem dificuldades em aritmética.

Quando afirmamos que uma criança está pronta para aprender a ler, por volta dos 6 para 7 anos de idade, queremos lembrar o fenômeno essencialmente complexo no qual intervém o processo da maturação e as predisposições constitucionais. Os indivíduos embora apresentem os mesmos Q.I. podem ter uma grande variedade de aptidões em relação à interpretação dos símbolos falados ou

impressos. Assim, uma criança pode ser amadurecida para a aprendizagem da leitura aos 5 anos e 10 meses e, outra, com o mesmo Q.I. só estar aos 7 anos e 2 meses.

Weiss ao examinar crianças com dificuldades de leitura fez pesquisa dos antecedentes familiares destas crianças e na proporção de 7 para 10 casos encontrou o que denominou casos de "desquilíbrio central de linguagem" que variavam bastante de intensidade.

Nos disléxicos não foram registradas perturbações nos aspectos receptivos e expressivos da linguagem, através de rigoroso exame neurológico.

Borel-Maisonny salienta a necessidade de ser feita sistematicamente no exame dos disléxicos a sondagem da linguagem oral no seu duplo aspecto: de expressão e de retenção. Muitas crianças sofrem do que se chama surdez verbal residual que prejudica o aspecto de retenção da linguagem oral e vai ocasionar, mais

tarde, outros distúrbios mais graves. Nas clínicas pediátricas quando aparecem crianças de 3, 4, 5 anos com distúrbios de linguagem podemos prever que numa base de 40% terão futuramente dificuldades para a leitura.

Outro aspecto a destacar, é o de muitas crianças disléxicas serem hiperativas, desorganizadas e distraídas e então nos perguntamos se esta turbulência será uma expansão de pressões e tensões internas e externas, ou um estado ansioso grave está bloqueando uma normal "performance" da criança. Em inúmeros casos estudados de dislexia ficou comprovado que estas crianças já apresentavam um gênero específico de motilidade, antes de terem construído uma superestrutura neurótica.

Dr. Silver estudou a motilidade destas crianças e constatou que os seus reflexos de apôio são primitivos, a lateralidade é confusa (o que justifica a tendência para as reversões estáticas e cinéticas e nas relações espaciais dos desenhos), havia certa disritmia, imaturidade nervosa e percepção reduzida.

Finalmente, muitos psiquiatras americanos querem atribuir uma origem psicogênica a maioria dos casos de dislexia que seriam o resultado das sérias limitações das tendências instintivas.

Em síntese podemos concluir com Katrina de Hirsh, que as crianças atingidas por uma dislexia específica apresentam sinais de imaturidade no seu comportamento neurológico, fisiológico, motor, perceptual e conceitual. Revelam um atraso no seu desenvolvimento que se exterioriza pela incapacidade de interpretar símbolos impressos e, por outro lado, dificuldades de integração nas condutas emocionais e sociais próprias da sua etapa evolutiva.

É muito comum confundir-se a incapacidade para a leitura com a incapacidade para a aprendizagem, daí resultando erros de diagnóstico e de tratamento.

Todos sabem que a incapacidade para aprender pode ter muitas causas: inteligência inferior, que trará dificuldades de leitura, mas de natureza secundária e

não, específica, distúrbios emocionais provindos de sentimentos de inferioridade, de insegurança, astenia, hiperemotividade, agressividade excessiva, inibição exagerada, distúrbios físicos, patológicos, excessiva mobilidade escolar, métodos de ensino inadequados etc. É muito simples verificar-se de onde vem esta confusão entre a dificuldade de aprendizagem e a dificuldade da leitura. Uma criança que constantemente fracassa na leitura pode apresentar uma incapacidade de aprendizagem por duas razões: 1-ela é forçada a fracassar nas matérias onde a leitura é imprescindível, uma vez que nas classes mais adiantadas é sempre utilizada; 2-as dificuldades emocionais secundárias podem aparecer na criança que não consegue satisfazer às expectativas dos pais, professores e do grupo, portanto está sempre fracassando, apesar dos seus esforços, tornando-se inquieta, turbulenta e agressiva, ou tímida, inibida, bloqueada e deprimida.

Portanto, quando tratamos com casos de dislexia é muito importante a investigação dos antece-

dentes familiares, pressões ambientais, fracassos anteriores, adaptação ao grupo escolar, métodos de ensino empregados, tipo de comportamento da criança etc.

As dificuldades da leitura da criança devem ser cuidadosamente avaliadas a fim de serem corrigidas de maneira eficaz, fornecendo-se meios cinestésicos, auditivos e visuais e explorando-se as vias sensoriais a fim de ajudá-la a superar as suas dificuldades de organização, globalização e de associação.

Halgreen considera que há uma dislexia específica quando se constata :

- 1 - dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita ;
- 2 - discordância entre o nível mental geral e o nível em ortografia e em leitura ;
- 3 - discordância entre os resultados em leitura e em ortografia comparados com os resultados nos outros ramos de ensino, sobretudo o cálculo;
- 4 - nível de leitura e de ortografia nitidamente abaixo do

nível de leitura e de ortografia da classe.

Se levarmos em consideração estes critérios constatamos que uma média de 17 % da população escolar teve dificuldades para a aprendizagem da leitura nos limites de tempo habituais. Naturalmente, o nível intelectual influi e verificamos que os que apresentam nível em zona limítrofe da normal e abaixo da média são mais lentos no processo da aprendizagem da leitura, tendo sido este fator levado em consideração e não pesando no grupo dos 17 % que apresenta inteligência normal, entretanto, nem todos alunos apresentam as características de Halgreen; fazendo um estudo em profundidade levantamos a percentagem seguinte para os disléxicos - 3,4 % com um índice maior para os meninos do que para as meninas.

Através de testes de leitura padronizados chegou-se à conclusão que as crianças que lêem mais rapidamente são as que lêem mais corretamente, sobretudo na idade de 7 anos. Nesta idade porém de-

ve-se dar muita importância ao registro dos erros e natureza dos mesmos. A percentagem das dificuldades graves de leitura apontadas pelos professores foi de 3,4 % e através dos testes de leitura oral de 3,5 %, havendo portanto uma correspondência e concordância na avaliação.

CONDIÇÕES QUE FAVORECEM A APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA:

- Boas condições físicas em geral
- Bom nível intelectual
- Ajustamento intra-psíquico
- Ausência de distúrbios afetivo-emocionais
- Boa capacidade de adaptação ao meio
- Não comprometimento da criança com problemas familiares ou de adaptação ao grupo escolar e social
- Boa capacidade visual e auditiva
- Percepções espaciais e temporais normalmente desenvolvidas
- Aquisição do esquema corporal que implica :
 - a - no conhecimento do próprio corpo, da direita e esquerda
 - b - conhecimento da posição do corpo no espaço
 - c - orientação do próprio corpo no espaço

- Desenvolvimento normal do setor da psicomotricidade
- Capacidade de atenção e de concentração dentro do nível evolutivo da criança
- Memória normal
- Boa capacidade de simbolização
- Início da aprendizagem da leitura e da escrita paralelo ao grau de maturidade da criança
- Condicionamento favorável do meio ambiente em torno desta aprendizagem
- Emprêgo de métodos de ensino válidos e devidamente controlados pelas professoras
- Dosagem adequada da aprendizagem e devida preparação das aquisições que vai fazendo a criança
- Vigilância e estímulo em relação à aquisição da linguagem, enriquecimento do vocabulário etc
- Motivações adequadas no processo da aprendizagem

PLANO GERAL DO EXAME PSICOLÓGICO DA DISLEXIA

- Anamnese específica

- Exame de linguagem :

Oral	leitura	fonética
		silábica
		mnésica
		expressiva
	provas analítico-sintéticas	
Escrita	ditado	
	cópia	
	redação	
	números	

- Testes de lateralidade- Zazzo, Perazzo, Piaget, Ajuriaguerra e outros
- Testes de organização perceptiva, de orientação espacial e memória visual-Bender, Benton , Figura Complexa de Rey, Cubos de Kohs, Goldstein Guillenham-Stillmann, Décroly
- Provas específicas de percepção visual, auditiva e tátil

- Provas de ritmo -Mira Stamback

- Provas de sincinesias, de gnosia digital e auto-gnosia

- Revisão do esquema corporal

- Provas de psicomotricidade

- Testes de nível intelectual e de fator G

Aproveitamento do teste de Gille e do teste do ABC de Lourenço Filho nos ítems II, III, IV, V, VIII, Goodenough, Grace Arthur etc.

- Provas de personalidade

- Provas complementares e outros exames :

- Logoaudiométrico

- Exame neurológico

- Exame de acuidade visual

Eletroencefalograma, se fôr necessário

A REEDUCAÇÃO DAS DISLEXIAS

A - As crianças disléxicas devem ser alfabetizadas pelo método analítico-sintético, sobretudo apoiado nos recursos do método fonético. O reconhecimento das letras deve ser sempre um apóio cinético e cinestésico, sendo a exercitação feita pelo método visuo-áudio-motor, os estímulos devem partir de um enfoque integral (a criança ouve, vê, percebe e toca na letra). Deve-se também propiciar a exercitação especulativa, uma vez que o vocabulário é pobre e deficiente. O adextramento auditivo e tátil deve merecer muito cuidado pois estas crianças podem vir a ser extremamente beneficiadas através do reconhecimento pronto das impressões táteis e auditivas.

B - Exercícios de atenção e de concentração devem ser programados num esquema de reeducação da dislexia, bem como, exercícios perceptivos e sensório-motores

C - Exercícios de memória visual e auditiva

D - Exercícios de imaginação espacial

E - Exercícios de associações de idéias

F - Exercícios de orientação no espaço e no tempo, a fim de adquirir as noções de antes, depois, encima, embaixo etc

G - Exercícios de domínio do esquema corporal

H - Exercícios de lateralização (insistir sôbre a aquisição das noções de direita e esquerda)

I - Exercícios que visem melhorar a coordenação motora da criança

J - Exercícios de ritmo

L - Exercícios de relaxação

M - Tratamento específico de acordo com os casos

N - Deve-se procurar restabelecer o clima de confiança da criança nas próprias possibilidades, estimulando as suas aquisições, aproveitando os seus fracassos e melhorando as condições emocionais da criança

observações : é de suma importância que a despistagem das pré-dislexias seja feita precocemente a fim de evitar a instalação da dislexia propriamente dita.

RECOMENDAÇÕES E MÉTODOS DE TRABALHO NA REEDUCAÇÃO DA DISLEXIA

Inicialmente, é preciso fazer a revisão das bases da leitura e da escrita da criança levando sempre em consideração se não há distúrbios mais graves nas atividades de análise e de síntese da percepção visual e auditiva, aparecendo as dificuldades ligadas às atividades mais diferenciadas como leitura, escrita, ortografia, ou se os distúrbios no domínio do reconhecimento, da orientação e do ritmo são, ao contrário, os mais importantes no caso. Durante as sessões de reeducação o professor especializado deverá conservar-se em face da criança.

Se, por acaso, a criança apresentar disartrias, é necessário atacar este problema, seja através de exercícios especiais, ou então enviando a um especialista. Nos casos que revelem atrasos de linguagem o reeducador deverá usar uma linguagem falada simples e lenta, corrigindo as más formulações verbais. Além disso, os exercícios empregados no trata-

mento da dislexia deverão ser muito bem escolhidos e apresentados a fim de motivar a criança e interessá-la. É conveniente explicar à criança o plano do tratamento e ao mesmo tempo demonstrar as vantagens no setor social, familiar e escolar da boa leitura e de uma boa ortografia.

Por outro lado, o controle dos professores realizados pela criança deve ser feito com ela.

Dentre os exercícios iniciais deverão constar os exercícios de posição, uma vez que já foi constatado que o disléxico apresenta dificuldades em relação à direita e à esquerda no plano espacial (- Qual a 1ª. palavra da frase, a 1ª. letra da palavra, qual a letra que está à direita de X, à esquerda, qual a direção em que escrevemos e lemos etc.?).

Outro princípio básico seria o seguinte: todo exercício deve ser executado da maneira a mais aprofundada possível. Na leitura como na escrita o produto da experiência conduz a maioria das crianças e dos adultos a genera-

zações que são muito úteis, sobretudo para os disléxicos que são obrigados a rever as aquisições anteriores e aplicá-las a novas situações. Os exercícios quotidianos constituem um outro princípio da reeducação: os disléxicos aprendem e automatizam de modo mais lento do que as outras crianças e, portanto, necessitam de mais exercício e de automatização. Devem fazer os exercícios sozinhos, sem o auxílio de livros e gramáticas.

É muito importante que a criança compreenda que o reeducador está interessado em localizar os seus erros e não em corrigir trabalhos impecáveis sem expressão nenhuma, uma vez que foram feitos com a ajuda de outros, cópia de cadernos e consulta de livros.

Os pais devidamente orientados pelo reeducador, poderão ajudar a criança na prática dos exercícios quotidianos, anotando as falhas e erros que cometem e as dificuldades que encontram. Cada vez que a criança comete um erro de leitura ou de escrita procura-se imediatamente outros casos

onde este mesmo erro poderia aparecer, a fim de que ele consiga generalizar a aquisição da noção ensinada.

Outro princípio da reeducação consiste em fazer revisões completas e frequentes de tôdas as falhas e erros anotados pelo reeducador ou pais da criança, desde o princípio do tratamento.

A leitura e a ortografia são duas atividades que não devem ser dissociadas: na medida do possível é preciso assegurar-se que as aquisições da leitura serão logo aproveitadas no domínio da ortografia. Deve-se trabalhar a análise gramatical e lógica ao mesmo tempo da leitura de texto. Como já dissemos o método de leitura deve ser o fonético, sendo que as regras de leitura que a criança aprende devem logo ter aplicação imediata em palavras e frases numerosas. Uma vez as principais regras da leitura adquiridas começa-se a leitura dos textos. A leitura será "global" devendo a criança tomar conhecimento do texto, sendo que o re-

educador pode corrigir a criança mas sem dar grandes explicações, nos casos em que se faz necessária uma motivação mais intensa. Naturalmente a reeducação das dificuldades diretamente associadas à dislexia abrangerá em muitos casos a ajuda a outras dificuldades, como a aritmética, por exemplo, entretanto, devendo sempre ser focalizada como secundária.

Mme. Borel-Maisonny demonstra que a memorização das letras e a sonorização das mesmas pode ser facilitada pela introdução de um intermediário concreto associado à letra que deverá ser apresentada à criança; quando a associação é estabelecida, este intermediário lembra o valor fonético ou o grafismo da letra. Este elemento intermediário pode ser baseado não somente na forma da letra, como no objeto que a letra lembra, ou na forma que toma a boca ao pronunciá-la ou ainda, nas características vibratórias do fonema.

Pode-se também utilizar um intermediário gestual, porquanto o im-

portante é não estandarizar as associações, adaptando-as à idade da criança e nível de escolaridade e intelectual.

Os disléxicos encontram dificuldades em responder corretamente aos objetos que se encontram muito juntos e por conseguinte fazem mais inversões quando a leitura apresenta grande número de palavras curtas, que pode derivar de vários fatores dentre os quais a dificuldade particular de distinguir a esquerda de um conjunto pouco extenso.

Assim, para o ensino da leitura das sílabas a criança repete claramente a sílaba antes de escrever, sílaba pronunciada pelo reeducador, depois escreve, diz em voz alta o que escreveu juntando em seguida os outros sons. Quanto ao ensino das regras de leitura deve ser orientado pelos erros que comete a criança através da leitura de texto ou dos ditados.

É muito comum que a criança cometa frequentemente erros de inversão, omissão ou acréscimo de

letras pois a ordem pela qual ela escreve as letras não está em função da sucessão de sons que ela percebe quando a palavra é pronunciada.

Em relação aos exercícios de leitura de textos e de automatização pode-se empregar o método de esconder as palavras, forçando a atenção da criança para uma só, ou para o início da palavra, determinada letra e assim por diante. Deve-se exigir sempre uma articulação perfeita e uma boa intensidade vocal. Cada palavra deve ser lida duas vezes. Se apresenta dificuldades em compreender a palavra, pede-se que repita de memória. Quando tiver lido uma frase inteira, muitas vezes torna-se necessário relê-la a fim de chamar a sua atenção para o conteúdo da frase e não apenas para o ato da decifração dos símbolos escritos. Outra técnica empregada com os disléxicos com sucesso é levar a criança a pronunciar o que leu e não o que está lendo no momento. Este princípio de precedência do ato elocutor pelo ato léxico é necessário para toda leitura corrente

ulterior. É preciso centralizar a atenção da criança para a análise visual das palavras e incentivar o controle auditivo do disléxico. O ritmo da leitura deve ser paulatinamente acelerado até conseguirmos uma maior rapidez de leitura e uma boa compreensão de textos relativamente difíceis, tornando-se a leitura livre e global.

Os textos devem ser preparados de forma a conter gradativamente diversas grafias, palavras ambíguas, que obrigam a criança a utilizar as diversas regras que aprendeu anteriormente, perguntando-se sempre a razão de tal pronúncia em relação a tal palavra, a fim de evitar os atos de adivinhação.

Enfim a reeducação da leitura no disléxico deve utilizar métodos de trabalho que permitam analisar o que lê, tanto do ponto de vista visual como fonético, bem como, compreender a estrutura da frase e as leis gramaticais que a dirigem.

No que diz respeito ao plano da

reeducação da ortografia deve seguir uma ordem lógica, adaptada aos conhecimentos de cada criança, devendo ter como finalidade principal o desenvolvimento na criança do conhecimento da estrutura da frase, da sua composição, do papel que representam as diversas palavras, dos princípios da sua variedade etc., antes de atacar o desenvolvimento do vocabulário ortográfico.

Deve-se constantemente perguntar à criança porque escreve tal palavra desta forma e o que representa aquela palavra na frase. O controle deve ser intenso e os erros e falhas que cometer deverão ser repassados e repetidos várias vezes. A criança deve descobrir a variação dos verbos, dos pronomes etc. Os exercícios podem ser feitos individualmente, coletivamente, em classe, em casa ou em aulas particulares.

TIPOS DE EXERCÍCIOS UTILIZADOS NA REEDUCAÇÃO DOS DISLÉXICOS :

a-exercícios de leitura (ex: sublinhar toda a letra que

precede um e, sublinhar todos os p, ou d etc. escrever uma frase num papel, separa-se cortando cada sílaba ou palavra, depois pede-se a criança que recomponha a frase, frases a completar, sublinhar num texto as palavras mal compreendidas, leitura de algumas linhas de um texto difícil, que contenha palavras técnicas, reconhecer sons complicados e associá-los a outras palavras etc.)

b-exercícios de escrita (ex.: separar os elementos de palavras plurissilábicas, pesquisa e exercícios com palavras difíceis e complicadas, ditados etc)

c-exercícios de gramática e de ortografia (ex.: sublinhar com lápis de cores diversas os verbos, substantivos, pronomes de uma frase, proceder a análise gramatical das palavras, procura de palavras da mesma família, correção de palavras erradas, mudança de gênero e de número dos termos de determinada frase, mudança de tempos de verbos, complementação de frases etc.)

PRINCÍPIOS BÁSICOS DE REEDUCAÇÃO PSICOMOTORA DO DISLÉXICO

Há um paralelismo estreito entre o desenvolvimento das funções motoras e das funções psíquicas, sendo que o dinamismo motor está diretamente ligado à representação mental.

Por outro lado, são as aquisições sensorio-motoras, bem como os mecanismos motores e psicomotores as bases necessárias de todos os mecanismos mentais que preparam e permitem as formas das atividades de abstração, generalização, imaginação e criação.

Linguagem, percepção, motricidade e pensamento estão intimamente ligados entre si e respondem pela aprendizagem da leitura e escrita da criança.

É interessante explorar na reeducação do disléxico os seguintes aspectos :

- Equilíbrio geral

- Orientação espacial :
 - . diferenciação do "EU" espacial
 - . organização e representação do esquema corporal
 - . noção e sentido do deslocamento
 - . noção de orientação
 - . noção de distância e de intervalo
- Orientação temporal:
 - . noção de duração
 - . noção de intensidade
 - . noção de ritmo
 - . estruturação do intervalo
 - . reprodução de estruturas rítmicas
 - . criação de novas estruturas rítmicas
- Coordenação dinâmica geral
- Educação da respiração
- Educação de relaxação e de aprendizagem de inibição voluntária
- Educação das sensações (associações múltiplas sensoriais)
- Educação do gesto e de mão (prolongamento da mão através de instrumentos)
- Educação de expressão corporal

BIBLIOGRAFIA :

Bloch, Pedro - PROBLEMAS DA FALA E DA VOZ

Borel - Maisonnay - DU LANGAGE ÉCRIT AU LANGAGE PARLÉ

Jadoulle, A - APPRENTISSAGE DE LA LÉCTURE ET DYSLÉXIE

Kocher - LA REÉDUCATION DES DYSLÉXIQUES

Novaes, Maria Helena - PRINCÍPIOS PSICOLÓGICOS BÁSICOS DE LINGUAGEM - "Arquivos Brasileiros de Psicotécnica"-1962, nº 2

Rey, A. - ÉTUDE DES INSUFFISANCES PSYCHOLOGIQUES ET MONOGRAPHIES DE PSYCHOLOGIE CLINIQUE

Zazzo R - MANUEL DES PSYCHOLOGIE DE L'ENFANT

"A CRIANÇA DISLÉXICA E AS ATIVIDADES ARTÍSTICAS BÁSICAS À SUA REEDUCAÇÃO"

PROGRAMA

- 1 - Aspectos psicopedagógicos fundamentais à reeducação da criança disléxica
prof. Maria Helena Novaes (10 aulas)
 - o estudo da dislexia - definições, concepção moderna, causas da dislexia - características da criança disléxica
 - a avaliação psicológica da dislexia - técnicas empregadas - plano de estudo psicológico
 - condições que favorecem a aprendizagem da leitura e da escrita e dificuldades mais frequentes da aprendizagem da leitura e da ortografia
 - o problema da lateralidade na criança disléxica
 - plano de reeducação das dislexias e principais objetivos da reeducação sensorio e psicomotora
 - o estudo da organização espaço-temporal, da percepção, da coordenação visuo-motora do sentido do ritmo, da organização do esquema corporal, da capacidade de simbolização da criança disléxica
 - apresentação de casos práticos e acompanhamento das fases de tratamento da criança disléxica

2 - As atividades artísticas básicas à reeducação da criança disléxica :

2.1 - Música : ritmo e movimento
aulas teóricas e práticas -
prof. Cecília Conde (6 aulas)

2.2 - Artes plásticas - desenho, pintura, colagem, modelagem
aulas práticas
professôres: Augusto Rodrigues, Jorge Santos, Ilo Krugli,
Noemia Varela (8 aulas)

2.3 - Expressão corporal
aulas teórico-práticas
prof. Luís de Lima (4 aulas)

2.4 - Trabalhos espontâneos em madeira
aulas práticas
professôres: Ilo Krugli e Pedro Touron (4 aulas)

2.5 - Mão-Personagem

- plástica do gesto expressivo
- exercícios rítmicos
- humanização do movimento
- síntese e expressão - interpretação
- dramatização

aulas práticas

professôres: Ilo Krugli e Pedro Touron (5 aulas)

Palestras:

Arte na educação - prof. Augusto Rodrigues

Arte e reabilitação - dra. Nise da Silveira

RESUMO :

Apresentação

Da importância das atividades artísticas na reeducação dos disléxicos

O estudo da dislexia

Bibliografia

Programa do curso "A criança disléxica e as atividades artísticas básicas à sua reeducação", dado pela Escolinha de Arte do Brasil, em julho de 1963

9

ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL
Av. Marechal Câmara, 314-4º andar - Rio - GB

Esta exposição, compreendendo trabalhos de jovens que frequentam os cursos de desenho, pintura e gravura da Escolinha de Arte do Brasil ou de outras instituições, constitui uma experiência cujo verdadeiro sentido envolve, para nós, uma compreensão mais ampla da Arte como fator de formação harmoniosa da personalidade em todas as fases de seu desenvolvimento. Compreensão mais ampla porque não pretende a Escolinha de Arte do Brasil formar artistas, mas tão somente proporcionar a crianças, adolescentes e adultos que frequentam os seus cursos, os meios e o ambiente necessários para que desenvolvam, através das atividades artísticas em geral, as faculdades criadoras essenciais à plena afirmação intelectual, afetiva e social do indivíduo.

A ciência pedagógica evoluiu, nos últimos dois séculos para a convicção de que todo o processo educativo deve girar em torno da personalidade do educando, assim como um círculo perfeito em torno de seu eixo. Ai de nós, entretanto, que ainda não conseguimos imprimir às nossas escolas, na dinâmica de seus objetivos, de sua organização curricular e de suas práticas docentes, o selo desta convicção, e mais: a certeza de que a formação integral da personalidade do educando será frágil e ilusória sempre que relegar para um segundo plano o problema da expressão criadora.

No caso de adolescentes, a expressão livre através das atividades artísticas apresenta-se como um imperativo pedagógico, em virtude da situação especial em que se

apresenta, nesta fase, o crescimento biológico, psicológico e social do indivíduo. É um crescimento em todas as direções gerando, também, desajustamentos em todas as direções. Há o crescimento físico, que cria uma estranheza com relação ao próprio corpo, que passa a se alterar em suas proporções, sensações e automatismos. Dir-se-ia que o adolescente precisa como que se readaptar ao seu próprio corpo. Há o crescimento mental, gerador de conflitos interiores, devido principalmente ao desenvolvimento do espírito crítico, à luz do qual todos os valores e todos os fatos estabelecidos e tidos como certos, passam a ser postos em dúvida. Há, enfim, o crescimento social, no sentido da projeção do indivíduo para além da família e para além da escola. Pois bem, é nesta fase de desajustamentos e de reajustamentos emocionais que o adolescente se prepara para ingressar no mundo de atividades normais dos adultos, como, por exemplo, abraçar uma profissão, orientar economicamente a sua vida etc. Nas sociedades onde - à diferença da nossa - não se faz necessária uma longa preparação para o exercício das atividades sociais do adulto, a adolescência manifesta-se de maneira discreta, uma vez que as energias e disposições dos jovens são encaminhadas para funções de responsabilidade dentro da comunidade. Entre nós, esta preparação e esta "espera" para entrar em atividade efetiva na sociedade, constituem também um sério fator de conflitos, de insegurança e de preocupações. É aqui que o adolescente experimenta, no dizer de Spranger, "a primeira vivência da

grande solidão" É aqui também, segundo o mesmo autor, que o adolescente deve ser amparado para não perder a fé quando mais precisa dela.

A Escolinha de Arte do Brasil vive profundamente esta problemática e tem desenvolvido um grande esforço para que as escolas secundárias do País não abandonem o adolescente à sua crise de crescimento. Acreditamos que a Arte, através da qual se manifestam livremente as potencialidades do indivíduo, pode dar ao adolescente os meios indicados para o restabelecimento de seu equilíbrio interior, dinamizar a sua sensibilidade e contribuir, por êsse modo, para a criação de uma personalidade voltada para os valores essenciais à vida humana.

Esta não é uma exposição de artistas, repetimos. É, sobretudo, uma exposição de adolescentes que procuram, através das atividades artísticas, expressar livremente as suas vivências. É possível que alguns dos que aqui expõem continuem ampliando a sua capacidade expressiva - já tão significativa - e venham a ser reconhecidos como artistas. Esta é uma hipótese que transcende o compromisso que a Escolinha mantém com todos os adolescentes e que só o tempo poderá responder afirmativamente.

De qualquer modo, êstes abriram com seu trabalho, perspectivas mais amplas e mais fecundas para a sua existência.

AUGUSTO RODRIGUES

Texto do catálogo da exposição
" JOVENS EXPÕEM "
desenho, pintura, gravura, es-
cultura - organizada pela Es-
colinha de Arte do Brasil, a
16 de março de 1960

8

Escolinha de Arte do Brasil
1948 - 1968

Sociedade civil com sede e fôro no Estado da Guanabara. Sem fins lucrativos. De utilidade pública. Finalidade: promover o desenvolvimento da criança, incentivando sua capacidade criadora, seu desenvolvimento estético e ajustamento emocional. Campo de observação, experiência e treinamento de professores do país e do exterior. Movimento pela integração das atividades artísticas em todo processo educativo

Departamento Técnico-Pedagógico

ATIVIDADES PROGRAMADAS PARA 1968



• Curso de atividades artísticas para crianças

6 classes para crianças de 4 a 12 anos, funcionando pela manhã e à tarde, de janeiro a dezembro

• Curso de desenho para jovens

1 classe para jovens de 13 a 17 anos, às terças e quintas-feiras, das 16,30 às 18,00 h. de janeiro a dezembro

• Curso de gravura em metal

regime de atelier livre, às segundas, terças e quartas-feiras, das 16,30 às 18,00 h. de fevereiro a dezembro

• Curso de xilogravura

regime de atelier livre, às quartas e quintas-feiras, das 13,30 às 15,30 horas, de fevereiro a dezembro

• Cursos e estágios visando treinamento e formação de professores

- Curso intensivo de arte na educação

curso anual de introdução aos princípios e práticas fundamentais à integração da arte no processo educativo. Curso básico para o educador, psicólogo, terapeuta, assistente social e artista interessados em arte e educação. Prevê o desenvolvimento de atividades artísticas e recreativas; unidades de experiências sôbre os fundamentos psicopedagógicos para a integração da arte (artes plásticas, música, teatro, dança etc.) na escola; promove trabalhos práticos e estudos sôbre arte, artesanato, psicologia e educação, exposições de arte infantil, participação em simpósio sôbre arte e educação.

horário - tempo integral, das 9,00 às 12,00 e das 14,00 às 17,00 horas

início - 3 de abril de 1968

término - 8 de julho de 1968

inscrições - fevereiro de 1968

- Estágio para treinamento e formação de professores

complementando o Curso Intensivo de Arte na Educação, incluindo observação de classes para crianças e jovens orientação sôbre planejamento das atividades artísticas e recreativas na escola; prática docente; trabalhos práticos; freqüência a outros cursos de arte

período - 10 de junho-30 de outubro

• Estágio especial

para interessados em informações, dados para pesquisa e material de estudo sobre arte no processo educativo

duração dependente dos interesses e programa de trabalho do estagiário

• Cursos programados mediante convênio com outras instituições

- Curso de introdução à apreciação artística
- Cursos de teatro na educação
- Cursos de atividades artísticas e recreativas
- Curso de atividades artísticas na educação do excepcional

• IV Ciclo de estudo sobre arte na educação do adolescente

• Grupos de estudo sobre arte na educação :

arte e educação; arte e técnica; artesanato na educação; arte na formação do professor ; o professor de arte; arte no processo da reabilitação

período - janeiro - junho

• Programa comemorativo do XX aniversário da Escolinha de Arte do Brasil - junho-julho (transfendo)

- Exposição internacional de arte infantil - MEC - Palácio da Cultura
- Simpósio sobre arte e educação *outro período - 65*

5



ELZA MARIA. 9 ANOS

A ARTE DO ESPONTÂNEO

Artigo publicado na revista "Vi
são", de 23 de junho de 1961

SEU SONHO É LIBERTAR AS CRIANÇAS

O plano é grande, antigo e admirável: fazer um livro sobre o Brasil, com desenhos e talvez textos preparados por crianças das escolas primárias de todo o país. Nascida na cabeça de uma criança grande e bastante louca Augusto Rodrigues - essa idéia já tem dois ou três anos, mas talvez agora se transforme em realidade. Depende do Ministério da Educação, de uma verba pequena, cinco milhões - quase nada dentro da inflação e de um orçamento de quatrocentos e muitos bilhões.

BRASIL VISTO POR SUAS CRIANÇAS seria um livro em cores, com texto em três línguas, e reuniria 400 desenhos, sem preocupação de beleza convencional, escolhidos pelo que tivessem de espontâneo e original. Do Amazonas ao Rio Grande do Sul, onde quer que haja uma sessão de beabá, um pedaço de papel, lápis de cor ou tintas, os professores pediriam aos guris que rabiscassem um pouco de seu dia a dia. Os professores não dariam palpi

te: apenas apresentariam um tema da região. Não procurariam fazer com que o aluno desenhasse bonito ou parecido com o modelo. Deixariam que as crianças interpretassem o cotidiano e o episódico com sua visão pura, simples e direta, com a sin-geliza que só os inocentes e os loucos possuem.

No trabalho de seleção, as secretarias de Educação de cada Estado ajudariam. Em cada capital, um grande jornal faria sua promoção. Segundo os cálculos de Augusto Rodrigues, 400 mil desenhos seriam apresentados. Seria feita uma triagem nas capitais dos Estados e para o Rio viriam uns 4 mil desenhos. Uma comissão de artistas e educadores faria a seleção final. O Ministério da Educação publicaria o livro.

Augusto Rodrigues, fundador da Escolinha de Arte do Brasil, desenhista, pintor, caricaturista, menino de bigodes já esbranquiçando, pergunta: "Que outro

livro poderia dar imagem melhor do Brasil do que êsse, reunindo as idéias que as crianças têm de seus pedacinhos particulares de Brasil? Visto por um artista qualquer, mesmo o melhor dos artistas, o Brasil seria sempre um Brasil individual, personalista. Um livro de fotografias, pcr melhores e mais humanos que sejam, não terá o calor da feitura humana. Seria o Brasil através de uma objetiva. Só a visão das crianças, de tôdas as crianças, pois que as 400 escolhidas representariam tôdas as outras, teria amplitude universal. Só a arte infantil leva sua mensagem a tôdas as gentes, só a infância é realmente universal".

O DOIDO

Augusto Rodrigues é um doido de Pernambuco. Há 13 anos fundou a primeira Escolinha de Arte do Brasil, no segundo andar do edifício do IPASE, junto à Biblioteca Castro Alves, no Rio, aproveitando um corredor e uma varanda. Depois, fundou outras,

outros fundaram outras escoli-nhas.

Hoje, existem 22, espalha-das pelo Brasil. Só o Rio Gran-de do Sul tem oito dêsses oásis, onde meninos e meninas, sem coações disciplinares, podem lambuzar tinta, espremer massa, deixar completamente sôlto seu instinto artístico para expressar-se.

Augusto acha que é disso que êle vive: dessa alegria de crianças sôltas, alegria que vale todos os sacrifícios, tôdas as brígas que comprou nestes anos, o dinheiro que deixou de ganhar, os esforços que nunca visaram reconhecimento.

Juntando cada tostão de auxílio e cada grão de simpatia, conseguiu dar caráter permanente à Escolinha, por onde já passaram mais de 4 mil crianças e 2 mil professôres. Hoje, seu trabalho pioneiro se espalha não só pelo Brasil, como pelo Uruguai, pela Argentina, e é conhecido e res-

peitado em Londres, Milão e Paris. Augusto está até começando a ter maior apóio oficial o Presidente Jânio Quadros acaba de nomeá-lo para o Conselho Nacional de Cultura.

Um dos poucos boletins de propaganda da Escolinha de Arte explica: "As atividades da Escolinha de Arte do Brasil baseiam-se no princípio de que a educação artística é um meio natural de cultura, em tôdas as fases do desenvolvimento da personalidade humana. A educação estética que a Escolinha preconiza não tem finalidades de formação profissional, e sim de estimular a capacidade criadora inata em todos os seres humanos, despertando em cada um a percepção de valores e disciplinas essenciais ao seu livre e pleno desenvolvimento intelectual, afetivo e social".

Esse parágrafo é um pouco complicado e pomposo, mas são assim mesmo as declarações de princípios. O boletim é dirigido a adultos, animais complica-

dos por definição. Trocado em miúdos, aquilo quer dizer que cada criança faz em si mesma seu mundo de arte e criação. Que em criança, somos todos artistas espontâneos. Mas depois, comprimidos pelas regras e disciplinas inventadas pelos que perderam sua criança, é que vamos virando comerciantes e banqueiros, capitães de indústria e capinteiros, chatos-gente grande, enfim. Essa compreensão é que nos faz perder a coragem de gostar de uma côr vadia, de sentir um risco e uma forma que aparentemente não querem dizer nada. A Escolinha tenta dar as crianças, permanentemente, a coragem dêsse amor.

POÇO DA PANELA

Augusto Rodrigues nasceu na freguesia do Poço da Panela, no Recife, há quase 48 anos. Eram cinco irmãos e duas irmãs. Seu pai, o Doutor Augusto, era dentista e fazia versos parnasianos. Mário Rodrigues, o tio, ficava lírico quando escrevia sobre seu querido Saint Romain,

mas a maior parte do tempo era um brigão inveterado; e brigando fêz carreira na imprensa, primeiro no "Correio da Manhã", do Rio, posteriormente no jornal que fundou, "A Crítica".

A primeira escola fêz Augusto brigar com tôdas as que viam depois. Era um casarão sombrio, onde a palmatória servia de batuta para dirigir os meninos na cantiga da tabuada. Tudo triste, contrastando com a cartilha, chamada "Eu sei ler", colorida e otimista até no título. Essa escola da Rua do Cupim é hoje a Escolinha de Arte do Recife, fundada, alugada, comprada, depois hipotecada por Augusto.

O sentimento de incompatibilidade com a escola é das mais antigas lembranças de Augusto Rodrigues. Ele acha que o ensino deve ser um equilíbrio entre a organização repressiva, destinada a fazer a criança progredir intelectualmente, e o desejo natural que a infância tem

de exprimir-se. Esse equilíbrio, que não encontrou na Rua do Cupim, onde tudo era só repressão e nada expressão, Augusto ia procurar em uma escola do subúrbio, onde uma professora modernista fazia experiências pedagógicas.

"Eu fazia gazeta", conta, "para ir a essa escola que, se não me engano, se chamava Amury de Menezes. A professora me aceitava naturalmente, fazendo com que eu tomasse parte em trabalho de grupo. Um dia eu ajudava na oficina do jornalzinho escolar, noutro tinha de pagar esse privilégio capinando a terra, plantando milho e feijão na roça do fundo da escola. Foi quando aprendi a gostar de verde. Até hoje fico triste no Dia da Árvore, quando uma porção de autoridades de colarinho duro fazem discurso em volta de um pobre pé de eucalipto transplantado fora de tempo e que não levará mais de semana para morrer. A professora do Recife? Não sei mas acho que acabou indo à falência..."

O PINTOR DO VERDE CANA

Augusto não tinha mesmo jeito para colégio. Aos 16 anos, ao ser expulso do último - Ginásio Sete de Setembro-desistiu, Arranjou um emprêgo no "atelier" de Percy Lau. Ali, sob o dictico vago de artesanato artístico, fazia-se de tudo, desde pintar paredes até retratar futuros bacharéis para o quadro de formatura.

Os artistas plásticos do Recife não desdenhavam nenhum meio de ganhar uma prata de cinco mil réis. O "atelier" era ponto de reunião e conversa. O único que pouco aparecia era Cícero Dias. Ele fazia parte do grupo de intelectuais de jornal, era muito gabola, andava de chapéu palheta com um charuto enorme enfiado na boca e tinha no "atelier" cadeiras de palhinha, sem palhinha.

Aparecia trabalho de todo tipo no "atelier". Certa feita, Augusto teve de pintar dezesseis vezes a sala de jantar de uma

grã-fina. O modernismo andava em moda e a senhora decidiu que seria "ultra-bem" ter uma sala verde canavial. O diabo é que o teto tinha elementos que quemavam o verde, que nunca ficava igual ao das paredes. Noutra ocasião, Augusto resolveu ficar rico às custas da Companhia Souza Cruz. Pediu um preço altíssimo para pintar a caixa-d'água da fábrica. Fechado o contrato, achou que fazia um negócio da China. Só se esquecera de que a caixa-d'água ficava em um descampado e o trabalho tinha de ser feito de dia. O sol pernam bucano, cedinho, já começava a esquentar o ferro da armação, que ficava pelando. Para trabalhar, Augusto tinha de subir e descer mais rápido que macaco. Mal tinha tempo de dar meia dúzia de pinceladas e voltar ao chão com pés e mãos embotados de queimaduras. Levou meses pintando a caixa-d'água.

Quando não estavam pintando paredes, os componentes do "atelier" pintavam quadros. Organi-

zaram a I Semana de Arte Moderna do Recife, que fêz escândalo. Incentivaram a criação da Escola de Belas Artes, mas uma vez aberta, lá não puseram os pés, por achá-la chinfrin. O salão de exposições era em uma casa de móveis. O dono, pintor acadêmico, quase foi à falência, pois comerciante honesto, com crédito na praça, não podia estar de nenhum modo metido nessas 'molecagens' de modernismo.

Em 1935, com Luís Jardim e Manuel Bandeira, Augusto Rodrigues embarcou em um ita rumo ao Rio Grande do Sul. Foi a Pôrto Alegre decorar o pavilhão pernambucano da Exposição Farrroupilha. Pegou o microbio do Sul. Desde então, caiu no mundo largo, andou por muitas cidades, principalmente o Rio, só indo ao Recife de quando em quando, para visita, não mais para ficar.

UMA EXPOSIÇÃO INGLÊSA

O começo da vida no Rio foi difícil. Augusto arrumou um em prêgo de caricaturista político

no jornal de Geraldo Rocha - "A Nota". Nunca mais parou de mexer com imprensa. Quando saiu de "A Nota," foi ser planejador de reportagens e ajudante de um fotógrafo alemão que talvez tenha sido o primeiro "free-lancer" da imprensa carioca. Andou nos Diários Associados, em "Diretrizes", no "Observador Econômico e Financeiro". Ganhava pouco, nunca tinha tostão. Fêz a clássica peregrinação pelas pensões do Catete, morando em cada uma até ser pôsto na rua por falta de pagamento.

Com um grupo de amigos, qua se todos nordestinos e intelectuais, morou em um edifício da Rua do Passeio. Augusto, Joel Silveira, Fernando Lobo tinham suas camas permanentes. Antônio Maria, ainda mais pobre, era o filão. Chegava de madrugada e ficava encostado na parede, es perando vaga. Quando alguém se levantava para ir ao banheiro ou beber um copo de água, mais que depressa dava um mergulho e, de roupa e tudo, se apossava da

cama do incauto.

Estourou a guerra na Europa. A Grã-Bretanha, bombardeada dia e noite pela Luftwaffe, mandou em 1941 à América do Sul uma mensagem de otimismo: uma exposição de pinturas das crianças inglesas. Por esse tempo, Augusto Rodrigues já começava a interessar-se por arte infantil. A crítica saudou com entusiasmo a mostra. Joel Silveira foi ver e ouviu um menino dizer para o pai: "Ora, papai, isso eu também faço!" Escreveu o que ou vira.

"Ora, papai, isso eu também faço!" Era o ovo de Colombo. Nem tôdas as crianças são gênios, mas tôdas são artistas. Augusto leu e guardou. Junto com Clóvis Graciano e Alcides da Rocha Miranda, organizou uma exposição de trabalhos de artistas brasileiros, que mandaram para Londres. O resultado da venda reverteria em benefício da RAF. Foi sua maneira de agradecer às crianças britânicas.

NASCE A ESCOLINHA

A animação da exposição dos meninos ingleses durou pouco e não deu em nada. Apenas um pequeno grupo de artistas e educadores continuuou a interessar-se pelo ensino da arte às crianças. Reuniam-se, esporadicamente, Miss Williams, uma americana do Instituto Brasil-Estados Unidos, Augusto, Lúcia Alencastro, que hoje dirige o ensino de arte na Escola Experimental Guatemala, dirigida pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, e a pintora e ceramista Margareth Spence.

Em 1948, resolveram arregaçar as mangas. Propuseram ao diretor da Biblioteca Castro Alves a criação de uma escola de arte. Instalaram-se no segundo andar do edifício do IPASE, aproveitando um corredor e um canto de jardim de inverno, na passagem para a biblioteca. A princípio, a escola não tinha nome. As crianças a chamavam de "Escolinha", para diferenciá-la das outras escolas.

TREZE ANOS DE LUTA

O nome Escolinha pegou. No início, não havia matrícula ou inscrição. As crianças vinham uma vez com os pais, iam ficando. Ninguém pagava nada. Só os professores. Eles não tinham salário, nem verba e ainda compravam com seu próprio dinheiro o material que as crianças usavam. Estavam numa cruzada e o objetivo era provar a utilidade da Escolinha.

"Foram as crianças que primeiro compreenderam a Escolinha", diz Augusto. "Ela correspondia à necessidade vital de expressão que traziam recalcada. A Escolinha de Arte visa sobretudo tornar o homem mais sensível ao problema da arte, e isso o torna mais integrado na vida. Encaramos a arte como um meio natural, espontâneo de cultura. Essa espontaneidade é a da criança, que dá dimensões criadoras a cada gesto, a cada ato de sua vida, autodeterminando-se pelo que cria".

A Escolinha foi crescendo pouco a pouco. Começou apenas com pintura e modelagem e uns poucos alunos. As atividades novas iam sendo incorporadas a ela na medida das necessidades reveladas pelas crianças. Até hoje é assim. Assim, nasceram o jornalzinho, o teatro de fantoches, a colagem e muitas outras coisas. Ela funcionou durante cinco anos ao lado da Biblioteca Castro Alves. Em 1953, quando o interesse por ela ganhou amplitude, transferiu-se para o prédio da Rua México, onde funcionavam os cursos da Associação dos Servidores Civis. Ali ficou até 1957, quando o proprietário das salas, depois de complicada demanda judicial, conseguiu despejar a Associação e a Escolinha. Crianças e professores ficaram sem teto. Muita gente, pobre e rica, mais pobre que rica, ofereceu ajuda. Clubes recreativos, escolas comuns, colocaram suas sedes à disposição de Augusto. Os jornais tomaram conta da história. A cidade inteira solidarizou-se com o

drama da Escolinha. Augusto recebeu um telefonema e foi ao Ministério da Viação e Obras Públicas. Lúcio Meira, que era o Ministro, reuniu seus auxiliares e ordenou: "Procurem nos imóveis do Ministério algumas salas que possamos ceder às crianças".

Em vinte e quatro horas, a Escolinha tinha sede nova - onde está até hoje - um ex-depositário de botijões de gás do Departamento Nacional de Gás e Iliminação, na Avenida Marechal Câmara. As cadeiras, mesas, sofás, ainda não tinham chegado e já a Escolinha funcionava, no terraço, com um seminário para professores de todo o Brasil.

CONTRA PRIVILÉGIOS

A preocupação que desde o início os fundadores da Escolinha de Arte do Brasil tiveram, de fazer seminários de professores e colocar os resultados de sua experiência ao alcance de todos, é a essência de sua cruzada de reforma dos métodos

de ensino. Não bastava dar alegria e possibilidades de desenvolvimento a um grupo de crianças cariocas. So treinando outros professores, de todos os pontos do país, seria evitada a injustiça de um pequeno número de crianças privilegiadas. Através dos professores é que a Escolinha se multiplicaria. Por isso, desde sua fundação tem havido quase tantos alunos - professores como crianças.

Atualmente, a Escolinha de Arte já é reconhecida como uma experiência educacional de grande importância e conta com algum auxílio oficial. Mas, em 1951, quase fechou por falta de recursos. Salvou-a então Ministro da Educação Simões Filho, que lhe concedeu uma verba de cem mil cruzeiros. Augusto Rodrigues teve um trabalho danado para recebê-la: não conseguia convencer o tesoureiro do Ministério da Fazenda de que era coisa séria a verba para uma "escolinha".

O INEP, dirigido por Anísio Teixeira, foi a primeira organização oficial a apoiar a Escolinha. Deu-lhe algumas verbas e constantemente promove estágios de professores. Outros recursos são tirados esporadicamente do Orçamento, graças a alguns deputados que conhecem e se interessam pelo trabalho de Augusto. No mais, ela vive de contribuições particulares e das mensalidades pagas pelos pais das crianças. Essas mensalidades - 500 cruzeiros em média - não impedem ninguém de frequentá-la. Quem tem dinheiro, paga; quem não tem, não faz mal.

COMO FUNCIONA

A Escolinha de Arte do Brasil, como suas 21 irmãs nos Estados, não é apenas um lugar onde se abre o mundo da imaginação para as crianças. Mantém também cursos para adultos: gravura, cerâmica, desenho, história da arte. No próximo ano promoverá um grande seminário de análise do processo de educação artística no Brasil, com a

presença de professores de todas as escolinhas e educadores do Brasil inteiro. As outras atividades que hoje ela mantém - música, teatro, fotografia, tecelagem - só adquirirão caráter regular quando Augusto realizar seu grande sonho - a sede própria.

Essa sede, que ele vem pedindo há anos em relatórios ao Governo, em conversas com gente de todo tipo, em entrevistas à imprensa, é um sonho tão grande e aparentemente tão remoto, que Augusto nem gosta de pensar no que fará quando se tornar realidade.

Conta a Escolinha de Arte hoje cerca de 20 funcionários, entre professores e empregados da administração, inclusive uma cozinheira encarregada do almoço dessa grande família. Quase ninguém ganha sequer salário mínimo. Pela Escolinha já passaram alguns dos maiores nomes das artes plásticas e da crítica no Brasil: Goeldi, Vera Tormenta, Lívio Abramo, Poty, Da-

rel, Flávio de Aquino, Carlos Cavalcanti, Darcy Ribeiro, Ferreira Gullar, Fayga Ostrower, Mário Pedrosa.

FORA DO PAÍS

Em 1948, trabalhos de crianças brasileiras foram recusados por falta de originalidade pela Exposição Internacional do Centro Pedagógico de Milão. Os italianos diagnosticaram o dedão dos adultos reprimindo a espontaneidade das crianças. Hoje, graças ao trabalho das escolinhas, as mostras infantis brasileiras despertam interesse em tôdas as partes do mundo, tendo conquistado prêmios até no Japão.

Augusto Rodrigues passou os anos de 1954 e 1955 na Europa, com um prêmio de viagem do Salão Nacional de Arte Moderna, e fez exposições dos trabalhos da Escolinha em Londres, Paris, Lisboa e Roma. Deu cursos, fez conferências, participou da fundação da Sociedade Internacio

nal de Educação Através da Arte, na UNESCO, na qual figura como representante da América Latina. Sua eleição foi proposta pelo Canadá.

O reconhecimento da importância desse trabalho brasileiro nos maiores centros culturais do mundo é, em grande parte, resultado do esforço da Escolinha. Seu nome já é conhecido dos principais críticos, educadores e artistas da Europa e das Américas. A simpatia e a atenção que a Escolinha despertava talvez sejam em parte fruto do que disse o crítico Herbert Read: "A Arte é internacional e não há grande diferença na arte das crianças de diversos países. Tôdas elas têm a mesma excelente qualidade" Mas é muito mais resultado de seu caráter pioneiro, da soma de esforços que representa, da qualidade própria da arte de crianças pela primeira vez libertadas. E desse menino bigodudo de Pernambuco que se chama Augusto Rodrigues.

ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL

Av. Marechal Camara, 314 - 4º andar
RIO DE JANEIRO — BRASIL

3

CURSO INTENSIVO DE ARTE NA EDUCAÇÃO - 1964

A ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL é uma sociedade civil com sede e fôro no Estado da Guanabara. Tem como finalidade desenvolver a capacidade criadora da criança visando ao seu desenvolvimento estético, assim como ao seu ajustamento emocional e social. Lidera no país amplo movimento pela integração das atividades criadoras em todo processo educativo. Estimulou e criou em vários Estados do Brasil, 25 Escolas congêneres, servindo de campo de observação, experiência e treinamento de todos os professores do país e do exterior. Desde a sua fundação em 1948, vem desenvolvendo intenso trabalho de difusão através de exposições, cursos e conferências, obtendo mediante esse trabalho o reconhecimento de suas qualidades, tanto no âmbito nacional como internacional.

"A educação artística é uma necessidade vital"

..." Sem a contribuição da arte e da educação é impossível ajudar nosso mundo a formar sua unidade interior. Essa é a mais alta responsabilidade, para nós, professores de arte ".

J. A. Soika

Brasil vem procurando difundir e ampliar cada vez mais, sua experiência, trabalhando pela renovação da educação artística.

Interessada em mostrar a importância da arte na educação e em difundir, através de cursos, sua experiência, a Escolinha organizou para 1964, mais um Curso Intensivo de Arte na Educação.

O professor, artista, psicólogo, técnicos educacionais e interessados em arte e educação, terão, nesse curso, elementos para trabalho criativo em seu campo profissional, em sua atuação na escola e na comunidade.

Programado para três meses, em tempo integral, o Curso Intensivo de Arte na Educação situa problemas psicológicos e princípios da pedagogia com o objetivo de dar ao professor síntese das tendências atuais da educação através da arte e suas implicações na complexidade da sociedade moderna.

DO CURSO INTENSIVO DE ARTE NA EDUCAÇÃO

Fundada há 16 anos, baseada no princípio de que arte na educação é fundamental ao pleno desenvolvimento da personalidade do educando, considerando arte meio natural de cultura em todas as fases do desenvolvimento do indivíduo, a Escolinha de Arte do

Arte, educação e psicologia integram seu currículo, constituindo - arte na educação - o núcleo dinamizador de atitudes, experiências e conhecimentos básicos ao educador, para integração das atividades artísticas no processo educativo.

OBJETIVOS :

- . despertar e manter o interêsse pela integração da arte em todo processo educativo, visando ao desenvolvimento harmonioso da personalidade da criança, do jovem e do adulto ;
- . dar uma compreensão mais atualizada da importância da arte para enriquecimento da aprendizagem ;
- . possibilitar treinamento das diversas técnicas utilizadas nas atividades artísticas ;
- . apreciar e analisar a experiência Escolinhas de Arte do Brasil para trabalho mais amplo e sistematizado ;
- . possibilitar direta observação de classes de atividades artísticas para crianças, como base para discussões e debates sobre métodos, processos e técnicas fundamentais à educação artística ;
- . estimular iniciativas no campo arte e educação, que possam continuar, ampliar ou mesmo renovar experiências já iniciadas no país ;
- . possibilitar, ao aluno, desenvolvimento estético ;
- . despertar atitudes de pesquisa e de experimentação fundamentais à educação artística.

LOCAL : Escolinha de Arte do Brasil

DURAÇÃO : 3 meses

HORÁRIO : das segundas às sextas feiras, das 9,00 às 12,00 e das 14,00 às 16,00 horas.

ARTE E ARTE NA EDUCAÇÃO

1. Palestras sôbre arte e educação, a cargo de professôres especialmente convidados pela Escolinha de Arte do Brasil

- . Natureza da arte : elementos estruturais da expressão criadora
- . Conceitos sôbre arte
- . Arte na educação
- . Arte da criança e arte do adulto
- . Arte e sociedade
- . Arte e artesanato
- . Arte e indústria
- . Técnicas e materiais de pintura
- . Arte e técnica
- . Arte no Brasil
- . Arte sacra no Brasil
- . Arquitetura no Brasil
- . Literatura e educação
- . Música e educação
- . Folclore
- . Cinema na educação
- . Teatro e educação

CURRÍCULO

CORPO DOCENTE

ATIVIDADES

2. Aulas práticas e teóricas, debates, projeções, exposições, visitas, observação de classe de atividades artísticas para crianças

A experiência Escolinhas de Arte do Brasil

Desenvolvimento da expressão criadora da criança. Fases do desenho, da pintura e modelagem

As atividades artísticas na escola - função no currículo

O professor e a orientação das atividades artísticas em classe : o professor na escolinha de arte; o professor na escola

aulas a cargo do prof. Augusto Rodrigues e professores da Escolinha de Arte do Brasil

"Ajudando os professores a entenderem as crianças"

projeção : filme para motivação de debate

Classe de atividades artísticas para crianças. Análise da experiência observada

As atividades artísticas na escola

Valorização e avaliação da expressão livre da criança e do adolescente

Estrutura e dinâmica da Escola Guatemala

Arte na escola secundária :

- a experiência do Colégio Andrews

- arte do adolescente

aulas a cargo do prof. Augusto Rodrigues e professores da Escolinha de Arte do Brasil

2 aulas
prof. Teresinha Lins

prof. Maria Thereza Oliveira Wundheiler

análise da experiência realizada no Colégio Andrews - prof. Onofre Penteadó Neto

projeções sobre experiências realizadas no exterior - prof. Noemia Varela

Arte no ensino superior

2 aulas
prof. Onofre Penteadó Neto

A experiência da Bauhaus

A Escola Superior de Desenho Industrial da Guanabara

2 aulas
prof. Flávio de Aquino

Atividades artísticas: técnicas principais empregadas na Escolinha de Arte do Brasil:

- colagem e recorte sobre papel preto
- colagem com elementos da natureza
- modelagem
- desenho meio cego
- impressão com pequenos ramos e outros elementos
- desenho raspado
- desenho com lápis-cêra
- desenho com anilina e lápis-cêra
- desenho com lápis-cêra e nanquim
- desenho com lápis-cêra e varsol
- desenho com água sanitária e anilina
- desenho lavado
- desenho : bico de pena sobre papel úmido
- gravura sobre papel
- bonequinhos de arame
- pintura : guache
- "finger painting"
- mosaico
- monotipia

- bordado criador
- impressão : carimbo; estampagem
- desenho de observação
- trabalho espontâneo em madeira
- teatro de fantoches

Gravura :

- a gravura em metal
- técnicas da gravura em metal para o conhecimento da gravura :
 - verniz mole
 - ponta sêca
 - água forte
 - água tinta
 - gravura em relêvo
- gravura com outros materiais

aulas práticas a cargo dos professores da E.A.Brasil

1 palestra
prof. Orlando da Silva

4 aulas
prof. Orlando da Silva

Xilogravura :

- a gravura em madeira
- diferentes técnicas, instrumentos e materiais
- técnicas da gravura em madeira. Compreensão do material, preparação de placas, gravação, tiragem da prova
- conservação e tratamento dos materiais

1 palestra
prof. Adir Botelho

4 aulas
profs. Laís Aderne e Adir Botelho

Iniciação à história da arte	15 aulas prof. Flávio de Aquino
Aspectos das artes gráficas	2 aulas prof. Alcísio Magalhães
Arte e decoração	3 aulas prof. José d'Ávila
Linguagem mímica	4 aulas prof. Luís de Lima

Iniciação musical :

- iniciação musical: finalidade e objetivos; desenvolvimento rítmico ; desenvolvimento da percepção auditiva
- expressão espontânea e iniciação musical: criação melódica e rítmica utilizando instrumentos diversos; importância na educação global do indivíduo e análise de experiências
- bandinha rítmica: finalidade e objetivos; importância, valor recreativo. Diversos tipos de bandinha rítmica. Organização
- aula prática com grupo de crianças, para observação
- apreciação musical; conhecimento de algumas formas musicais

12 aulas
prof. Cecília Conde

Literatura infantil :

- a palavra meio de expressão e comunicação
- conceito de literatura infantil; formas; o livro no processo educativo; seleção de livros para crianças; a biblioteca infantil na escola
- narrativa de histórias: técnica e análise de experiências

10 aulas

prof. Isabel Maria de Carvalho

Teatro na escola :

- o teatro no processo educativo
- formas de teatro
- análise de experiências na escola

5 aulas

prof. Hilton Araújo

Visitas :

- Museu de Arte Moderna
- Museu do Índio
- Museu Nacional de Belas Artes
- Atelier de artista
- Galerias

visitas guiadas por artistas, críticos de arte e professores

Trabalhos práticos :

- exposição de arte infantil
- confecção de álbum com os trabalhos feitos durante o curso (trabalho individual)

EDUCAÇÃO EM GERAL

- Série de palestras, a cargo de destacados professores, sobre o sistema educacional brasileiro, permitindo análise dos principais aspectos da educação primária e média em nosso país e focalizando a organização e desenvolvimento de vários tipos de experiências :

- A educação primária no Brasil
- A educação média no Brasil
- A administração escolar e suas relações com o ensino criador
- Análise de experiências :

A experiência da Fazenda Rosário - Minas Gerais

Aspectos da reeducação da linguagem-experiência da professora Lúcia Bentes

Escolas do SESC, SENAC E SENAI

O Instituto de Pesquisas Educacionais da Guanabara

O Centro de Orientação Juvenil - Guanabara

A Fundação Getúlio Vargas-Guanabara

O Instituto de Psiquiatria-Universidade do Brasil (praxiterapia)

A Escola Doméstica de Natal-Rio Grande do Norte

3 aulas

prof. Mariana Cruz

O Instituto Técnico de Aero-
náutica - São Paulo

. A recreação no processo educa-
tivo :

- recreação : conceito e valor
- atividades recreativas
- o recreador
- características do desenvol-
vimento do educando e ativi-
dades recreativas correlatas
- a recreação na escola

6 aulas

profs. Ruth Gouvêa e Léa M.Gomes

. Orientação para trabalhos prá-
ticos :

- como estudar

2 aulas

prof. Violeta Villas Boas

. Visitas :

- escolas onde haja experiên-
cias significativas e de in-
terêsse para o professor de
arte: Jardim de Infância Ga-
briela Mistral, Escolinhas
de Arte, Escola Guatemala etc.

. Trabalhos práticos :

- diário
- informes
- relatórios
- fichas de leitura

orientação dos trabalhos práti-
cos a cargo das professoras Léa
Kauffmann e Noemia Varela

PSICOLOGIA EDUCACIONAL

- . Bases do comportamento humano

Necessidades básicas e interesses da criança e do adolescente

Ajustamento, adaptação e integração

- . Comunicação, linguagem e personalidade

- . Pesquisas psicológicas e sua aplicação no campo da educação (grafismo, arte e jôgo, testes etc.)

- . A percepção na educação artística

- . A teoria da Gestalt

- . Estudo de casos

- . A evolução do comportamento infantil. O processo da aprendizagem e a experiência criadora

- . Arte e desenvolvimento da personalidade

- . Visitas :

- Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais

- Serviço de Terapêutica Ocupacional - Centro Psiquiátrico Nacional - Engenho de Dentro

- Sociedade Pestalozzi do Brasil

- Apae

- Instituto de Psiquiatria-U.B.

10 aulas

prof. Maria Helena Novaes

12 aulas

prof. Léa Kauffmann

palestras a cargo de professores convidados pela E.A.B.

DA MATRÍCULA :

Número limitado - 30 alunos

REQUISITOS (de preferência) :

- ser professor do curso primário com prática de ensino ou com experiência de atividades artísticas ;
- ser professor de ensino médio, principalmente professor de escola normal (formação de professores) ;
- possuir curso de Faculdade de Filosofia: Curso de Pedagogia, de Psicologia e de Orientação Educacional ;
- possuir curso de Escola de Belas Artes ;
- trabalhar em outros campos da educação primária e média ;
- apresentar "curriculum vitae";
- trazer uma fotografia no tamanho 3 X 4 ;

- sendo bolsista, trazer apresentação da autoridade competente, responsável pela instituição que conceder a bolsa ;

- apresentar, no prazo solicitado pelos professores, os trabalhos práticos ;

- valor total do C.I.A.E. :

₹ 100 000,00 (cem mil cruzeiros)

1a. parcela a ser paga no ato da inscrição: ₹ 40 000,00 (quarenta mil cruzeiros)

2a. parcela de ₹ 30 000,00 (trinta mil cruzeiros)

3a. parcela de ₹ 30 000,00 (trinta mil cruzeiros).

A ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL
FORNECERÁ :

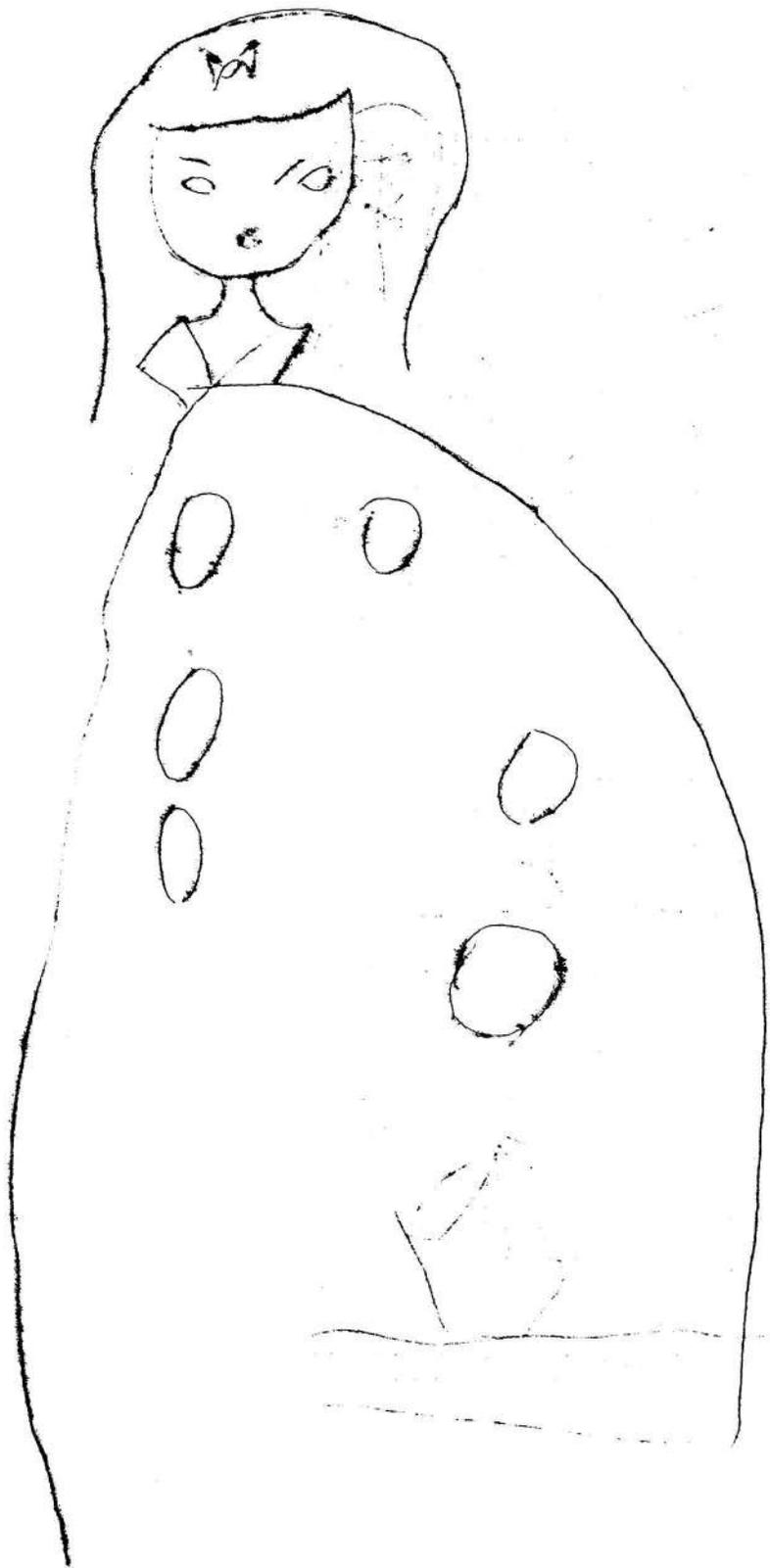
- todo material necessário às aulas e outros trabalhos práticos ;
- súmulas sobre arte e educação;
- bibliografia especializada ;
- certificado de frequência (80% de frequência, no mínimo) ;
- informações práticas: hospedagem, transporte, excursões etc.

.....
"A criança é humana e desde a sua infância exprime-se numa linguagem universal de símbolos. Eis aqui, parece-me, uma demonstração flagrante de nossa humanidade comum que ainda não atraiu suficientemente a atenção. Essa unidade fundamental de sentimento e de expressão nas crianças de tôdas as nações indica positivamente a existência de uma base psicológica sólida sôbre a qual podemos fundar um mundo humano, unido por laços naturais".

.....
Herbert Read

.....
"Tôda criança tem necessidade de se expressar livremente, fazê-la participar da alegria criadora, através de um clima de compreensão e confiança é a melhor recompensa que lhe pode dar o educador. A arte, através de seus símbolos dá curso ao ajustamento da vida emocional, facilita o exercício da disciplina interior, cria condições propícias à aprendizagem formal da escola porque é fator de integração e de desenvolvimento harmonioso da personalidade. Por tudo isso, a criança precisa participar da alegria de criar".

.....
Augusto Rodrigues



ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL, AVENIDA MARECHAL CÂMARA, 314-4º ANDAR - RIO - GB - ABRIL 1964.

ra Bie
Ante
Charte de

PRIMERA BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE INFANTIL

Comisión ejecutiva

Presidente: Prof. Ramón Lema Araujo, Jefe del Inst. Municipal de Arte Infantil.

Vicepresidentes: Prof. Jorge González Badial, Director de la Escuela Municipal de Arte y Expresión Infantil. Prof. Gilda Montes de Oca de Filip, Prof. Haydée Molina de Ronald, Prof. Guillermo Ferreyra, Sr. Ernesto Reschini, Sr. Miguel Perelmueter, Sr. Ernesto Noceto, Sr. René Juan Sívori, Sr. Alberto Alvarez, Sra. María Tarrío de Blanco, Sra. Heve de Greco, Sra. Magdalena de González, Prof. María T. Beati de García Prada, Sra. Nelly Callas de Vítola, Sra. Sofía Schwartzman de Pasternak.

Secretario: Prof. Osvaldo Pensa, Comisario de la Exposición.

Secretario Adjunto, Sección Argentina: Sr. Francisco López Grela.

Secretaria Adjunta, Sección Internacional: Prof. Alba Mastrángelo.

Vocales: Sra. Angela Martinelli de Pensa, Sr. Luis Masseroni, Sr. José M. Fernández, Dr. Enrique Febbraio, Arq. Luis A. Vernieri López.



LA SEDE DE LA BIENAL será la Casa de la Cultura de Avellaneda, situada en la parte más céntrica de esta populosa ciudad, pero podemos decir que abarcará a la ciudad toda, ya que en su concreción participan todas las fuerzas vivas que contribuyen a distinguirla en el panorama socio-económico del país por su dinamismo, pujanza y fuerza creadora.

El lema de esta Bienal: *"Avellaneda, ciudad del trabajo, convoca a los niños del mundo a la Primera Bienal Internacional de Arte Infantil"*, no ha sido tomado al azar. En efecto,

EL INSTITUTO DE ARTE INFANTIL está preparando la Primera Bienal Internacional de Arte Infantil, con el objeto de relacionarse con los niños de todo el mundo y formar, con las obras que se reciban, el repositorio del Museo Internacional de Arte Infantil.

Las bases para este certamen son las siguientes: Se han establecido tres categorías: a) niños de 6 a 8 años; b) niños de 9 a 11 años, y c) de 12 a 14 años, en las siguientes especialidades: Dibujo y Pintura (témpera, lápiz, crayones, tintas, acuarela y óleo).

Recortado y pegado.

Grabado.

Cerámica.

separada de Buenos Aires, la capital de la República, por el Riachuelo, al que llegan barcos de todo el mundo para embarcar los productos de sus gigantescos frigoríficos, sus lanas, cueros y manufacturas de la más diversa índole, Avellaneda es una de las primeras ciudades industriales del país.

Al organizar este fraternal certamen queremos rendir este homenaje a sus creadores y propulsores, a todos los que contribuyen a su engrandecimiento, y comunicarle la viva poesía, la pureza e ingenuidad del arte infantil, para que quede como un hálito envolvente en sus músculos de acero, en sus fábricas, "usinas" y talleres.

EL INSTITUTO DE ARTE INFANTIL, dependiente de la Dirección de Cultura de la Municipalidad de Avellaneda, está preparando la Primera Bienal Internacional de Arte Infantil, que se llevará a cabo durante el mes de octubre de 1969 en la Casa de la Cultura de esta ciudad.

Esta iniciativa nació por el deseo de relacionarse con los niños de todo el mundo, y establecer una corriente de fraternal comunicación a través de las creaciones más significativas del arte y la expresión infantil, y posibilitar así la iniciación de un activo intercambio cultural, procurando la llegada de niños del interior y otros países con motivo de la Bienal, los que serán alojados en hogares de niños de Avellaneda, en la cual y desde la cual tomarán contacto con la realidad argentina cultural e industrial.

Títeres y bocetos de escenografías para teatros de títeres.
Trabajos colectivos.

Cada participante podrá enviar hasta 2 trabajos en cada categoría, no debiendo exceder éstos las medidas de 30 x 40 cm, exceptuándose los trabajos colectivos, que podrán ser hasta un máximo de 2 x 1 m (no enmarcar).

Las obras deben ser remitidas o presentadas al Instituto Municipal de Arte Infantil, San Martín 799 esq. Alsina, Avellaneda, Pcia. de Buenos Aires, República Argentina, hasta el 31 de julio de 1969, corriendo la remisión por cuenta de los participantes. Tanto los trabajos seleccionados como el resto del material que se reciba serán exhibidos durante la Bienal, siempre y cuando acredite las condiciones de autenti-



**RECORTANDO
Y PEGANDO**



PINTURA

cidad a juicio del Comité de Selección; el material entrará a formar parte del repositorio del Museo Internacional de Arte Infantil de Avellaneda, no pudiendo los participantes obtener más de una recompensa, excepto en los trabajos colectivos.

El Gran Premio 1969 será adjudicado en esta oportunidad en la especialidad Plástica y consistirá en medalla de oro y diploma.

En todas las especialidades se han instituido recompensas hasta el cuarto lugar en cada categoría, y menciones especiales; sus organizadores quieren darle a estos presentes, más que el carácter de premios, el de recuerdo por haber enviado trabajos a esta Bienal; los mismos consistirán en valiosas obras de arte, libros, artesanías argentinas e invitaciones especiales para asistir a la inauguración de la Bienal.

BILLIKEN fue fundada por Constancio C. Vigil el 17 de noviembre de 1919.

Esta revista semanal de la Editorial Atlántida S. A. responde a las necesidades espirituales e intelectuales de los niños de todas las edades, desde la primera infancia hasta la adolescencia. Además, su material, cuidadosamente seleccionado, representa para los maestros y alumnos un eficaz e insustituible apoyo didáctico durante el período lectivo.

Todas las materias que componen el programa de estudios de la enseñanza primaria y muchos otros de interés educativo están expuestos en BILLIKEN de manera amena y atractiva, mediante instructivas notas y utilísimas láminas centrales a todo color.

Cuentos, poesías, novelas, teatro para niños, historietas, láminas para colorear, títeres, entretenimientos, manualidades, curiosidades, etc., componen el material de esta gran revista de la infancia, consagrada como la preferida por todos los niños de América. Por eso se afirma con toda certeza: PRIVA DE MUCHO A SU HIJO QUIEN NO LE COMPRA BILLIKEN.

AUTORIDADES

Sr. Intendente

D. Carlos Oscar Radrizzani

Sr. Secretario de Gobierno y Cultura

Dr. Santiago E. Lorenzo

Sr. Director de Cultura

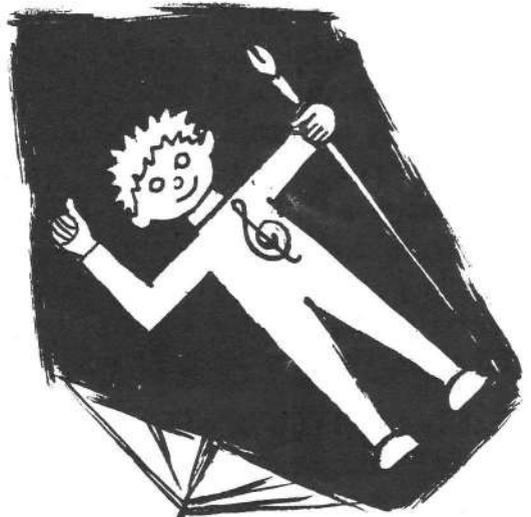
D. Basilio Ruiz

Sra. Jefa del Dpto. de Institutos

Prof. María Isabel M. de Martelli Jáuregui

Sr. Jefe del Instituto de Arte Infantil

Prof. Ramón Lema Araujo



**“AVELLANEDA, CIUDAD DEL
TRABAJO, CONVOCA A LOS
NIÑOS DEL MUNDO A LA
PRIMERA BIENAL INTERNA-
CIONAL DE ARTE INFANTIL”.**



**INAUGURACION
2 DE OCTUBRE DE 1969**

①

"ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL"

Contribution to the
XVIIIth INSEA WORLD CONGRESS
in Prague - Czechoslovakia ,
August, 1966

1. The "Escolinha de Arte do Brasil" was established in 1948 by a group of artists and educators interested in the development of children's creative capacity.
2. Some children who belonged to the "Escolinha" wanted to continue attending the school in which they had developed, free and harmoniously, their creative capacity. Therefore the "Escolinha" started working with adolescents.
3. The necessity of explaining to the parents the value of their children's experiences was felt by the teachers. Lectures and artistic activities were organized to integrate those parents into the experience of the School.
4. With the successful results obtained through the classes of Art for small groups, the School decided to amplify its action in order to offer to all Brazilian children and adolescents the same opportunities in the field of aesthetic education. To attain that, intensive courses of Art and Art Education for teachers were organized, and the School turned out to be a center for observation, research and training of teachers. With these activities it was possible to implement education through art in the traditional Brazilian school. A deeper consciousness of the importance of art in the educational process was awakened.
5. The next stage was related to diffusing principles, ideas, methods and techniques of Education through Art

not only among parents and teachers, but among the public in general. Panel discussions, lectures, seminars, interviews and exhibitions were held. The School founded 27 "Escolinhas de Arte" all over the country and 2 abroad.

6. The "Escolinha de Arte do Brasil", in spite of trying to include Art in the programs of the regular schools at all levels - elementary, secondary and university - paradoxically works only outside of these schools. It was soon realized that it was impossible to accomplish, within the programs of the regular schools - with their traditional framework and verbalistic methods - a free and genuine experience. Another process was, then, tried: the "Escolinha de Arte do Brasil" attracted teachers of those schools to identify themselves with its methods, processes and to offer them a different outlook of the role of Art in Education. The teachers thus exposed to different points of view were able to carry back to their classes a new understanding.
7. Facing the necessity to enlarge its knowledge through the exchange of experiences, the "Escolinha de Arte do Brasil" tried to establish contacts with educators linked by the same ideals in other countries. This action was not restrained to teachers but extended to common people. A further aim was to establish a deep relation between the ideals of Education through Art and the preservation of Peace.
In the beginning this exchange was maintained only with countries of

Europe and Asia. Later on priority was given to assistance to Latin America - the similarity of their social and economic problems to ours intensified our relations.

8. The "Escolinha de Arte do Brasil" is a private non-profit organization. It receives some financial grants from the Brazilian Government with which agrees to offer courses and to help in the setting up of new "Escolinhas" with the purpose of stimulating the "teaching of art" in the Brazilian schools. There are, however, some "Escolinhas" in the country and two abroad sponsored by the Brazilian Government. In Assuncion, Paraguay, the "Escolinha de Arte" is supported by the Cultural Mission Brazil-Paraguay; the "Escolinha de Arte" in Buenos Aires, Argentine, by the Cultural Institute Brazil-Argentine. The "Escolinha de Arte" from Portugal developed independently, but follows the same principles of the Brazilian one. Teachers at the schools abroad who linked to our movement, are never Brazilians. They are members of the teaching force of their own countries. Recognizing the uniqueness of our experience related to art in education they come to the "Escolinha de Arte do Brasil" to witness what is going on and to take back the part of it that is relevant to their own countries. It has been our purpose to let them get a feeling for the universal principles that should guide the activities of any such "Escolinhas" which should adjust and respond to the peculiar aspects of their own particular culture.

ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL

Avenida Marechal Câmara, 314-4º andar,
Rio de Janeiro. Estado Guanabara. Brasil

4

**ESTATUTO da
ESCOLINHA de
ARTE do RECIFE**

ESCOLINHA de ARTE do RECIFE
R. do Cupim, 124 . Recife . Pernambuco

Capítulo I

Da Sede, da Denominação e das Finalidades

Art. 1.º . É criada uma sociedade civil, com sede e fóro no Recife, de duração indeterminada e com a denominação de **Escolinha de Arte do Recife**.

Art. 2.º . A **Escolinha de Arte do Recife** tem como finalidade, promover atividades artísticas e recreativas visando o desenvolvimento estético e o ajustamento emocional e social da criança.

Parágrafo único . Com essa finalidade a **Escolinha**: a) estimulará a auto-expressão da criança através de atividades artísticas e recreativas;

b) proverá os meios materiais e as oportunidades de aprendizagem das diversas técnicas de arte;

c) estudará o desenvolvimento artístico da criança em todos os aspectos;

d) difundirá os resultados obtidos;

e) estimulará a criação de escolas do mesmo gênero;

f) estabelecerá intercâmbio com entidades congêneres nacionais e estrangeiras;

g) pugnará pelo reconhecimento social da arte infantil;

h) promoverá a especialização de professores para o ensino e orientação de atividades artísticas e recreativas.

Capítulo II

Dos Serviços e do Funcionamento

Art. 3.º . Para a realização de seus objetivos, a **Escolinha** manterá:

- 1) Atelier de desenho e pintura;
- 2) Atelier de modelagem, cerâmica e escultura;
- 3) Oficina de trabalhos manuais;
- 4) Atelier de artes gráficas;
- 5) Clube de Fotografia;
- 6) Clube de música e dança;
- 7) Clube excursionista e esportivo;
- 8) Clube de cinema;
- 9) Teatro infantil;
- 10) Museu de Arte Infantil;
- 11) Centro de pais e professores;
- 12) Centro de estudos;
- 13) Curso de orientação e formação de professores;

- 14) Departamento de publicações;
- 15) Biblioteca, discoteca e filmoteca infantís;
- 16) Departamento de assistência técnica a instituições educacionais.

§ 1.º . Os departamentos enumerados, assim como outros julgados úteis, organizar-se-ão à medida das necessidades.

§ 2.º . A frequência a êsses departamentos será retribuída de acôrdo com a situação financeira dos interessados, sendo, porém, inteiramente gratuita para os economicamente incapazes.

Art. 4.º . Poderá a **Escolinha** orientar e dirigir organizações com a mesma finalidade, mediante convênios ou entendimentos com seus dirigentes.

Capítulo III

Dos Sócios

Art. 5.º . Serão sócios pessoas e instituições, em número ilimitado, que desejem cooperar com a **Escolinha**.

Art. 6.º . Os sócios não respondem subsidiariamente pelas obrigações sociais.

Art. 7.º . Haverá as seguintes categorias de sócios:

a) **contribuintes**: os que contribuírem com a mensalidade mínima de Cr.\$ 10,00 (dez cruzeiros);

b) **colaboradores**: os que, além da mensalidade, participarem de quaisquer atividades da **Escolinha**;

c) **beneméritos**: os que prestarem serviços relevantes à **Escolinha**, tanto no plano social como no financeiro;

d) **honorários**: aquêles a quem a **Escolinha** houver por bem conceder essa distinção.

§ 1.º . Serão considerados sócios fundadores aquêles que tiverem participado da Assembléia de fundação da Sociedade.

§ 2.º . A admissão dos sócios far-se-á por solicitação do interessado e a juízo da diretoria.

Art. 8.º . São direitos dos sócios:

a) votar e ser votado;

b) propor à Diretoria quaisquer medidas que visem o bom desenvolvimento da **Escolinha**.

Capítulo IV

Da Administração

Art. 9.º . A administração da **Escolinha** ficará a cargo de uma diretoria eleita, em assembléia geral, por dois anos, assim constituída: Presidente, Vice-Presidente, Secretário Geral, 1.º Secretário, 2.º Secretário, 1.º Tesoureiro, 2.º Tesoureiro, Diretor Técnico, 3 (três) Assistentes Técnicos.

Todos os cargos serão gratuitos e providos mediante eleição da Assembléia.

Caberá à Diretoria, em conjunto, deliberar sobre a execução dos programas de atividades, ouvindo quando necessário o Conselho Consultivo e Comissões que forem por ela nomeadas.

Art. 10.º . A Diretoria escolherá os membros do Conselho Consultivo entre pessoas de reconhecida idoneidade profissional, aos quais caberá assistir àquela Diretoria e às Comissões de Atividades, em trabalhos técnicos, científicos e gerais, quando solicitados.

Parágrafo único . O número de membros do Conselho Consultivo será determinado pela Diretoria e seu mandato terá a duração de um ano.

Art. 11.º . A Diretoria poderá, em caso de necessidade, admitir auxiliares e membros de Comissões de Atividades, com ou sem remuneração.

A Diretoria se reunirá em dia e hora combinados com 24 horas de antecedência, pelo menos. Suas deliberações serão tomadas por metade mais um do número de votos dos membros presentes.

A Diretoria prestará contas anualmente à Assembléia Geral. No caso de ocorrer vaga definitiva de um dos cargos da Diretoria antes do último semestre do mandato, far-se-á eleição para preenchê-la, na forma do art. 9.º.

Art. 12.º . Compete ao Presidente:

a) a representação legal da **Escolinha** em juízo ou fora dêle;

b) convocar a Assembléia Geral na forma deste Estatuto;

c) superintender os vários setores técnicos e administrativos;

d) presidir às sessões da Diretoria, tendo, além do seu voto, o de qualidade;

e) apresentar o relatório e balanço ao Conselho Fiscal;

f) assinar e visar juntamente com o 1.º Tesoureiro, cheques, duplicatas, promissórias, cauções e mais documentos que impliquem responsabilidade financeira ou patrimonial para a **Escolinha**;

g) ordenar despesas em casos urgentes e excepcionais, bem como autorizar, independente de aprovação, despesas não excedentes a Cr.\$10.000,00 (dez mil cruzeiros).

Art. 13.º . Competirá ao Vice-Presidente substituir o Presidente em seus impedimentos e auxiliar o Presidente na administração, desempenhando as tarefas que lhe forem atribuídas.

Art. 14.º . Competirá ao Secretário Geral superintender o expediente e organizar o relatório anual.

Art 15.º . Competirá ao 1.º Secretário substituir o Secretário Geral em seus impedimentos e faltas; redigir as atas das sessões da Diretoria; ler as atas das sessões anteriores, bem assim o expediente; dirigir os serviços gerais da secretaria; organizar e assinar a correspondência.

Art. 16.º . Competirá ao 2.º Secretário substituir o 1.º em seus impedimentos e faltas e auxiliar o 1.º Secretário nos trabalhos da Secretaria.

Art. 17.º . Compete ao 1.º Tesoureiro dirigir e fiscalizar os serviços gerais da Tesouraria; guardar sob a sua responsabilidade os valores e títulos de qualquer natureza pertencentes à **Escolinha** e por eles responder; depositar em nome da **Escolinha**, em estabelecimentos de crédito escolhidos pela Diretoria, as quantias sem aplicação imediata; prestar informações ao Conselho Fiscal, quando solicitado; apresentar à Diretoria o balancete semestral de receita e despesa e o balanço geral anual; assinar, juntamente com o Presidente, cheques, cauções, duplicatas e promissórias e outros documentos.

Art. 18.º . Compete ao 2.º Tesoureiro substituir o 1.º Tesoureiro em seus impedimentos e faltas, auxiliando-o em todos os serviços da Tesouraria.

Art. 19.º . Compete ao Diretor Técnico a orientação técnica da **Escolinha**, a supervisão dos planos de trabalho das Comissões de Atividades e a substituição do Vice-Presidente em tôdas as suas funções e atribuições.

Compete ao 1.º Assistente Técnico dirigir as Comissões de Atividades, tanto na elaboração dos planos como na execução do trabalho.

Art. 20.º . O Conselho Fiscal será composto de cinco sócios quites eleitos pela Assembléia Geral, com mandato de um ano.

Parágrafo único . As vagas ocorridas no Conselho Fiscal serão preenchidas pelos suplentes, em número de cinco, eleitos também com os efetivos, pela Assembléia Geral.

Art. 21.º . Competirá ao Conselho Fiscal examinar os balancetes semestrais de receita e despesa e o balanço anual, dando parecer à Diretoria, e pedir informações ao 1.º Tesoureiro quando julgar necessário; comparecer às reuniões da Diretoria quando convocado, prestando e recebendo os esclarecimentos necessários.

Capítulo V Da Assembléia Geral

Art. 22.º . A Assembléia Geral reunir-se-á, ordinariamente, uma vez por ano, na segunda quinzena de março, para tomar conhecimento do balanço do ano anterior, do relatório da Diretoria e do parecer do Conselho Fiscal, e será presidida e secretariada por sócios quites e colaboradores estranhos à Diretoria, não podendo nem esta nem o Conselho Fiscal tomar parte na aprovação das contas.

Art. 23.º . Sempre que julgar necessário, a Diretoria convocará, extraordinariamente, a Assembléia Geral, que também poderá ser convocada pelo Conselho Fiscal ou mediante requerimento firmado por dois terços dos sócios quites.

Art. 24.º . A convocação da Assembléia far-se-á com oito dias de antecedência, por edital publicado no «Diário Oficial» e num jornal de grande circulação.

§ 1.º . A Assembléia Geral instalar-se-á em primeira convocação, com a presença de trinta (30) sócios quites, no mínimo; em segunda convocação, uma hora depois, com qualquer número, salvo o disposto no art. 26.º.

§ 2.º . Os sócios poderão ser representados na Assembléia Geral por procurador, que seja sócio quite. É vedado ao sócio ser procurador de mais de dois outros.

Art. 25.º . Compete à Assembléia Geral:

- a) eleger e destituir a Diretoria e o Conselho Fiscal;
- b) examinar e discutir o relatório da Diretoria, o balanço e o parecer do Conselho Fiscal;
- c) alterar e reformar o estatuto;
- d) sugerir à Diretoria quaisquer medidas que lhe pareçam vantajosas para os interesses da **Escolinha**;
- e) resolver sobre a fusão, incorporação e dissolução da **Escolinha**, devendo, neste último caso, indicar a instituição de fins análogos à qual deverá ser entregue o patrimônio social.

Art. 26.º . Para destituir a Diretoria no todo ou em parte, para alterar ou reformar o estatuto e para dar destino ao patrimônio da **Escolinha** em caso de dissolução, será necessária a presença em Assembléia Geral, de dois terços dos sócios quites.

Art. 27.º . A votação em Assembléia Geral será por escrutínio secreto.

Capítulo VI

Do Patrimônio Social

Art. 28.º . O patrimônio social constituir-se-á da contribuição dos sócios, assim como de subvenções, auxílios, legados e donativos, rendas, produtos de atividades, publicações, etc., e dos bens que a Sociedade vier a adquirir.

Capítulo VII

Disposições Gerais

Art. 29.º . Os casos omissos serão resolvidos pela Diretoria com o voto da maioria de seus membros.

Art. 30.º . A reforma do presente Estatuto só podera ser feita depois de um ano de sua vigência.

Art. 31.º . A Assembléia que aprovar o presente Estatuto, elegerá a primeira Diretoria e o Conselho Fiscal, dando-lhes posse imediata.

Art. 32.º . O ano social coincidirá com o ano civil.

(Aprovado em Assembléia Geral no dia seis de março de mil novecentos e cinquenta e três e registrado no livro "A", número oito, fôlha cento e três de Registro de Pessoas Jurídicas, 1.º Cartório de Registro de Títulos e Documentos, Bel. Reginaldo Fernandes Martins, sob o número de ordem quinhentos e noventa e um e do Protocolo número treze, número de ordem trinta e dois mil e cem, em vinte e oito de agosto de mil novecentos e cinquenta e quatro e publicado, por extrato, no "Diário Oficial", número cento e setenta e sete, do dia doze de agosto de mil novecentos e cinquenta e quatro).

ESTATUTO
DA ESCOLINIA
DE ARTE
DO BRASIL

7

Rio de Janeiro, 1952

CAPÍTULO I

Da Sede, da Denominação e das Finalidades

Art. 1.º — É criada uma sociedade civil, com sede e fóro no Distrito Federal, de duração indeterminada e com a denominação de Escolinha de Arte do Brasil.

Art. 2.º — A Escolinha de Arte, tem como finalidade, promover atividades artísticas e recreativas visando ao desenvolvimento estético e ao ajustamento emocional e social da criança.

§ **único** — Com essa finalidade a Escolinha:

- a) estimulará a auto-expressão da criança através de atividades artísticas e recreativas;
- b) proverá os meios materiais e as oportunidades de aprendizagem das diversas técnicas de arte;
- c) estudará o desenvolvimento artístico da criança em todos os aspectos;
- d) difundirá os resultados obtidos;
- e) estimulará a criação de escolas do mesmo gênero;
- f) estabelecerá intercâmbio com entidades congêneres nacionais e estrangeiras;
- g) pugnará pelo reconhecimento social da arte infantil;
- h) promoverá a especialização de professores para o ensino e orientação de atividades artísticas e recreativas.

CAPÍTULO II

Dos Serviços e do Funcionamento

Art. 3.º — Para a realização de seus objetivos, a Escolinha manterá:

- (1) Atelier de desenho e pintura;
- (2) Atelier de modelagem, cerâmica e escultura;
- (3) Oficina de trabalhos manuais;
- (4) Atelier de artes gráficas;
- (5) Clube de fotografia;
- (6) Clube de música e dança;
- (7) Clube excursionista e esportivo;
- (8) Clube de cinema;
- (9) Teatro infantil;
- (10) Museu de arte infantil;
- (11) Centro de pais e professores;
- (12) Centro de estudos;
- (13) Cursos de orientação e de formação de professores;
- (14) Departamento de publicações;
- (15) Biblioteca, discoteca e filmoteca infantís.

§ 1.º — Os departamentos enumerados, assim como outros julgados úteis, organizar-se-ão à medida das necessidades.

§ 2.º — A frequência a êsses departamentos será retribuída de acôrdo com a situação financeira dos interessados, sendo, porém, inteiramente gratuita para os economicamente incapazes.

Art. 4.º — Poderá a Escolinha orientar e dirigir organizações com a mesma finalidade, em qualquer ponto do país, mediante convênios ou entendimentos com seus dirigentes.

CAPÍTULO III

Dos Sócios

Art. 5.º — Serão sócios pessoas e instituições, em número ilimitado, que desejem cooperar com a Escolinha.

Art. 6.º — Os sócios não respondem subsidiariamente pelas obrigações sociais.

Art. 7.º — Haverá as seguintes categorias de sócios:

- a) **contribuintes**, os que contribuírem com a mensalidade mínima de Cr\$. . 10,00 (dez cruzeiros)
- b) **colaboradores**, os que, além da mensalidade, participarem de quaisquer atividades da Escolinha;
- c) **beneméritos**, os que prestarem serviços relevantes à Escolinha; tanto no plano social como financeiro;
- d) **honorários**, aquêles a quem a Escolinha houver por bem conceder essa distinção.

§ 1.º — Serão considerados socios fundadores aqueles que tiverem participado da Assembléa de fundação da Sociedade.

§ 2.º — A admissão dos sócios far-se-á por solicitação do interessado e a juízo da diretoria.

Art. 8.º — São direitos dos sócios:

- a) votar e ser votado;
- b) propor à Diretoria quaisquer medidas que visem ao bom desenvolvimento da Escolinha.

CAPÍTULO IV

Da Administração

Art. 9.º — A administração da Escolinha ficará a cargo de uma diretoria eleita, em assembléa geral, por três anos, assim constituída: Presidente, Vice-Presidente, Secretário Geral, 1.º Secretário, 2.º Secretário, 1.º Tesoureiro, 2.º Tesoureiro, Diretor Técnico, Assistente Técnico. Todos os cargos serão gratuitos e providos mediante eleição da Assembléa.

Caberá à Diretoria, em conjunto, deliberar sobre a execução dos programas de atividades, ouvindo quando necessário o Conselho Consultivo e Comissões que forem por ela nomeadas.

Art. 10.º — A Diretoria escolherá os membros para o Conselho Consultivo entre pessoas de reconhecida idoneidade profissional, aos quais caberá assistir àquela Diretoria e às Comissões de atividades em trabalhos técnicos, científicos e gerais, quando solicitados.

§ **único** — O número de membros do Conselho Consultivo será determinado pela Diretoria e seu mandato terá a duração de um ano.

Art. 11.º — A Diretoria poderá, em caso de necessidade, admitir auxiliares e membros de Comissões de Atividades, com e sem remuneração.

A Diretoria se reunirá em dia e hora combinados com 24 horas de antecedência, pelo menos. Suas deliberações serão tomadas por metade mais um do número de votos dos membros presentes.

A Diretoria prestará contas anualmente à Assembléia Geral.

No caso de ocorrer vaga definitiva de um dos cargos da Diretoria antes do último semestre do mandato, far-se-á eleição para preenchê-la, na forma do art. 9.º.

Art. 12.º — Compete ao Presidente:

- a) a representação legal da Escolinha em juízo e fora dêle;
- b) convocar a Assembléia geral na forma dêste Estatuto;
- c) superintender a administração;
- d) presidir às sessões da Diretoria, tendo, além de seu voto, o de qualidade;
- e) apresentar o relatório e balanço ao Conselho Fiscal;
- f) assinar e visar juntamente com o 1.º Tesoureiro cheques, duplicatas, promissórias, cauções e mais documentos que impliquem responsabilidade financeira ou patrimonial para a Escolinha;
- g) ordenar despesas em casos urgentes e excepcionais, bem como autorizar,

independente de aprovação, despesas não excedentes a Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros).

Art. 13.º — Competirá ao Vice-Presidente substituir o Presidente em seus impedimentos, e auxiliar o Presidente na administração, desempenhando as tarefas que lhe forem atribuídas.

Art. 14.º — Competirá ao Secretário Geral supervisionar o expediente e organizar o relatório anual.

Art. 15.º — Competirá ao 1.º Secretário substituir o Secretário Geral em suas faltas e impedimentos; dirigir as atas das sessões da Diretoria; ler as atas das sessões anteriores, bem assim o expediente; dirigir os serviços gerais da secretaria; organizar e assinar a correspondência.

Art. 16.º — Competirá ao 2.º Secretário substituir o 1.º em suas faltas e impedimentos, auxiliar o 1.º Secretário nos trabalhos da Secretaria.

Art. 17.º — Compete ao 1.º Tesoureiro dirigir e fiscalizar os serviços gerais da Tesouraria; guardar sob sua responsabilidade os valores e títulos de qualquer natureza pertencentes à Escolinha e por eles responder; depositar em nome da Escolinha, em estabelecimento de crédito escolhido pela Diretoria, as quantias sem aplicação imediata; prestar informações ao Conselho Fiscal, quando solicitadas; apresentar à Diretoria o balancete semestral de receita e despesa e o balanço geral anual; assinar juntamente com o Presidente cheques, cauções, promissórias e duplicatas e outros documentos.

Art. 18.º — Compete ao 2.º Tesoureiro substituir o 1.º Tesoureiro em suas faltas e impedimentos auxiliando-o em todos os serviços da Tesouraria.

Art. 19.º — Compete ao Diretor Técnico a orientação técnica da Escolinha, a supervisão dos planos de trabalho das Comissões de Atividades e a substituição ao Vice-Presidente em todas as suas funções e atribuições.

Compete ao Assistente Técnico dirigir as Comissões de Atividades, tanto na elaboração dos planos como na execução do trabalho, e substituir o Diretor Técnico em suas faltas e impedimentos.

Art. 20.º — O Conselho Fiscal será composto de cinco sócios quites, eleitos pela Assembléa Geral, com mandato de um ano.

§ **único** — As vagas ocorridas no Conselho Fiscal serão preenchidas pelos suplentes, em número de cinco, eleitos também, com os efetivos, pela Assembléa Geral.

Art. 21.º — Competirá ao Conselho Fiscal examinar os balancetes semestrais de receita e despesa e o balanço anual, dando parecer à Diretoria, e pedir informações ao 1.º Tesoureiro quando julgar necessário; comparecer às reuniões da Diretoria quando convocado, prestando e recebendo os esclarecimentos necessários.

CAPÍTULO V

Da Assembléa Geral

Art. 22.º — A Assembléa Geral ordinariamente reunir-se-á uma vez por ano, na 2.ª quinzena de março, para tomar conhecimento do balanço do ano anterior, do relatório da Diretoria e do parecer do Conselho Fiscal, e será presidida e secretariada por sócios quites e colaboradores estranhos à Diretoria, não podendo nem esta nem o Conselho Fiscal tomar parte na aprovação das contas.

Art. 23.º — Sempre que julgar necessário, a Diretoria convocará, extraordinariamente, a Assembléa Geral, que também poderá ser convocada pelo Conselho Fiscal ou mediante requerimento firmado por dois terços de sócios quites.

Art. 24.º — A convocação da Assembléa far-se-á com oito dias de antecedência, por edital publicado no "Diário Oficial" e num jornal de grande circulação.

§ 1.º — A Assembléa Geral instalar-se-á em primeira convocação, com a presença de trinta sócios quites no mínimo; em segunda convocação, uma hora depois, com qualquer número, salvo o disposto no art. 26.º

§ 2.º — Os sócios poderão ser representados na Assembléa Geral por procurador, que seja sócio quite. É vedado ao sócio ser procurador de mais de dois outros.

Art. 25.º — Compete à Assembléia Geral:

- a) eleger e destituir a Diretoria e o Conselho Fiscal;
- b) examinar e discutir o relatório da Diretoria, o balanço e o parecer do Conselho Fiscal;
- c) alterar e reformar o estatuto;
- d) sugerir à Diretoria quaisquer medidas que lhe pareçam vantajosas para os interesses da Escolinha;
- e) resolver sôbre a fusão, incorporação e dissolução da Escolinha, devendo, neste último caso, indicar a instituição de fins análogos à qual deverá ser entregue o patrimônio social.

Art. 26.º — Para destituir a Diretoria no todo ou em parte, para alterar ou reformar o estatuto e para dar destino ao patrimônio da Escolinha em caso de dissolução, será necessária a presença em assembléia Geral de dois terços dos sócios quites.

Art. 27.º — A votação em Assembléia Geral será por escrutínio secreto.

CAPÍTULO VI

Do Patrimônio Social

Art. 28.º — O patrimônio social constituir-se-á da contribuição dos sócios, assim como de subvenções, auxílios, legados e donativos, rendas, produtos de atividades, publicações, etc., e dos bens que a Sociedade vier a adquirir.

CAPÍTULO VII

Disposições Gerais

Art. 29.º — Os casos omissos serão resolvidos pela Diretoria com o voto da maioria de seus membros.

Art. 30.º — A reforma do presente Estatuto só poderá ser feita depois de um ano de sua vigência, por

dois terços da Assembléa Geral, convocada extraordinariamente para êsse fim especial, nos termos do art. 23.º.

Art. 31.º — A Assembléa que aprovar o presente Estatuto, elegerá a primeira diretoria e o Conselho Fiscal, dando-lhes posse imediata.

Art. 32 — O ano Social coincidirá com o ano civil.

Aprovado em Assembléa Geral no dia dezoito de janeiro de mil novecentos e cinquenta e dois e registrado no livro "A" número dois do Registro Civil de Pessoas Jurídicas, Cartório Linhares, sob o número de ordem dois mil e noventa e um e do Protocolo número quatro mil seiscentos e trinta, livro "A" número um em vinte e oito de abril de mil novecentos e cinquenta e dois e publicado, por extrato, em o número setenta e dois no "Diário Oficial" do dia vinte e seis de março de mil novecentos e cinquenta e dois.



EXPOSIÇÃO DE DESENHO E PINTURA
— D E —
CRIANÇAS HOLANDEASAS

Sob o alto patrocínio do Exmo. Sr. Dr. Clovis Salgado Ministro
da Educação e Cultura e com a colaboração da Embaixada dos
Países Baixos.

ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL
ESCOLINHA DE ARTE DO RECIFE

Rio de Janeiro — Pernambuco

A exposição de crianças holandesas que ora apresentamos, pelo seu conteúdo poético, toca a nossa sensibilidade e estimula a nossa inteligência, levando-nos a uma compreensão maior da formação estética da criança. Dá-nos ainda, uma idéia do quanto se enriquece a educação do indivíduo com a vivência da arte na escola, tanto pelo que ela exprime quanto pelo que ensina sobre a importância do próprio ato criador no desenvolvimento do ser humano.

Não será a obra criada que interessa ou beneficia a criança, mas o próprio ato de criar. A necessidade de expressão é inerente a todo indivíduo, e o que aqui vemos, é essa expressão na sua forma pura, vinda à superfície através dos estímulos e dos métodos nos quais está sempre presente o respeito pela personalidade infantil.

Dentro de uma atmosfera de liberdade, a criança vence, normalmente, os sucessivos estágios do seu desenvolvimento e o professor se livra daquela tensão característica do ensino acadêmico de arte. Mas, se por um lado o professor liberta-se das normas coercitivas, resta-lhe uma tarefa mais sutil e complexa — é levado ao esforço de observar mais profundamente a criança e de habilitar-se para descobrir e desenvolver, plenamente, a capacidade inata de cada um dos seus discípulos.

Evidentemente, esse tipo de educação não visa os supostos “bem dotados” nem pretende formar artistas, mas, busca sobretudo “ensinar os valores e as disciplinas essenciais ao pleno desenvolvimento intelectual, afetivo e social do indivíduo, no seio da comunidade”.

A atual mostra oferece ainda um aspecto particularmente atraente — apresenta um estudo progressivo da atividade artística da estudante da primeira infância à adolescência. Comumente, o que se exhibe de produção artística dessa última fase, é, de ordinário, pobre de interesse. Isso se compreende porque, na adolescência, vários problemas tendem a distribuir o processo normal do desenvolvimento da aludida atividade.

É necessário dar aos jovens novas técnicas, mais possibilidades de experiências que venham ao encontro de seus reais interesses e amplo estímulo à sua capacidade de análise, sem descuidar, todavia, da valorização de suas qualidades instintivas.

Dentro desse pensamento, esta exposição nos proporciona algumas sugestões que vêm ampliar os nossos recursos para a renovação dos métodos de educação através da arte.

6

CENTRE D'ART ENFANTIN ACADEMIE DU JEUDI

30, RUE DE GRENELLE — PARIS-VII^e
METRO : SEVRES-BABYLONE, SAINT-
SULPICE, ST.-GERMAIN-DES-PRES, BAC.
AUTOBUS : 39, 48, 63, 68, 75, 83, 84,
86, 94, 95, 96. — TEL. : LITRE 75-55.

EXPOSITION DU 27 JANVIER 1954
AU 28 FEVRIER 1954 INCLUS.
VERNISSAGE LE MERCREDI 27 JANVIER,
DE 16 HEURES A 20 HEURES.
OUVERT TOUS LES JOURS (SAUF LUNDI)
DE 10 H. A 12 H. ET DE 16 H. A 19 H.
JEUDI 9 H. A 12 H. ET 14 H. 30 A 19 H.
ENTREE LIBRE



EVOLUTION ET PERSONNALITE DE L'ENFANT

L'EVOLUTION DE L'ENFANT NOUS APPARAÎT SOUS DES ASPECTS DIVERS. IL PEUT S'AGIR DE LA COURBE QUI, A TRAVERS DES STADES CONNUS, VA DU GRIBOUILLIS AU DESSIN FIGURATIF ; OU D'UNE PROGRESSION QUI REFLETE DES MODIFICATIONS DANS LE PSYCHISME DE L'ENFANT ; OU D'UNE EVOLUTION AU SENS PLASTIQUE.

L'EVOLUTION PLASTIQUE — THEME DE L'EXPOSITION — SE MANIFESTE EN UNE INTENSIFICATION DU POUVOIR EXPRESSIF DE L'ENFANT ET UN ENRICHISSEMENT PROGRESSIF DE SES ŒUVRES. MAIS, S'IL Y A ENRICHISSEMENT D'UNE PART, D'AUTRE PART APPARAÎT, EN DES SIGNES CERTAINS, LA PERSISTANCE DE SA PERSONNALITE.

CURSO : - A MÍMICA NA EDUCAÇÃO E NO TEATRO

PROFESSOR: Luís de Lima
DURAÇÃO : 2 meses
HORÁRIO : 2 vezes por semana, das
16,15 às 18,15 horas
LOCAL : Escolinha de Arte do Bra-
sil

Se a mímica oferece ao indivíduo desenvoltura e harmonia, por que reservá-la ao Teatro, propriamente dito ?

Não poderíamos considerá-la também, e muito simplesmente como contribuição e enriquecimento da capacidade expressiva de cada ser humano ?

Dessa forma não seria ela expressão de arte e, simultaneamente, elemento fundamental do processo educativo que visa ao desenvolvimento global do indivíduo ?

Essa problemática e a inexistência de uma maior valorização da mímica, em nosso país, faz com que a Escolinha de Arte do Brasil, através do Curso "A Mímica na Educação e no Teatro", a cargo do artista Luís de Lima, proporcione aos educadores a oportunidade de uma nova experiência que venha acrescentar mais um aspecto criador no campo da educação brasileira.

PROGRAMA :

1. IMPROVISAZÃO MÍMICA - visando à disciplina das emoções baseada na espontaneidade de cada indivíduo
 - exercícios baseados na demonstração dos cinco sentidos;
 - exercícios de improvisação coletiva baseados nas sensações e reações ;
 - improvisações individuais com um sentido de dramatização ;
 - improvisação mímica partindo de trechos de obras famosas de todos os gêneros literários.

2. MÍMICA-como tomada de consciência do valor expressivo do corpo humano
 - movimentos autônomos da cabeça, tronco e membros ;
 - conjugação parcial e depois total, de todos os movimentos ;
 - estudo da locomoção humana ;
 - expressão dramática baseada na locomoção humana e mecânica ;
 - estudos sobre mímica subjetiva;
 - exercícios coletivos associando a improvisação mímica à expressão corporal.

MATRÍCULA :

- . taxa única de R\$ 24 000,00 (vinte e quatro mil cruzeiros)
- . preenchimento de ficha de inscrição
- . 1 retrato no tamanho 3 x 4

Será dado certificado aos alunos que tiverem 80% de frequência, no mínimo.

ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL, AVENIDA MARECHAL CÂMARA, 314-4º ANOAR - RIO - GB - ABRIL 1964

CURSO : TEATRO DE FANTOCHES

PROFESSORES: Ilo Krugli e Pe
dro Touron

DURAÇÃO : de março a julho
de 1964

HORÁRIO : às têrças, quintas
e sextas-feiras,
das 9,30 às 11,30

LOCAL : Escolinha de Arte
do Brasil, Aveni-
da Marechal Câma-
ra, 314- 4º andar

1. OBJETIVOS :

- Dar aos alunos conhecimentos, técnicas e atitudes visando ao emprêgo do Teatro de Fantoches como expressão ;
- Dar aos alunos maior domínio e aperfeiçoamento das técnicas de manipulação e aspectos plásticos inerentes ao Teatro de Fantoches ;
- Proporcionar aos interessados, estímulo, formação e meios para criação de um Teatro de Fantoches, como resultado de trabalho de pesquisa e experiência, e também possível integração dessa atividade no processo educativo.

2. PROGRAMA :

- Preparação do ator :

relaxamento

respiração

ritmo

voz

plástica do gesto expressivo

ritmo e movimento

deslocamento, coreografia, dança

criação de espetáculo de gesto

manipulação do fantoche

dinâmica expressiva :

coordenação de voz, movimento, interpretação

o ator no espetáculo

- O fantoche de luva :

histórico

peças tradicionais

teatro de bonecos para adultos

teatro de bonecos para crianças

análise de personagens e situações teatrais

encenação :

síntese e expressão do fantoche

ritmo e plástica do espetáculo

- Possibilidade da forma expressiva no Teatro de Fantoques :

modelagem

desenho

côr

plástica funcional do espetáculo

criação de bonecos, cenários, efeitos dramáticos visuais

forma do espetáculo atual

- Técnicas :

elaboração de boneco de vara

fantoche de luva

formas animadas

construção de palcos

cortinas e telões

construção de cenários e elementos cenográficos

iluminação

- Estágio em classes de curso de atividades artísticas para crianças e do curso de desenho para jovens

observação de atividades de teatro espontâneo feito pela criança e pelo jovem ;

observação e participação dos espetáculos organizados pelos professores Pedro Touron e Ilo Krugli para crianças, jovens e adultos

3. MATRÍCULA :

- taxa única de R\$ 35 000,00 (trinta e cinco mil cruzeiros)
- 1 fotografia no tamanho 3 x 4
- preenchimento de ficha de inscrição

4. FREQUÊNCIA :

- frequência regular às aulas práticas e teóricas
- será dado certificado do Curso aos alunos que tiverem 80% de frequência, no mínimo

5. MATERIAL :

- material básico fornecido em parte, pela Escolinha e distribuição de peças mimeografadas

ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL

Avenida Marechal Câmara, 314-4º andar-Rio-Guanabara - março 1964

A ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL
Cyro dos Anjos

Nem tudo está perdido: nesta sociedade suicida, que brinca com a bomba de hidrogênio: há, por aí, criaturas que se-nham reconstruir o mundo, ex-plorando as possibilidades inesgotáveis de uma aptidão humana, até agora só aproveitada em escala restrita, num punhado de indivíduos. Tais criaturas acreditam que a in-tensificação e captação das forças criadoras do homem, no domínio estético, podem mudar a face da História. E dizem-nos, confiantemente: "Fiquem descansados. O mundo não se pulverizará. Enquanto os físicos fabricam engenhos nucleares, nós liberamos o sonho. E, pelo sonho, a humanidade salva-se".

Não aludem êsses apóstolos - é óbvio - à espécie de sonho que é apenas consciência adormecida, caprichosa flutuação de imagens, tumulto, indisciplina. Por sonho entendem aquilo a que os teólogos chamam contemplação, ato em que o espírito se concentra por inteiro, com as suas facul-dades mais nobres. Com razão se disse, do artista, que se um rêveur éveillé: sonhando,

está mais desperto que os outros homens. E pode-se bem supor que, se algum dia todos os homens exercessem a faculdade de sonhar, já não haveria guerras. Quando cada indivíduo soubesse abrir as suas janelas para o mundo que se esconde atrás da realidade imediata, e sonhando alguns instantes ao quotidiano, dar uma pincelada num quadro, ouvir uma sonata de Mozart ou tentar um poema (a poesia deve ser feita por todos, queria Lautrémont), os impulsos de destruição se abafariam. Pen-
saria o homem: "A guerra não me deixará acabar êsse quadro. Seria uma lástima. E, provavelmente, estragaria a paisagem. Que pena, destruir aquela árvore, além! Ademais, as bombas assustam as crianças. Proibamos a guerra".

Como reeducar o homem pela arte? Não seria possível apanhá-lo adulto, quando já o raptou a razão cartesiana. Só um pequeno grupo, em cada geração, escapa às insídias dessa inimiga do sonho. Há de apanhar-se o homem na infância, quando êle está, ainda, em comunicação com o mundo má

gico. Assim pensa o pintor brasileiro Augusto Rodrigues, fundador das "Escolinhas de Arte do Brasil", pedagogo revolucionário, que ora percorre a Europa, com a sua admirável exposição de arte infantil. Não pretende Augusto Rodrigues que todo indivíduo se transforme num artista, num criador. Sabe, muito bem, que as criaturas são desigualmente dotadas para a arte. Entretanto, está certo de que a função estética pode ser desenvolvida em todos, a um grau que permita, pelo menos, a participação. Segundo idéia hoje corrente, aquêle que frui a obra de arte está sempre a lhe acrescentar algo, participando, assim, do ato criador. A criação se prolonga no espírito. Ninguém poderia negar que o Dom Quixote de hoje, trabalhado por muitas gerações de leitores, é mais rico, mais carregado de sentido, que o legado a nós por Cervantes. Já que o leitor, o ouvinte, o público, enfim tem papel de tal importância na criação artística e experimenta, em certa escala, a emoção criadora que a arte proporciona aos que a cultivam, devemos aparelhar to

dos os homens para a atividade estética. Eis a idéia que anima as "Escolinhas de Arte do Brasil".

Não importa que esta ou aquela criança seja menos dotada para criar: educuêmo-la para participar. Sartre escreveu, a propósito da literatura, palavras que por igual, se aplicam a tôdas as artes: "A operação de escrever implica a de ler como seu correlativo dialético. Êsses dois atos conexos exigem agentes distintos, pois nunca o escritor lerá os seus escritos como o leitor os lê. Dos esforços conjugados de autor e de leitor é que surgirá êsse objeto concreto e imaginário: a obra do espírito. Não existe arte senão para outrem e por intermédio de outrem".

Rir-se-ão os espíritos cartesianos dessa idéia de transformar as perspectivas do mundo, por meio da educação estética. Querer o irracionalismo encontrar soluções que a inteligência não tem podido achar... Não será de grande préstimo, no caso, invocar Bergson. Dirão que, no fundo,

Bergson era um poeta e tomou o partido da poesia. Mas, ó, cavalheiros de espírito geométrico, agora já não são apenas os poetas e os filósofos que apelam para a arte e lhe confiam problemas. Prestai atenção ao que disse o biólogo Adolpho Portmann nos "Encontros" de Genebra (Débat sur l'art contemporain - O. Seluck, Paris, 1948). Entende êsse famoso cientista que a atividade do espírito, em sua plenitude, encerra dois componentes: a função teórica e a estética. E que esta última tem importância tão grande quanto a da outra. O desequilíbrio do espírito, a angústia de nosso tempo serão consequência de haver o Ocidente optado pela função teórica, aceitando uma discriminação, um juízo de valor, que conferiu dignidade mais elevada ao comportamento científico. A crise espiritual, que parece ser o remate da cultura do Ocidente, teve, assim, como causa, a atrofia da vida estética. Ao reino da qualidade, preferiu-se o da quantidade.

A moderna biologia considera a arte alta atividade hu

mana, atividade final, que é parte do conhecimento, já que este não abarca apenas aquilo que a realidade imediata, o mundo de todos os dias não propõe como problema. O conhecimento almeja estender-se ao conjunto do universo, que se furta à nossa experiência e permanece, diante de nós, como um enigma. Para a conquista de um conhecimento mais amplo, do mundo e do homem, temos de nos valer tanto da atividade científica, como da artística. O ideal está na sã conjugação das aptidões de espírito. O ser humano - esse dinamismo de instinto e de razão, de inconsciente e de consciente de emoção e de saber - pode ser descrito por fórmulas de polaridade, mas possui uma unidade indissolúvel, que sempre subsiste como fato essencial. Uma criação humana, que sacrificasse tal ou qual das polaridades do nosso ser, o mutilaria. Importa uma descida ao mundo interno do sonho: isso não importa a abdicação do intelecto. Procure-se o equilíbrio harmônico de nossas faculdades espirituais, busque-se o homem completo. Na vida de hoje, dominada pela

função teórica, cumpre operar-se uma revolução espiritual que libere a atividade da função estética e a integre na vida total. A vida do espírito só poderá reencontrar nova plenitude quando o homem se vir tão grande no Pensamento como no Sonho. É o que diz Portmann.

Augusto Rodrigues se apoia, assim, no próprio pensamento científico de nosso tempo. Como ficarmos insensíveis a esse admirável movimento que ele anima? Vêde a exposição de arte infantil, e tomareis contato com uma das mais comventes experiências de que se possa dar notícia: o mundo visto por uma sensibilidade ainda não sofisticada. Mundo de genuína poesia, que salta das gravuras do pequeno Osvaldo ou do pequeno André e que raramente os artistas maduros encontram.

ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL

Av. Mar. Câmara, 314-4º andar,
Rio de Janeiro, GB-março, 1963

Artigo escrito pela professora Noemy da Silveira Rudolfer da Universidade de S. Paulo, para "Gravuras, Pinturas e Cerâmicas de Crianças das Escolinhas de Arte do Brasil", folheto publicado em Portugal, pela Editôra da Empreza Nacional de Publicidade do Diário de Notícias - Lisboa, 1955.

ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL

Com um certo grau de certeza, poderíamos afirmar hoje que esta segunda metade do século XX se caracteriza por fundamentos mais estáveis que está a oferecer a um néo-humanismo. Como o velho humanismo do Renascimento, este humanismo hodierno está a valorizar de modo novo, o homem e suas realizações. Deixa de ocupar o primeiro lugar, o homem douto ou o mais inteligente pois que cedeu tal primazia àquele mais cheio de sensibilidade, de emoção. O verbalista intelectualista está a mais e mais a ser substituído pelo artista e pelo técnico. A excelência humana se define agora mais por mensagens de beleza e de emoção que pela fria objetividade da razão. Mas, também ela, a mensagem de beleza, mudou de conteúdo: a realização mais acatada não é mais aquela que se rege por padrões formalistas de perfeição nem a que se escraviza à realidade tangível, objetiva.

deu o advento de uma estética mais profunda. De uma expansão mais genuína porque radicada nos impulsos essenciais. De uma criatividade mais original porque, dentro do néo-humanismo, o indivíduo vale mais que o grupo. De uma espontaneidade mais sincera, porque mais primitiva. De uma apreciação mais justa e verdadeira, porque os padrões acadêmicos, de consenso generalizado, foram substituídos pela aferição em termos do mais pessoal, e dentro da pessoa, do que mais se radica em significados dos inconscientes.

Nesta era do homem concebido como ser emocional - instintivo, e não como representante exclusivo da racionalidade, nada substitui a formação estética, na produção do novo ser. Não se pode mais prescindir da arte sob todos os seus aspectos - pintura, escultura, dança, poesia, literatura, música - ou de suas aplicações, quando se visa educar, formar. Busca-se afinar a sensibilidade, como um direito

É fora de dúvida que se

que cabe a cada um, porque, segundo rezam os filósofos e psicólogos ativistas, o instinto sabe mais que a razão..Dar oportunidade para que cada um possa livremente exprimir as forças dinâmicas de sua personalidade por técnicas livres e métodos libertados, tornou-se o lema da educação progressiva.

É nessa linha de considerações, que surge ante mim a figura modesta e desprezada de si mesma, de Augusto Rodrigues, como um dos arautos que, após Lourenço Filho, Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo, têm pugnado pela renovação educacional do Brasil. A sua "Escolinha de Arte do Brasil" é quase um paradoxo: nela, o diminutivo do nome porfia com a grandeza da função ... Gadinho de beleza e de harmonia, de milagres de cor e ritmo, a "Escolinha não traça programas nem predetermina roteiros. A criança, o adolescente aí chegam e aí contam com todos os meios disponíveis para exprimir-se em profundidade, beleza e sinceridade. Só uma palavra pode bem definir o tipo de

inter-relação que aí se estabelece - cooperação. O aluno é ajudado no sentido de saber que pode criar e de ter fé em sua capacidade de originalidade. Cada um se vê refletido no espelho da confiança que nele depositam e só é considerado efetivamente integrado na comunidade escolar, quando acredita em si mesmo e se exprime com coragem, sem timidez ou insegurança. Com isto, redefine o conceito que faz de si mesmo e de suas possibilidades, numa auto-valorização que se manifesta por atitudes de honesta auto-asserção. Aliás, na "Escolinha" não se impõem padrões inibitórios: exprimir-se, expandir-se sempre, consistentemente a buscar sobrepujar-se. Nada de comparações extenuantes e angustiosas com outrem. O alvo é o indivíduo a porfiar consigo mesmo na lapidação da própria personalidade, por um permanente esforço a sobrepujar-se.

É preciso ter tido o privilégio de ter ido à "Escolinha de Arte do Brasil", para que se possa aquilatar quanto cada

criança é um artista inato. Poder-se-à assim testemunhar como se transfere e se generaliza para todos os outros planos da personalidade, a confiança obtida através da manifestação artística. Então, se pode sentir que a transformação mais radical da personalidade não é a que se processa pela aquisição de novos conhecimentos, de noções diferentes ou acumulações de informações, mas pela "vivência" integral, unida, profunda, da manifestação das camadas mais profundas e significativas da personalidade, pela arte. Frequentar a "Escolinha de Arte", como eu fiz, é comungar da integração do eu de cada discípulo em todas as suas instâncias, é participar do gozo de ver transferido para os planos sociais, o desenvolvimento individual: feliz de haver descoberto sua capacidade criativa, cada jovem artista se comunica integrado, com os demais numa sociabilidade de mútuo respeito em que cada um aprende a aceitar a expressão alheia como legítima, a despeito de quanto seja diver-

gente da própria.

É preciso visitar a "Escolinha de Arte do Brasil", fábrica do homem novo.

E quanta coisa tem ela feito, Deus meu! Onde estão Augusto Rodrigues e sua fiel colaboradora Lúcia Alencastro com toda a equipe, aí se acha um espírito de profundo respeito pela natureza individual, de incentivo à capacidade criadora de garantia absoluta à privacidade de cada um. De comunidade perfeita porque o desenvolvimento individual não custou a perda de autonomia de ninguém.

Fundada em 1948, dentro da Biblioteca "Castro Alves", já que possuir sede própria não era impecilho para Augusto Rodrigues, ansioso de servir outras jovens, a "Escolinha" já recebeu e guiou a mais de mil crianças. Foi tão grande sua eficiência, que outros núcleos se criaram em vários pontos do Brasil. Na "Escolinha de Arte" quantos cursos se estão a reali-

zar por artistas de fato e quantos já foram por êles realizados: teatro, cerâmica, gravura, "silk-screen", tecelagem, cursos para professoras de jardim de infância, fabricação de bonecas e de marionetes ... que sei eu! Além disso empreendeu inúmeros seminários e grupos de debates sobre a formação e a criação artística da criança. Organizou muitas exposições de arte infantil, de âmbito nacional e internacional. Em suma, tem sido o celeiro farto de produção estética da criança brasileira e estrangeira.

Quem diz "Escolinha de Arte do Brasil", diz confiança na capacidade criadora da criança e do adolescente. Diz incentivo à criança e ao adolescente para que se superem cada dia em auto manifestação afetivo-emocional e, com isso diz estímulo ao progresso individual. Diz da formação do bom sócio, daquele que sabe não haver modelos rígidos a copiar servilmente - fórmula acadêmica ou realidade objetiva e que por êsse motivo adquire

um profundo senso de respeito a outrem e à sua maneira de ser e de exprimir-se. Quem diz "Escolinha de Arte", fala, em suma, de vivências integradas, de alegria essencial. E sobretudo, fala de Augusto Rodrigues e de Lucia Alencastro, apóstolos do credo nôvo, daquele que valoriza o homem esteta, integrado em si mesmo pela expansão sublimada das forças mais dinâmicas de sua personalidade, consciente de que "é" porque não se escravizou a padrões de empréstimo nem matou a própria emotividade com a hipertrofia de seu intelecto. Bem hajam ambos. Quem diz "Escolinha de Arte" diz personalidades autônomas e auto-suficientes. E não será êsse acaso o alvo da educação genuína?

ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL

Av. Marechal Câmara, 314-4º andar
Rio de Janeiro - GB - dez. 1962

15

" ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL "

Contribution to the 4th Assembly
of the INSEA in Montreal, Canada,
in August, 1963

The purposes and aims of the "Escolinha de Arte do Brasil" are based on the principle that artistic education is fundamental to the full development of the human personality: intellectually, socially and emotionally. Stimulation of the child's creative capacity invites and favours free expression and authentic communication with the environment in which it lives. Artistic creation, the natural outlet of every human being's necessities and artistic education is, as Herbert Read says, "a means of culture".

The "Escolinha" strives to integrate creative activity within the scope of education, with the help of teachers, artists, psychologists and everyone concerned with the adjustment of children.

Established 15 years ago, the methods employed by the "Escolinha" have met with the full approval of public and private schools in Brazil, and have been adopted in general. The success of their methods may be further evaluated by noting that subsequently, 22 other "Escolinhas" have been established in Brazil, as well as 3 in Argentina and Paraguay.

The "Escolinha" has contributed to the international movement through exhibitions held in England, France, Italy, Portugal, Panama, Peru, Chile, Holland, Equador, Turkey, Paraguay, the United States and Canada.

The numerous people who visit our school are impressed by our adaptability in assimilating new and interesting techniques in the field of art education, maintaining always, however, the concept of free expression in creative activity. This, in turn, has preserved the excellent level of spontaneity, gaiety and imagination of our children's works.

Our principle objective is neither to enforce a professional form of art, nor to employ teachers of specific artistic techniques; our aim is to break down, to a certain extent, the rigid and academic

attitude towards the teaching of art, and to initiate a movement for effective research into this field of art.

It is of interest to note that, in 1948, a Brazilian Child Art Exhibition was turned down by a Pedagogic Centre of Milan on the grounds that the works were found to be overly impregnated with the deformative influence to the teaching techniques, and were, consequently, stereotyped. This same year the "Escolinha de Arte" was founded in Rio de Janeiro by Augusto Rodrigues. In 1954, another exhibition sent to Italy, was met with flattering applause.

Initially, the "Escolinha" was situated in a section of a Public Library, which was lent to them, and in this happy environment, the spirit prevailing was one of spontaneity and enthusiasm among all concerned.

This first period was very significant, insofar as there was considerable interchange of experience and ideas among the artists, teachers, parents and psychologists. We were not interested in dictating principles and norms, but only in exchanging practicalities with those versed in artistic education.

Questions have been raised as to whether our methods handicap children in their relationship to academic art instruction in ordinary schools; our reply has been that creative activity engenders in children a wiser outlook, an ability to face up to reality, and adaptability in facing new situations. The self-confidence and sense of security children obtain from creative experience is apparent in all processes of learning - learning being understood as a dynamic and essential adaptative mutation of human behaviour.

We intent to be an observation centre, where we endeavour to create new methods of teaching art which will more readily meet our needs, having as a guiding through that art propitiates a better understanding and acceptance of social dynamics, and introduces harmony into the concept of life.

ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL

Avenida Marechal Câmara, 314-4º andar-Rio-Guanabara

AS ATIVIDADES ARTÍSTICAS EM FUNÇÃO DO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Programa do curso intensivo organizado pela Escolinha de Arte do Brasil com convênio com a Legião Brasileira de Assistência-Comissão Estadual de Alagoas e sob os auspícios da Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Alagoas

ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL
programa de difusão da experiência Escolinhas de Arte Guanabara, janeiro de 1964

AS ATIVIDADES ARTÍSTICAS NA EDUCAÇÃO
prof. Augusto Rodrigues

1. Palestras : Arte na educação - para os professores-alunos
Arte e a criança - para educadores em geral
2. Aulas teórico-práticas :
 - Colagem e recorte sôbre papel prêto
 - Desenho meio cego. Colagem com pequenos ramos e outros elementos da natureza
 - Desenho: com lápis-cêra (desenho raspado); desenho com anilina e água sanitária
 - Desenho : nanquim sôbre papel úmido
 - Desenho : guache

ASPECTOS BÁSICOS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO
prof. Léa Kauffmann

1. O desenvolvimento como processo
2. A aprendizagem como fator de desenvolvimento
3. Estádios do desenvolvimento psicológico : infância
4. Estádios do desenvolvimento psicológico : adolescência
5. Estádios do desenvolvimento psicológico : idade adulta, velhice
6. O ajustamento -objetivo permanente do desenvolvimento humano
7. Palestra para educadores : As atividades artísticas no processo do desenvolvimento da personalidade

INICIAÇÃO MUSICAL

prof. Cecília Conde

1. Ritmo : desenvolvimento do senso rítmico
2. Movimento : criação
3. Bandinha rítmica e conjunto de percussão: finalidade; organização; criação de instrumentos; prática de conjunto
4. Aulas práticas com um grupo de crianças para observação dos professores-alunos
5. Palestra : A criança e a iniciação musical

TEATRO DE FANTOCHES

professôres Ilo Krugli e Pedro Touron

1. Preparação do ator :

- relaxamento
- respiração
- ritmo
- voz
- plástica do gesto expressivo
- ritmo e movimento
- deslocamento, coreografia, dança
- criação de espetáculo de gesto
- manipulação do fantoche
- dinâmica expressiva :
 - coordenação de voz, movimento, interpretação
 - o ator no espetáculo

2. Possibilidade da forma expressiva no teatro de fantoches :

- modelagem
- desenho
- côr
- plástica funcional do espetáculo
- criação de bonecos, cenários, efeitos dramáticos visuais
- forma do espetáculo atual

Espectáculo de teatro de fantoches - público em geral

São professores responsáveis, pela coordenação, em Maceió, Augusto Rodrigues, Cecília Conde e Léa Kauffmann.

Escolinha de Arte do Brasil
I Seminário sobre Arte na Educação

TEMARIO E GUIA

I

Conceituação de Arte na Educação

II

Análise da Experiência das Escolinhas de Arte

- a) Natureza e Fins das Escolinhas;
- b) Organização e Administração;
- c) Planos e Programas de Trabalho;
- d) Métodos e Técnicas;
- e) Professorado.

III

Proposições, Planos e Programas

- 1º) A experiência das Escolinhas de Arte no campo da Educação nas Escolas (oficial e privada);
- 2º) Plano para o Seminário de 1962.

+++

Considerações Gerais: Inicialmente serão debatidos os novos conceitos sobre Arte na Educação. Em seguida se debaterá sobre as Escolinhas de Arte, partindo do estudo de sua natureza e fins, para as suas experiências no Brasil e no Exterior. As contribuições deverão ser concretas e informativas, e acompanhadas de críticas dos resultados obtidos.

REGULAMENTO

I - FINALIDADES DO SEMINÁRIO

Art. 1º. O Seminário de Arte na Educação tem como finalidade debater os novos conceitos sobre Arte na Educação, visando tanto as necessidades do indivíduo como da sociedade. Debaterá sobre o movimento das Escolinhas de Arte, tendo em vista a análise das suas experiências, suas implicações em relação ao meio ambiente, planos e proposições e as perspectivas do seu desenvolvimento.

Art. 2º. O Seminário será realizado na Escolinha de Arte do Brasil, à Avenida Marechal Câmara, nº 314 - 4º andar, no Rio de Janeiro, Estado da Guanabara, em duas etapas. A primeira etapa terá lugar entre 17 e 27 de janeiro e a segunda entre 17 e 27 de fevereiro de 1961. A primeira etapa, além de estudos para conceituação sobre a Arte na Educação, visa coligir material informativo sobre as Escolinhas. A segunda desenvolverá o trabalho inicial sobre conceituação de Arte na Educação, analisará todo o material fornecido sobre as experiências das Escolinhas e apresentará proposições, planos e programas ao plenário.

II - TEMARIO

Art. 3º. De acordo com sua finalidade, o Seminário orientará as suas deliberações em três sentidos:

a - Teórico: analisando idéias sobre Arte na Educação, tendo em vista o indivíduo e a sociedade, assim como a natureza e os fins das Escolinhas de Arte;

b - Prático: observando, criticamente, as experiências das Escolinhas de Arte tendo em vista o seu crescimento e intensificação de sua ação no meio ambiente;

c - Programático: recomendando adoção de medidas, planos e programas para as Escolinhas e organismos públicos e privados interessados nos pressupostos do Seminário.

III - ORGANIZAÇÃO

Art. 4º. A Organização do Seminário estará a cargo de uma Junta, composta de um Secretário Geral, um Secretário Técnico, um Secretário de Relações e um Coordenador Geral, indicados pela entidade organizadora, e cujas funções são as seguintes:

a - convidar e credenciar os membros do Seminário;

b - estabelecer a sede das reuniões, programas de sessões solenes e atenções aos visitantes;

c - classificar contribuições;

d - ministrar informações técnicas que se requeiram;
e - integrar a mesa diretora, como Secretário, e dispor em geral tudo para o maior êxito da campanha.

Art. 5º. A entidade organizadora designará pessoal administrativo e técnico auxiliar, por proposta da Junta Organizadora e administrará os fundos do Seminário.

IV - MEMBROS DO SEMINARIO

Art. 6º. Serão membros do Seminário:

a - os diretores e professores das Escolinhas de Arte e da Junta Organizadora;

b - os delegados de instituições educacionais privadas ou públicas, que apresentarem pelo menos uma contribuição ao Seminário;

c - os convidados especiais, com vez, porém sem voto;

d - pessoas que tenham publicado trabalhos sobre os temas do Seminário, com destaque no campo da Arte na Educação, e solicitem inscrição à Junta ou Secretariado.

Art. 7º. O prazo para as inscrições encerra-se no dia 16 de janeiro, podendo porém a Junta, com aprovação do presidente, convocar pessoas para a segunda etapa do Seminário, até o dia 16 de fevereiro.

V - MESA DIRETORA

Art. 8º. Comporá a Mesa Diretora do Seminário a Junta Organizadora, um Presidente e dois Vice-Presidentes (1º e 2º), eleitos pela Assembléia.

Art. 9º. O Presidente exercerá as funções habituais referentes ao cargo, nêsse tipo de reuniões. Em caso de ausência será substituído pelos Vice-Presidentes.

Art. 10º. O Coordenador Geral estabelecerá contactos entre a Mesa Diretora e Comissões, e entre Comissão e Comissão, supervisionando ainda o trabalho dos secretários.

Art. 11º. O Secretário-Técnico organizará e fiscalizará os trabalhos das comissões e publicações. O Secretário-Geral se encarregará da administração do Seminário, redigirá e lerá as atas das sessões, além de desempenhar as demais funções do cargo.

Art. 12º. O Secretário de Relações atenderá aos seminaristas, no tocante a hospedagem, informações gerais, passeios, programas, etc. Ficará encarregado ainda da divulgação das atividades do Seminário.

VI - COMISSÕES TECNICAS

VI - COMISSÕES TÉCNICAS

Art. 13º. Na primeira sessão ordinária de cada etapa do Seminário, o Presidente designará os componentes das Comissões Técnicas, de acôrdo com as divisões do Temário e as especialidades de cada membro do Seminário.

Art. 14º. As Comissões designarão um Presidente, um Secretário e um Relator, que poderão estabelecer sub-comissões para melhor desenvolvimento de suas tarefas.

Art. 15º. As Comissões estudarão as contribuições, emitirão pareceres sobre cada uma delas, recomendando sua aprovação simplesmente ou também a sua publicação. As contribuições, ou uma síntese redigida pelo Secretário, e o parecer respectivo, serão levados em tempo oportuno à sessão plenária, para a exposição do Relator, que a desenvolverá e defenderá se fôr necessário, de acôrdo com as determinações da Comissão.

VII - AS CONTRIBUIÇÕES

Art. 16º. As contribuições para o Seminário serão de quatro tipos :

- a - trabalhos originais de caráter teórico, sobre Arte na Educação; fins e natureza das Escolinhas de Arte;
- b - relatórios de caráter informativo ou documental;
- c - material ilustrativo;
- d - pronunciamentos e declarações.

Art. 17º. As contribuições deverão ser apresentadas à Comissão Organizadora antes da primeira reunião específica da Comissão respectiva, salvo em casos excepcionais, quando as contribuições poderão ser apresentadas antes da última reunião respectiva.

Art. 18º. As contribuições deverão ser apresentadas com título e nome do autor no alto da página, e firmadas no fim do trabalho e escritas a máquina em um só lado do papel.

VIII - AS SESSÕES

Art. 19º. As sessões do Seminário serão solenes e ordinárias. Serão solenes as de abertura e encerramento, da primeira e segunda etapa do Seminário.

Art. 20º. A sessão de abertura e a primeira sessão ordinária, até a eleição das autoridades, será presidida por autoridade indicada pela entidade organizadora.

Art. 21º. Na primeira sessão ordinária, após a verificação das credenciais dos membros do Seminário, serão designadas as autoridades.

Art. 22º As votações somente serão tomadas nominalmente em caso de dúvida e tôdas as resoluções serão aprovadas por simples maioria de votos, dos membros presentes.

Art. 23º. Em caso de premência de tempo, o Presidente poderá limitar a dez minutos improrrogáveis a exposição de cada orador ou relator, os quais só poderão voltar a falar sobre o mesmo tema para formular os esclarecimentos. Poderá ser ampliado o tempo de exposição em casos excepcionais.

IX - JUNTA EXECUTIVA

Art. 24º. Concluído o Seminário, a Junta Organizadora se constituirá em Junta Executiva, para comunicar e concretizar as recomendações da Assembléia.

Art. 25º. A Junta Executiva será depositária de tôda a documentação e material pertencentes ao Seminário até junho de 1961, visando a possibilidade de publicação total ou parcial dos resultados do Seminário. Depois dêste prazo o material ficará à disposição da entidade organizadora.

X - DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 26º. Os casos omissos serão resolvidos pela presidência da Mesa Diretora.

+++

Escolinha de Arte do Brasil
I Seminário sobre Arte na Educação

17 a 27 de janeiro

1 9 6 1

17 a 27 de fevereiro

AGENDA DA 1ª ETAPA

- Dia 17.1 - 16 horas - Sessão solene de Abertura
1ª Sessão Ordinária e Constituição das Comissões
Palestra
- Dia 18.1 - - Reunião das Comissões
16 horas - 1ª Sessão Plenária
Palestra
- Dia 19.1 - - Reunião das Comissões
Palestra
- Dia 20.1 - - Livro
- Dia 21.1 - - Reunião das Comissões
- Dia 22.1 - - Excursão
- Dia 23.1 - - Reunião das Comissões
Palestra
- Dia 24.1 - 16 horas - 2ª Sessão Plenária
Reunião das Comissões
Palestra
- Dia 25.1 - - Reunião das Comissões
Palestra
- Dia 26.1 - - Reunião das Comissões
- 16 horas - 3ª Sessão Plenária
Palestra
- Dia 27.1 - 16 horas - Sessão Solene de Encerramento.

Observação : O horário das reuniões das Comissões será fixado pelas mesmas ,
desde que não perturbe o horário geral da Agenda.
A Agenda da 2ª etapa do Seminário ficará a cargo da Comissão Orga-
nizadora.

IV Assembléia da "International Society
For Education Through Art"

Relatório apresentado pela professora
Maria Helena Novaes, delegada do Brasil,
representante da Escolinha de Arte do
Brasil, no encontro de artistas e educa-
dores realizado em Montreal, de 18 a 24
de agosto de 1963.

Realizou-se em Montreal, Canadá, de 18 a 24 de agosto a 4a. Assembléia Internacional da INSEA (International Society for Education Through Art) à qual compareceram artistas, educadores, filósofos e psicólogos para debater o tema central da "Educação Através da Arte Como Base de Compreensão Internacional".

A Sociedade Internacional da Educação Através da Arte, fundada, em 1952, sob os auspícios da UNESCO visa promover as atividades da educação artística, bem como encontros e reuniões para intercâmbio de experiências dos educadores e artistas de todos os países a fim de favorecer a difusão de idéias válidas do ponto de vista pedagógico e coordenar as pesquisas realizadas neste setor. Esta Sociedade admite como membros ativos e associados todas as pessoas que crêm nos valores da educação artística em todos os domínios da atividade humana. Cada três anos programa uma Assembléia Internacional durante a qual procede à eleição do Conselho que deverá dirigir os seus trabalhos no próximo triênio. O seu presidente honorário é Sir Herbert Read, tendo passado a presidência, nesta última eleição do Dr. Gaitskell (Canadá) para Dr. Soika (Alemanha).

As contribuições apresentadas na Assembléia foram as mais interessantes e expressivas tendo sido destacados os aspectos sócio-culturais dos povos africanos, europeus, orientais e americanos. A conferência de Herbert Read tinha por título "A Arte, princípio de unidade na educação" e foi altamente significativa uma vez que salientou o valor da arte no processo de comunicação dos povos, devido à sua penetração direta e linguagem universal. Destacou, ainda, a necessidade de não se confundir arte internacional com arte universal, sendo a primeira, limitada ao contexto das nações e a última, mais ampla e autêntica pelos valores que encerra. As crianças, por exemplo, na sua expressão artística apresentam símbolos, sinais idênticos, sejam elas dos mais variados lugares e países. Por outro lado, continuou Read, a educação através da arte favorece a disciplina perceptiva, coordenando as imagens visuais e atende a um desejo universal do homem que é a procura da harmonia e da ordem, além de propiciar um clima de liberdade aos indivíduos, canalizando forças inconscientes negativas em realizações positivas. Portanto, os valores estéticos devem ser preservados a fim de que as civilizações perdurem, sendo a educação através da arte a educação da paz. A paz é o alvo de todo o ser humano e a arte é um dos meios mais efetivos de atingí-la através do desenvolvimento dos sentimentos de beleza, harmonia e de liberdade criadora.

Soika na sua conferência sobre "A Contribuição da Europa na Educação Artística"

destaca o aspecto criativo das atividades artísticas do aspecto técnico, propriamente dito. A criança deve aprender a observar, a organizar formas e movimentos e a desenvolver habilidades específicas que facilitem a sua livre expressão criadora. Os métodos e as técnicas do ensino da arte são diferentes das demais disciplinas do currículo escolar devendo ser mais flexíveis e de fácil adaptação. Outro aspecto interessante destacado pelo representante alemão foi o destaque do papel da educação artística na preservação da cultura dos povos, uma vez que as expressões artísticas das crianças implicam numa crítica ao meio em que vivem e retrato das pressões ambientais que sofrem. Uma educação artística válida deve ser baseada no "pensar perceptivamente" que leva a criança a um desenvolvimento maior. Atualmente a educação através da arte representa um dos grandes recursos de liberação de tensões e conflitos tão frequentes na personalidade humana. O instinto criador deve ser desenvolvido através do ensino das atividades artísticas, bem como a capacidade da auto-expressão, espírito de disciplina e de organização da personalidade. A interpenetração dos valores estéticos no processo educativo é de suma importância para o êxito do mesmo.

Diversos grupos de estudo foram organizados para discutirem os seguintes temas "os valores universais da educação artística e a influência que exercem no seio da família, da comunidade, da nação e dos povos". Foi levantado, num destes grupos, o problema da formação e do preparo dos professores das atividades artísticas, a sua influência na aceitação da escola e da família das atividades artísticas como integrantes do currículo escolar. Por outro lado, o preparo dos pais a fim de compreender as atividades artísticas dos filhos foi também ventilado, sendo proposta a educação artística da família feita através da organização de clubes de artistas, centros de recreação de pais, exposições nas escolas, programas informativos e formativos de rádio, televisão, palestras, etc. Em várias oportunidades constatamos que os problemas da rigidez dos métodos de ensino acadêmico das artes, da resistência de muitas escolas e famílias em relação à liberdade de expressão artística das crianças ainda perduram em numerosos países.

M.El-Bassiouny, do Egito, ressaltou a importância de conduzir as crianças, através do ensino das artes, a uma visão mais objetiva e ampla dos problemas levando-as a encontrar soluções próprias e originais, facilitando a comunicação das mesmas com o meio ambiente, bem como a unidade das suas criações artísticas. A arte representa um dos mais expressivos meios de transmissão cultural.

Assim sendo, a participação e conhecimento dos tesouros da cultura constitui um dos aspectos imprescindíveis no processo integrativo da educação através da arte. Por outro lado, o processo criador implica numa "consciência própria do seu valor" e num "pensar por si mesmo" que leva o indivíduo ao espírito de observação e de crítica. A educação artística nas escolas pode ser uma atividade altamente produtiva, entretanto, se fôr lesionada em têrmos rígidos e inadequados, por transformar-se em recurso negativo, levará a criança a desenvolver estereotípias de pensamento, obrigando-a a um enquadramento em normas artificiais e sem significação para o seu desenvolvimento.

No que diz respeito à contribuição da América do Sul nesta Assembléia, foi das mais apreciadas. O interêsse demonstrado pelos integrantes do congresso foi muito grande pelas atividades das Escolinhas de Arte do Brasil, dirigidas por Augusto Rodrigues, bem como pelos seus cursos de formação e de especialização programados anualmente. A exposição dos trabalhos das crianças brasileiras enviada foi exposta no Museu de Belas Artes de Montreal, tendo sido, prèviamente, muito elogiada por grupos de educadores e artistas que tiveram oportunidade de vê-la. Por outro lado, a imprensa canadense interessou-se muito, tendo divulgado ampla reportagem sôbre as atividades das Escolinhas de Arte do Brasil e da Argentina. Comparecemos a um programa na Rádio Brasil - Canadá que foi transmitido também no Brasil no qual foram feitos comentários sôbre os trabalhos da Assembléia. Aliás, despertou grande interêsse o fato do Brasil ter enviado um delegado que exercia as funções de magistério junto às professôras das atividades artísticas e de psicólogo. Um pequeno resumo das atividades e dos principais objetivos das Escolinhas de Arte do Brasil foi mimeografado e distribuído a todos os congressistas.

De modo geral a acolhida aos representantes dos diversos países foi das mais simpáticas, tendo sido planejada uma série agradável de atividades sociais. Um programa de filmes de alto nível, organizado pela UNESCO, foi levado em sessão noturna, tendo sido vivamente aplaudido por todos os congressistas, destacando-se o filme sôbre As artes vivas do Japão e a fantasia sôbre o Melro, em côres maravilhosas.

Compareceram representantes de todos os quadrantes do mundo, do Alaska à Austrália, do Brasil ao Japão, das Filipinas à Alemanha, da América do Norte à Indonésia; a Argentina foi muito bem representada por Mme. Caselli de Hechen que apresentou contribuição interessante sôbre a Educação através da Arte, na Amé-

rica do Sul.

Outros aspectos interessantes que foram discutidos nesta Assembléia foram: o papel da educação artística e da arte como fator humanizador na nossa era científica; a necessidade de preparo e da formação significativa dos professores das atividades artísticas, pois dêles depende, muitas vezes, o sucesso da Educação artística da criança, devendo participar do seu desenvolvimento, levando-a a criar espontaneamente dentro das suas possibilidades e vivências, integrando a realidade objetiva e subjetiva no processo criador; a importância da educação artística no processo da comunicação das massas, a sua ligação com as grandes técnicas de difusão e divulgação, incentivando o aperfeiçoamento destas técnicas e preparando os indivíduos a uma exigência maior em relação às mesmas.

Em síntese podemos afirmar que o sucesso desta Assembléia foi total, uma vez que o intercâmbio de experiências entre os congressistas foi intenso e muito proveitoso, os temas escolhidos para debates foram de grande interesse e a colaboração de todos os participantes foi muito expressiva. Constatamos que os problemas que enfrentamos no Brasil no tocante ao Ensino da Arte são universais, que o trabalho apresentado pelas Escolinhas de Arte do Brasil foi muito apreciado por especialistas mundiais, que as diretrizes que adotamos em relação à livre expressão artística da criança são aprovadas internacionalmente e finalmente, que há um enorme contingente de professores, artistas, filósofos, psicólogos interessados na Educação artística do indivíduo e que trabalham intensamente nesta direção, buscando uma melhor integração do indivíduo na sociedade, uma melhor compreensão universal e visando conseguir um clima de harmonia e de paz através da Educação pela Arte.

Os resumos dos debates e das conferências serão oportunamente publicados pela INSEA e enviados aos seus membros, assim como, as conclusões elaboradas pelas respectivas comissões de estudos, dirigidas respectivamente por Mlle. Noyer, da França, Mr. Sneum, da Dinamarca e Dr. Winebrenner dos Estados- Unidos.

Maria Helena Novaes

Rio de Janeiro, 30 de junho de 1959

Minhas queridas alunas :

Sinto-me triste por estar longe de vocês no momento em que o curso atinge o seu apogeu. Como não poderei falar na conferência de encerramento do Curso, vou escrever algumas das coisas que gostaria de dizer-lhes.

Talvez seja bom escrever na forma de uma carta porque assim será uma visão pessoal do que fizemos juntas. Penso - vocês não acham? - que o importante é o que fizemos juntas. Agora que as conheço um pouco melhor, posso avaliar como foram grandes as solicitações que lhes fiz e estou um tanto surpresa por vocês não se haverem rebelado e me atirado pelo terraço naquêlê primeiro dia em que ficaram com as mãos tôdas sujas com o processo de tingir. Relembro a varanda cheia daquêles panos coloridos, com as côres que fizemos com o maior prazer, mas penso que, para vocês, isto só tenha começado a fazer sentido quando utilizamos essas côres no bordado - e essas mesmas côres teriam tido ainda valor maior se, com elas, tivéssemos podido fazer a tecelagem conforme planejava. Observava atentamente, nas últimas etapas da tintura, a fim de fazermos quantidade suficiente de côres misturadas e sutis, adequadas às fibras que estávamos reunindo. Porque, estou certa que vocês concordarão - as côres têm estados de espírito ou tipos, exatamente como a música, e algumas das côres brilhantes ou barulhentas sufocariam ou matariam as variações delicadas e gentis das gramas, fibras ou palhas. Porém, as côres brilhantes eram adequadas a muitos bordados e, quando vocês fazem êste trabalho com crianças, é importante ter muitos e muitos retalhos de diferentes tipos a fim de que as crianças possam, em primeiro lugar, receber inspiração da própria fazenda e, depois, encontrar justamente aquela côr e aquela textura que desejam, da mesma forma por

ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL

Mensagem da prof. Seonaid Robertson dirigida às suas alunas do Curso de Atividades Artísticas e Recreativas promovido pela Escolinha de Arte do Brasil, no período de 20 de maio a 30 de junho de 1959.

Seonaid Mairi Robertson pertence ao grupo de artistas e educadores que, na Inglaterra, vem se dedicando à renovação do ensino de arte e difusão da educação através da arte. Vinda da Universidade de Leeds, esteve de abril a agosto de 1959, no Brasil, tendo visitado como "expert" em arte na educação, Recife, Salvador, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Trouxe para as Escolinhas estímulo e tôda sua rica experiência de pesquisa e trabalho renovador no campo da arte na educação.

que o músico pode procurar as notas para completar sua melodia, ou que, nós mesmas, procuramos, com nossos corpos, a sensação de um movimento que completasse nossa "fase de movimento" - ou, primeiro passo na criação de uma dança.

Nosso comêço com o barro foi a mesma coisa - experimentar a descobrir, no próprio barro, alguma coisa de sua própria natureza e aquilo que êle por si mesmo, nos mandava fazer. Aqui, outra vez, compreendo que pedi muito de vocês, com o tipo de experiência anterior que tiveram, quando as convidei a se sentarem sôzinhas com o barro e a explorarem o material. Mas vocês fizeram o trabalho e agradeço-lhes por isso porque, para mim, o primeiro momento em que me senti esperançosa foi quando tôdas se sentaram muito quietas, com os olhos vendados, explorando o barro. Também não esquecerei aquela manhã em que deixaram de ser tão sérias e acadêmicas e se entregaram ao prazer de olhar e cortar os frutos e partilharam do meu prazer em tôdas as coisas novas que estavam para ser descobertas dentro dos frutos. Vejam bem, entre os frutos brasileiros, sou como criança - tudo era novo e excitante para mim. Eu me teria sentido ridícula se não tivessem partilhado do meu prazer na descoberta e teria me inibido e perdido grande parte do prazer se não tivessem rido e apre- ciado comigo. Desta maneira, podemos incentivar as crianças a descobrirem e a sentirem prazer nas coisas comuns e participar do prazer das crianças, embora, por vêzes, auxiliando-as a compreenderem que isto é parte de um padrão mais amplo no tempo. Quer compreendamos êste padrão mais amplo apenas no plano físico - como cada planta ou animal trabalhando por meios complexos em vista da reprodução de suas próprias espécies - quer vejamos isto como um padrão espiritual de crescimento, podemos participar dêste prazer com as crianças. Ao criarmos e ao utilizarmos padrões, estamos em contato com a harmonia do mundo em seu sentido mais amplo. Não quero

dizer que se deva necessariamente, falar sôbre isto, embora, ocasionalmente, possa haver oportunidade para tanto. Quero apenas dizer que devemos ter isto em nosso pensamento e que devemos agir com firmeza, no sentido de induzi-los, não apenas como assunto de aula, mas no mundo em que vivemos. Porque as crianças são muito sensíveis aos nossos pensamentos, mesmo quando não os expressamos.

Estou certa de que vocês notaram como nossas atividades passaram, naturalmente, de uma a outra. A atividade da escrita - que está intimamente ligada à leitura - surgiu da feitura de padrões que, por sua vez, eu mesma, na Inglaterra, sempre faço simultaneamente com movimentos e com o estudo de padrões da dança e do som. Nunca tivemos tempo para explorar estas coisas em profundidade mas, se vocês iniciarem, verão que os padrões, assim descobertos, se aplicam também à cerâmica e aos padrões das impressões digitais que encontramos em alguns dos potes, ou na pintura de decorações rítmicas. E as relações entre formas de frutos e formas de cerâmica são infindáveis, e as possibilidades de fazer vasos de cerâmica para plantas - para sala de aula ou para jardim - levam nos a pensar sôbre o formato mais adequado aos diferentes tipos de plantas. A educação, em lugar de um número isolado de disciplinas ou habilidades, pode ser um todo orgânico se, nós educadores, a olharmos como tal.

A repetição e a música de palavras que uma criancinha balbucia ou cantarela para si mesma, pelo simples prazer do som, em pouco tempo são utilizados para indicar, com precisão, algumas coisas do mundo que a cerca. Da mesma forma, vocês hão de se lembrar do bordado criador a alinhavos que aprendemos como repetições de padrões de linhas curvas e que, logo depois, foram utilizados para delinear nosso "desenho-bordado": laçadas apertadas e regulares, para penas; laçadas com uma conta, para dizer: "isto é um olho" e sem a conta, para dizer: "isto é um nariz". Estes alinhavos têm

um uso simples e prático na costura comum de roupas, quando fazemos pontos cerrados para reforçar uma casa de botão, ou um ponto atraz para obter um arremate mais forte. Da mesma forma, eles têm uma utilidade poética no bordado, como motivo de auto-expressão e alegria. Partindo de um mesmo início, as crianças podem fazer usos diferentes de acordo com os ditames de suas naturezas e necessidades.

Assim, também o barro tem uma utilidade prática na cerâmica e uma utilidade "ilustrativa" ou "poética" na modelagem. E a madeira tem uma utilidade prática na carpintaria e uma utilidade diferente na gravura ou na escultura. E a provisão de material, quando ambas as utilizações são incentivadas e praticadas em escala tão ampla, mantém o trabalho - poético ou imaginativo - autêntico à natureza do material, e impede que o trabalho prático se torne, apenas cópia ou trabalho sem imaginação - porque o contato livre e imaginativo com o material é inspirador e sugere-nos novas formas. E é esta atitude imaginativa de encontrar novos modos de lidar com os materiais, novas formas de enfrentar situações e, até mesmo, novas maneiras de ser sensível no trato com as pessoas, que acredito ser de grande importância em educação. Vocês desenvolveram isto quando construímos fornos, estão lembradas? Quando não conseguimos encontrar exatamente o que queríamos, olhamos em volta do terreno à procura de alguma coisa, procuramos uma chaminé, ou quebramos pedaços de tijolos para preencher os buracos indesejáveis, ou amarramos o vaso com arame quando ele quebrou. E se os produtos dos fornos não estivessem todos como deveriam estar, e se tivéssemos tido tempo, teríamos adquirido mais paciência e habilidade ao experimentar novamente. Porque, aprender a analisar os nossos erros e a encontrar soluções imaginativas, também é parte da educação.

Sei que nenhuma concordaria com o britânico de espírito estreito que en-

contrei na festa que descrevi para vocês e que disse que ensinávamos às crianças a serem literatas. Se nos perguntassem isto, que resposta, daríamos? Talvez disséssemos que estamos educando as crianças para a vida. Porém, só se aprende a viver, vivendo. Acredito que as coisas que fizemos juntas foram vida porque estávamos fazendo experiências diretas - não estávamos lendo sobre experiências de terceiros. Os livros são os depositórios de conhecimento acumulado e podem proporcionar enormes alegrias. Porém, não deveriam eles ser utilizados para examinar e enriquecer o que nós e as crianças experimentamos diretamente? E, em vez de serem uma barreira entre a criança e a vida, serem utilizados para comparar e ampliar nossa experiência própria e real? O conhecimento e a sabedoria dos livros só é vida quando ligados a uma experiência real de nós mesmas. Do contrário, será um conhecimento morto, como a madeira morta que não tem raízes para sugar a vida da terra; e nós continuamos a oprimir as crianças, a sobrecarregá-las com este conhecimento morto até que elas, gradativamente vão perdendo a vitalidade de, através da própria experiência, irem buscar o conhecimento próprio. Vocês, alguma vez, já viram uma plantinha nova abafada pelas folhas mortas de uma grande árvore que caiu por perto? Ela experimenta desesperadamente, sustentar sua própria vida, que é tão frágil, por alcançar seu próprio ar e sua própria luz. Assim são as nossas crianças. A árvore grande, um dia teve vida, porém, agora, suas raízes foram arrancadas e suas folhas são inúteis. Até a mais delicada e a mais fina das folhas da plantinha pode mergulhar na atmosfera e na luz e sustentar sua frágil vida, se afastarmos o peso que uma educação livresca arremeceu sobre ela. Existe, porém, um único meio de esta grande árvore do conhecimento ajudar o crescimento da plantinha. Devemos esperar. Quando a grande árvore se tornou parte do solo que a cerca, quando as raízes da plantinha estiverem suficientemente fortes e

sua própria vida individual estiver aceita, então, ao invés de ser abafada, ela poderá absorver substância do ambiente em que a árvore grande se absorveu. Ninguém pode ter uma experiência à custa de outra pessoa-precisamos desenvolver nossos próprios sentimentos e sentidos.

Vocês me permitirão, porque são minhas amigas, lembrarmos aquele dia em que trouxe o barro para a sala de aula e ofereci a vocês uma experiência nova e algumas, em lugar de trabalharem o barro com a mão, pediram uma bibliografia. Muitas vezes, quando havia uma coisa imediata para ser feita, ou para ser sentida, vocês perguntaram: "onde é que eu posso arranjar um livro sobre este assunto? Quando eu as convidei a participarem de uma experiência nova, algumas quiseram antes tomar notas em lugar de se entregarem ao sentimento da experiência. Conhecer alguma coisa através das palavras de outrem, nada é se comparado à experiência vivida com nossos corpos e nossas mentes. Se na educação, tendemos a colocar em primeiro lugar o conhecimento dos livros - lugar que deveria ser ocupado apenas pela experiência direta - será talvez porque o nosso próprio treinamento foi feito nestas bases. Porém, se cada geração legar apenas o que recebeu, sem refletir novamente sobre a educação, nenhum progresso será alcançado. Talvez que um grande esforço e sacrifício deva ser pedido desta atual geração de professores - de vocês! Este ato de coragem consiste em voltar atrás e considerar a educação em que estamos envolvidas, quiçá em perder a segurança das coisas que aprendemos dos livros e das experiências de outras pessoas e em encarar a educação como preparação para a vida - para viver. Só a nossa própria experiência pode nos ajudar neste ponto - experiência de emoção, de imaginação, de fazer as coisas, e de descobrir as coisas. Nisto, podemos caminhar juntamente com as crianças, descobrindo juntas, fazendo coisas em

lugar de ler sobre coisas. Se vocês me permitirem, serei capaz de lhes fazer uma pergunta muito pessoal porque só vocês poderão dar a si mesmas esta resposta: "Quando vocês querem carinho e amor de seus pais, de seus filhos, de seus namorados, vocês se satisfazem em ler sobre o amor, a não ser como ilustração e meditação da coisa real? Assim, os livros deveriam ser para as crianças - um esclarecimento e uma continuação de qualquer coisa que elas realmente tivessem experimentado. Não permitamos que, para nós, os livros se tornem um substituto da própria vida. Apenas na experiência direta, encontramos vida plena.

Seonaid Robertson

ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL

Avenida Marechal Câmara, 314- 4º andar
Rio de Janeiro - Guanabara - julho 1962

2ª tiragem

A FUNÇÃO DA ARTE NA EDUCAÇÃO

Tese apresentada pelo professor Augusto Rodrigues ao IV Congresso Nacional de Professores Primários, realizado no Recife, de 17 a 23 de janeiro de 1960, e que serviu de base para as conclusões desse conclave no que concerne à importância das atividades artísticas na Escola Primária.

ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL

A FUNÇÃO DA ARTE NA EDUCAÇÃO

A discussão, neste Congresso, de que seja educação integral da criança, coloca-nos em face de um problema cuja solução tem sido um dos objetivos fundamentais, se não único, das Escolinhas de Arte do Brasil, qual seja: o da função da Arte na formação e desenvolvimento harmonioso da personalidade do educando. A vida, sem a dimensão da criatividade, é limitada e estéril. Por isso, torna-se necessário oferecer à criança as condições adequadas ao pleno desenvolvimento de sua capacidade expressiva, a fim de que conserve, quando adulta, o suprimento de sensibilidade capaz de conferir a todos os seus atos e percepções a dimensão criadora a que já nos referimos. Vamos mais adiante: a expressão, na criança, (quer se trate de desenho, de jogos simbólicos ou de dramatização espontâneas) é condição indispensável ao processo da estruturação de sua vida psíquica e, por onde, de seu amadurecimento. Piaget mostrou que ao exprimir-se livremente a criança se apossa de seu "eu", inserindo o que pensa e o que sente "neste mundo de realidades objetivas e comunicáveis que constitui o universo material e social". Se a capacidade expressiva é fator de amadurecimento, como mostrou Piaget, a sua importância para os interesses da escola primária ficará mais evidente quando mostrarmos a função do amadurecimento no processo da aprendizagem.

Esquemmatizando, sumariamente, este processo, poderíamos dizer que o grau de eficácia da aprendizagem depende do fator amadurecimento tomado em seu duplo aspecto de crescimento exterior (físico) e interior (psicológico). O crescimento interior ou amadurecimento se faz por via das experiências adquiridas pelo indivíduo. De fato, amadurecimento e aquisição de experiências são como vasos comunicantes. O amadurecimento, na criança, depende tanto da qualidade como da quantidade de experiências assimiladas. Assim, estudos recentes de cientistas sociais nos mostram que, nas zonas urbanas, o índice de aproveitamento, nas duas primeiras séries do curso primário, de crianças de classes sociais altas, é, estatisticamente, mais elevado que o índice de aproveitamento de crianças pertencentes a classes sociais mais baixas. Esta é uma verificação que se explica em virtude, sobretudo, de diferenciação de experiências vividas pelas crianças de status social mais elevado. Dir-se-ia que estas crianças, desde cedo, vêm sendo preparadas, quer pela atitude de seus pais no que concerne aos hábitos de higiene, de linguagem, de cortezia, etc., quer pela oportunidade que têm de travar conhecimento com maior número de coisas ou de situações (através de cinema, da televisão ou de viagens), para receber, sem atritos, a nova realidade que é a escola. A diferenciação e a multiplicidade de experiências, se servidas por um suficien-

te poder de expressão individual, criam nestas crianças a condição propícia para o êxito da aprendizagem escolar. Mais um testemunho da importância do exercício da capacidade expressiva da criança para o seu amadurecimento e dêste para a aprendizagem formal da escola primária, foi-nos dado por pesquisa recente dirigida pela professora Heloisa Marinho para aferir a importância dos jardins de infância no rendimento de alunos das duas primeiras classes da escola primária. Mostra esta pesquisa que as crianças que frequentaram jardins de infância, tiveram aproveitamento superior aos que o não fizeram. Coisa mais curiosa ainda: o rendimento das crianças que frequentaram jardins de infância onde havia preocupação de ensinar a ler ou a contar, mostrou-se inferior ao rendimento das crianças que frequentaram jardins de infância apenas interessadas em que as mesmas brincassem e, por onde, se expressassem e adquirissem hábitos e atitudes de sociabilidade.

As Escolinhas de Arte do Brasil teriam recompensados muitos de seus esforços se, através dêste Congresso, conseguissem dar ao magistério primário brasileiro a consciência de que a Arte não é apenas mais uma disciplina do currículo; mais uma entre outras, ou ao lado de outras, porém uma disciplina fundamental que está na base de tôdas, pois que seu objetivo é o de prover a criança dos meios de encontrar a si própria e a realidade que a cerca. Herbert Read diz: "Naturalmente é exato que, desde que se trate de um programa quotidiano de estudos numa escola ou num colégio, se deve aprender a história numa aula, geometria numa outra, e que êsses dois domínios de estudos tem pouco ou talvez nenhum ponto comum. Mas a Arte não é um terceiro domínio de estudo que convenha combinar separadamente com cada um dos outros, é um método de ensino que se estende a todos êsses domínios e que une todos os estudos numa disciplina comum. Ela pode animar tanto a história como a geometria e transformar cada matéria numa atividade espontânea, num jogo criador em que o ensino se insere necessariamente, com uma resposta do espírito a um movimento rítmico ou a um esquema significativo.

As Escolinhas de Arte do Brasil submetem ao exame do plenário dêste Congresso, a seguinte recomendação :

"A escola primária precisa estar aparelhada, ideológica e materialmente, para proporcionar às crianças as técnicas, os meios e o ambiente propícios ao exercício, em liberdade, da capacidade expressiva, construtiva, criadora, inventiva - fundamento de equilíbrio interior de todo ser humano.

AO RESTO, O RESTO - Augusto Rodrigues

Olhando trabalhos de crianças que frequentam a Escolinha de Arte do Brasil, muitos são os que, por fôrça do hábito, recorrem a um lugar comum para defini-los. Estou pensando, por exemplo, na expressão "mundo mágico da infância" com que adultos disfarçam a sua incapacidade para apreender o sentido profundo de certas manifestações ou atitudes de crianças. Com o mágico querem exprimir o que possivelmente haveria de insólito, de inexplicável e, ao cabo, de ilógico, no comportamento da criança.

No que se refere à expressão livre da criança através das atividades artísticas, a palavra "mágico" não tem sentido. O mundo de côres e formas que uma criança manipula nada tem a ver com os coelhos, sempre coelhos, que saem de uma cartola preta. Ao exprimir-se livremente, a criança apenas obedece a um impulso profundo de organização de sua vida psíquica e dos dados que a realidade lhe oferece. Piaget mostrou, por exemplo, que pela expressão livre a criança apossa - se de seu "eu", inserindo o que sente e o que pensa "neste mundo de realidades objetivas e comunicáveis que constitui o universo material e social". Pelas suas manifestações espontâneas, a criança situa-se no mundo que lhe é oferecido, pondo a representação da realidade no mesmo nível de suas vivências. A linguagem da criança, através das atividades artísticas tem, por isso mesmo, uma sintaxe própria que traduz imediatamente a sua forma de percepção, de discriminação e de valorização da realidade.

Desconhecer isto pode ser, não apenas lamentável, como prejudicial à integridade interior da própria criança. Penso agora no grave êrro em que incidem os que procuram traduzir em têrmos da experiência adulta, as manifestações criadoras da criança. A um adulto o que cabe é respeitar os têrmos em que a criança põe o seu poder de expressão, olhar mais as condições ambientais e psicológicas do pequeno ser que se expressa do que a suposta validade estética daquilo que é expressado. Digamos que uma criança pinte um céu vermelho e um mar amarelo. Pode ocorrer a um adulto que deve explicar à criança que a realidade não é assim, chegando com isto a mudar o seu modo de pintar. No entanto, dentro da criança, o céu continuará vermelho e o mar, amarelo. O que o adulto fêz foi impor a sua realidade à criança. Essa forma de coação em nome da realidade, é das que inibem a criança e das que a tornam tão limitada quanto êste adulto, incapaz de perceber as nuances sensíveis da obra representada através de um processo puramente afetivo.

É essa incapacidade para perceber o verdadeiro valor da obra de arte infantil que está na base do comportamento daquêles que inventam premiar trabalhos de crianças. Êles são nocivos. Em primeiro lugar porque, movidos pelos padrões de julgamento dos adultos, pretendem fazer aferições dêsses padrões nos trabalhos infantis. Depois, porque descuidam de que a atividade criadora faz parte de um processo que sofre diferentes transformações, de acôrdo com a capacidade, as condi -

ções psicológicas e ambientais de cada criança. Julgar que o desenho de uma criança possa ser melhor que o de outra, é tão inconsequente quanto julgar a qualidade da alegria ou da felicidade de duas crianças que brincam. Se do ponto de vista do adulto é ingênua e inconsequente esta forma de julgamento, já do ponto de vista da criança só poderá ser desastrosa. Desastrosa para a criança que vence, pois pode induzi-la a confinar-se aos limites dos padrões do julgamento. Poderá ela abandonar a sua visão das coisas para seguir servilmente os padrões consagrados, tornando-se vítima de um sucesso válido para um mundo que ainda não é o seu. Mais desastroso ainda é o julgamento para a criança que se vê preterida - e por motivos que, de tão óbvios podemos passar por cima.

Para a criança, o ato de criar é mais importante que o trabalho realizado, e qualquer crítica ou análise que se faça da atividade artística infantil só terá sentido se feita em relação ao criador, tanto em função do meio em que vivemos como suas condições psicológicas. O mundo está cheio de pessoas que, quando crianças ganharam inúmeros prêmios de canto, desenho, dança, etc. e que, uma vez adultos, acabam como certos burocratas, de sensibilidade viciada, que não pressentem a existência de valores artísticos e que nem sequer têm olhos para, da janela de sua repartição, descobrirem a paisagem.

Convidado, em 1956, para ser membro de júri de um concurso de arte infantil promovido pelo Museu Nacional de Belas Artes, não aceitei o convite, lembrando em carta ao diretor dessa instituição, que já em 1853 o educador e filósofo Spencer dizia: "Não importa se a criança faz bons ou maus desenhos, mas saber se ela desenvolveu ou não suas capacidades". Além de compreendermos êsse pensamento do educador inglês, temos ainda bem viva em nossa mente a experiência dos resultados negativos apresentados pelos colégios com a premiação de alunos nas classes de desenho, supervalorizando alguns e inibindo muitos.

Tôda criança tem necessidade de se expressar livremente, fazê-la participar da alegria criadora, através de um clima de compreensão e confiança, é melhor recompensa que lhe pode dar o educador. A arte, através de seus bimbolos dá curso ao ajustamento da vida emocional, facilita o exercício da disciplina interior, cria condições propícias à aprendizagem formal da escola porque é fator de integração e de desenvolvimento harmonioso da personalidade. Por tudo isso, a criança precisa participar da alegria de criar. Melhor que o prêmio ou a distinção especial é para a criança, o encontrar-se a si própria através do exercício, em liberdade, de seu inesgotável poder inventivo. Ao educador que atentar para isto, mostrando simpatia e respeito pela forma especial de expressão de cada criança, que lhe seja dado o reino dos céus. Ao resto, o resto ..

ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL
CURSO : DANÇA NA EDUCAÇÃO

DURAÇÃO: de janeiro a fevereiro de 1963
HORÁRIO: das 10,00 às 11,30 horas
LOCAL : Escolinha de Arte do Brasil
Av.Mar. Câmara, 314 - 4º andar

1. OBJETIVOS :

- dar aos educadores, artistas e interessados em arte e educação idéias e possibilidade para a valorização da dança usada criativamente na educação em geral ;
- possibilitar conhecimento da importância da dança para o desenvolvimento da personalidade do educando ;
- estimular iniciativas e experiências, visando à integração da dança na educação em geral.

2. PROGRAMA :

- 22 jan. 3ª feira - Dança contemporânea
- 25 jan. 6ª feira - Importância e projeção da dança contemporânea em relação à criança
- 29 jan. 3ª feira - Ritmo, música, palavra e silêncio como forças de expressão e comunicação com a criança. Classe de dança e sua estrutura
- 1 fev. 6ª feira - O caminho da criação - o silêncio
- 5 fev. 3ª feira - A dança e sua influência na criança problema. A dança e o adolescente
- 8 fev. 6ª feira - Como realizar um espetáculo de dança para crianças
- 12 fev. 3ª feira - Demonstração de trabalho com crianças-observação de classe de dança para crianças
- 15 fev. 6ª feira - Observações gerais - considerações sobre a experiência observada
- 19 fev. 3ª feira - Projeção de filmes sobre dança contemporânea.

3. MATRICULA :

- taxa única de Cr\$ 5 000,00 no ato de inscrição
- 1 retrato 3 x 4
- preenchimento de fichas de inscrição

Será distribuído certificado de frequência do curso aos alunos que tiverem até 70% de frequência.

ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL

1963

CURSO INTENSIVO DE ESTAMPAGEM EM TECIDO
ORGANIZADO PARA PROFESSORES, ARTISTAS E
INTERESSADOS EM ESTAMPAGEM, A CARGO DO
ARTISTA PEDRO CORRÊA DE ARAÚJO

TURMA : 12 alunos
DURAÇÃO : 14 de janeiro a 14 de fe
vereiro
HORÁRIO : das 14,00 às 16,30 horas
às segundas e quartas-fei
ras
LOCAL : Escolinha de Arte do Bra
sil

OBJETIVOS DO CURSO :

- . Proporcionar ao aluno conhecimentos e experiências criadoras que possam levá-lo à prática da estampagem;
- . Estimular iniciativas e dar, ao aluno, possibilidade de trabalho de pesquisa para entrosamento de novas experiências na escola.

PROGRAMA DO CURSO :

- . Processo silk-screen
- . Processos de aplicação livre
- . Orientação especial para o preparo e emprêgo de tintas e outros materiais

Taxa Única: R\$ 10 000,00 (dez mil
cruzeiros)

Todo material por conta da Escoli -
nha, com exceção do tecido (pincéis,
tinta, solução e outros materiais de
estampagem).

ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL
Av. Marechal Câmara, 314-4º andar
Rio de Janeiro - GB

ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL

1963

CURSO INTENSIVO DE ESMALTAÇÃO EM COBRE
ORGANIZADO PARA PROFESSORES, ARTISTAS
E INTERESSADOS EM ESMALTAÇÃO, A CARGO
DO ARTISTA PEDRO CORRÊA DE ARAÚJO

TURMA : 10 alunos
DURAÇÃO : 20 de agosto - 25 de setembro
HORÁRIO : das 9,30 às 11,30, às terças e quintas-feiras
LOCAL : Escolinha de Arte do Brasil

OBJETIVOS DO CURSO :

1. Proporcionar ao aluno conhecimentos sobre esmaltação em cobre e experiências que possam levá-lo à prática dessa atividade ;
2. Dar, ao aluno interessado em arte e educação, possibilidade de trabalho de pesquisa, visando entrosamento de novas experiências na escola.

PROGRAMA DO CURSO :

1. Material :
 - confecção de forno para esmaltação em cobre
 - preparo de esmaltes
 - tipos de esmalte
2. Técnicas de esmaltação em cobre

Taxa Única: C\$ 20 000,00 (vinte mil cruzeiros)

Parte do material fornecido pela Escolinha: esmalte e todo material do forno. Cada aluno fará seu forno

ESCOLINHA DE ARTE DO BRASIL
Av. Marechal Câmara, 314-4º andar
Rio de Janeiro - GB